



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO**

**ISABELA LOPES FIGUEIREDO**

**O USO TURÍSTICO DO JARDIM BOTÂNICO DO INHOTIM E SUAS  
POTENCIALIDADES PARA A SENSIBILIZAÇÃO AMBIENTAL**

**OURO PRETO, MG**

**2021**

**ISABELA LOPES FIGUEIREDO**

**O USO TURÍSTICO DO JARDIM BOTÂNICO DO INHOTIM E SUAS  
POTENCIALIDADES PARA A SENSIBILIZAÇÃO AMBIENTAL**

Monografia apresentada ao Curso de  
Turismo da Universidade Federal de Ouro  
Preto, como requisito para a obtenção do  
título de Bacharel em Turismo.

Orientadora: Dra. Alissandra Nazareth de Carvalho

Banca avaliadora: Isabela B Frederico

Dr. Marcos Knupp

Dr. Rodrigo Burkoswki

**OURO PRETO, MG**

**2021**



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Isabela Lopes Figueiredo**

O USO TURÍSTICO DO JARDIM BOTÂNICO DO INHOTIM E SUAS  
POTENCIALIDADES PARA A SENSIBILIZAÇÃO AMBIENTAL

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Turismo, da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Turismo

Aprovada em 27 de agosto de 2021

### Membros da banca

1º Avaliador: Prof. Dr. Rodrigo Burkowski - Universidade Federal de Ouro Preto

2º Avaliador: Profa. Dra. Isabela Barbosa Frederico

3º Avaliador (orientador): Profa. Dra. Alissandra Nazareth de Carvalho - Universidade Federal de Ouro Preto

Profa. Dra. Alissandra Nazareth de Carvalho, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 03 de setembro de 2021.



Documento assinado eletronicamente por **Alissandra Nazareth de Carvalho, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 08/09/2021, às 12:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0214146** e o código CRC **19468F06**.

Presente, passado e futuro.

Manifestações do tempo rei, movimento eu.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à natureza e a vida. Agradeço às mutações que permitiram tudo. À sombra e água fresca. Agradeço o agora.

Agradeço tanto pela minha prole, pinchers e vira-latas.

Agradeço imensamente a orientação da Dra. Isabela Frederico, e suas preciosas colocações para este trabalho e para a vida fora dele também.

E por tudo que tudo isso me diz e não cabe aqui.

Escrevi todas essas palavras percorrendo mentalmente os espaços do jardim botânico do Inhotim. Aconselho, se possível, que você faça o mesmo.

A autora.

## RESUMO

**RESUMO** - O presente estudo teve como objetivo identificar potencialidades do Jardim Botânico do Inhotim associadas ao âmbito da Educação Ambiental, e debater o uso turístico do espaço através do estudo de caso. Pretendemos com este estudo desenvolver reflexões sobre o desenvolvimento de uma educação ambiental orientada por pressupostos associados à sensibilidade, emoção e afetividade em um ambiente cuja inspiração para o contato com a natureza é lapidada também por aspectos artísticos, tão logo associados à subjetividade da experiência humana. Este trabalho se justifica, portanto, uma vez que contribui com o cenário escasso de pesquisas encontrado no âmbito da sensibilização ambiental em jardins botânicos, contribuindo juntamente com as ações de educação ambiental promovidas pela instituição. Foi realizada entrevista semiestruturada com o setor educativo do Instituto como ponto de partida para aplicação do questionário qualiquantitativo junto aos visitantes em campo. Utilizado ainda o método da Observação Participante a completar as propriedades desta pesquisa. Dessa forma os resultados demonstram o potencial do JBI para sensibilizar ambientalmente os visitantes através de vivências como vias de aprendizagem marcada pelos estímulos sensoriais e indissociável presença do âmbito afetivo. O trabalho paisagístico por si só demonstrou despertar emoções e desejos nos visitantes, enquanto a prática da mediação como contato dirigido contribuiu com a construção de uma consciência ambiental mais crítica dos participantes.

**Palavras-chave:** Inhotim; Educação Ambiental; Sensibilização Ambiental; Jardins Botânicos.

## **ABSTRACT**

**ABSTRACT** - This study aimed to identify potentialities of the Inhotim Botanical Garden associated with the scope of environmental education, and to debate the tourist use of the space through the case study. With this study, we intend to develop reflections on the development of an environmental education guided by assumptions associated with sensitivity, emotion and affectivity in an environment whose inspiration for contact with nature, also shaped by artistic aspects, as soon as associated with the subjectivity of human experience. This work is justified, therefore, as it contributes to the scarce research scenario found in the context of environmental awareness in botanical gardens, contributing together with the environmental education actions promoted by the institution. It carried out a semi-structured interview with the educational sector of the Institute as a starting point for applying the qualitative questionnaire to field visitors. The Participant Observation method also used to complete the properties and object of this research. Thus, the results demonstrate the potential of JBI to sensitize visitors to the environment through experiences as learning pathways marked by sensory stimuli and the inseparable presence of the affective sphere. The landscaping work in itself demonstrated to arouse emotions and desires in the visitors, while the practice of mediation as directed contact contributed to the construction of a more critical environmental awareness among the participants.

**Keywords:** Inhotim; Environmental education; Environmental Awareness; Botanical Gardens.

## LISTA DE FIGURAS E TABELAS

### Figuras:

Figura 1 Percurso Visita Panorâmica. ....	34
Figura 2 Percurso Visita Especial Curador Botânico. ....	35
Figura 3 Percurso Visita Volta ao Mundo. ....	36
Figura 4 O Turismo Alternativo. ....	54
Figura 5 Vale do Paraopeba, que segue o curso do rio de mesmo nome. ....	62
Figura 6 Jardim de Todos os Sentidos. ....	69
Figura 7 Distribuição da faixa etária da amostragem. ....	72
Figura 8 Motivações da amostra. ....	74
Figura 9 Tempo de duração da visita. ....	80
Figura 10 Turistas observado em momento de contemplação no Espaço Tamboril. .....	83
Figura 11 Distribuição da parcela não participante de mediação por local de aplicação do questionário. ....	85
Figura 12 Sensações declaradas pelos visitantes durante a visita no JBI. ....	87
Figura 13 Avaliação sobre a disponibilidade de informativos no JBI. ....	89
Figura 14 Placas anteriores com demarcação de do local de origem dos espécimes ex situ botânicos. ....	90
Figura 15 Novo emplacamento etnobotânico sendo instaurado no Jardim Sombra e Água Fresca. ....	91
Figura 16 Avaliação de integração entre os acervos artístico e botânico pelos visitantes do Inhotim. ....	92
Figura 17 Percepção da importância das plantas para a vida humana através do Paisagismo. ....	94
Figura 18 Aspecto racional e emocional na percepção dos visitantes. ....	96
Figura 19 Percepção dos sentidos no JBI (Grupo A). ....	97
Figura 20 Nuvem de respostas referente ao sentido da visão. ....	97
Figura 21 Nuvem de respostas referente ao sentido da audição. ....	98
Figura 22 Distribuição dos participantes por atividade de mediação. ....	100
Figura 23 Sensações declaradas pelos visitantes durante a visita no JBI. ....	102
Figura 24 Percepção sensorial Grupo B. ....	104
Figura 25 Aspectos visuais ressaltados pelos visitantes grupo B. ....	104
Figura 26 Percepção sensorial da Audição para o grupo B. ....	105
Figura 27 Mudanças de cigarra entre os elementos variados dispostos para interação. .....	106
Figura 28 Percepção sentido Paladar do Grupo B. ....	107

## **Tabelas:**

Tabela 1: Cronograma de atividades realizadas. ....	28
Tabela 2: Distribuição de frequência da Observação Participante nos espaços. ....	31
Tabela 3: Distribuição de aplicação dos métodos por local e grupo de estudo. ....	32
Tabela 4: Panorama geral das atividades mediadas em estudo. ....	33

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS:**

EA – Educação Ambiental

JBI- Jardim Botânico do Inhotim

CONAMA- Conselho Nacional do Meio Ambiente

CNJB- Conselho Nacional de Jardins Botânicos

UFOP- Universidade Federal de Ouro Preto

UNESCO- Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

RPPN- Reserva Particular do Patrimônio Natural

JBRJ- Jardim Botânico do Rio de Janeiro

UNESP- Universidade Estadual Paulista

UFF-Universidade Federal Fluminense

COEPI- Conselho de e Pesquisa do Inhotim

QA- Questão Ambiental

DS- Desenvolvimento Sustentável

ONU- Organização das Nações Unidas

CMMAD- Comissão Mundial para o Meio Ambiente e Desenvolvimento

CNUMAD- Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável

SS- Sociedades Sustentáveis

PIEA- Programa Internacional de Educação Ambiental

PNMA- Política Nacional do Meio Ambiente

PNEA- Política Nacional de Educação Ambiental

MEC- Ministério da Educação

SEMA- Secretaria Especial do Meio Ambiente

PCN- Parâmetros Curriculares Nacionais

OMT- Organização Mundial do Turismo

TA- Turismo Alternativo

TC- Turismo Cultural

UC- Unidade de Conservação

ICMBIO- Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

SNUC- Sistema Nacional de Unidades de Conservação

ICOM- International Council of Museums

MAC- Museu de Arte Contemporânea

MP- Museu Paisagem

BGCI- Botanic Garden Conservation International

MPAC- Museu Paisagem de Arte Contemporânea

GSPC- Global Strategy for Plant Conservation

## SUMARIO

INTRODUÇÃO .....	14
1. PERCURSO METODOLÓGICO .....	21
1.2 O Desenrolar Da Pesquisa: Movimentos, Escolhas e Caminhos Adotados .....	28
2. REFERENCIAL TEÓRICO .....	37
2.1 A Emergência Da Questão Ambiental .....	37
2.2 Educação Ambiental: Histórico E Conceitos .....	45
2.3 Ecoturismo E Sensibilização Ambiental: Jardim Botânico Do Inhotim .....	52
2.3.1 O Turismo Cultural e o Ecoturismo .....	53
2.3.2 A RPPN Inhotim e seu Jardim Botânico: aspectos gerais .....	60
3. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS .....	71
3.1 Caracterização Do Turista E Aspectos Gerais Da Visitação .....	71
3.2 A Vivência Do Inhotim E Suas Possíveis Relações Com A Educação Ambiental .....	84
3.2.1 Amostra Não Participante de Mediação (GRUPO A) .....	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	108
REFERÊNCIAS .....	111
APENDICE .....	117

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho está inserido na dicotomia existente entre indivíduo e natureza à luz da Educação Ambiental (EA). Esta, considerada uma das premissas centrais que compõe a tríade do ecoturismo<sup>1</sup> (PIRES, 1998) e, portanto, o lazer em áreas naturais, propõe e facilita processos de sensibilização ambiental orientados para a construção de uma sociedade mais justa e sustentável.

Inseridos nessa temática central, a presente pesquisa objetiva discutir essas potencialidades, inerentes ao campo da EA, em jardins botânicos<sup>2</sup>, como locais propícios à prática do ecoturismo. Para tanto, nossa investigação propõe desenvolver um olhar empírico sobre a referida pauta no Jardim Botânico do Inhotim (JBI)<sup>3</sup>, localizado em Brumadinho, no estado de Minas Gerais. Este, de caráter singular no cenário artístico e de conservação natural, congrega “um dos mais relevantes acervos de arte contemporânea do mundo e uma coleção botânica que reúne espécies raras e de todos os continentes” (INHOTIM, s.d.)<sup>4</sup>. O JBI, todavia, se posiciona como um dos mais destacados atrativos turísticos do estado de Minas Gerais, distando aproximadamente 36km de Belo Horizonte, capital do estado.

Pretendemos com este estudo desenvolver reflexões sobre o desenvolvimento de uma educação ambiental orientada por pressupostos associados à sensibilidade, emoção e afetividade em um ambiente cuja inspiração para o contato com a natureza é lapidada também por aspectos artísticos, tão logo associados à subjetividade da experiência humana.

---

<sup>1</sup> Em conjunto à preservação ambiental e o envolvimento das populações locais.

<sup>2</sup> O Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA) entende por jardim botânico “(...) a área protegida, constituída no seu todo ou em parte, por coleções de plantas vivas cientificamente reconhecidas, organizadas, documentadas e identificadas, com a finalidade de estudo, pesquisa e documentação do patrimônio florístico do País, acessível ao público, no todo ou em parte, servindo à educação, à cultura, ao lazer e à conservação do meio ambiente” (CONAMA, Resolução 339).

<sup>3</sup> Recebe o título de Jardim Botânico no ano de 2010, pela Comissão Nacional de Jardins Botânicos (CNJB).

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://www.inhotim.org.br/mobile/sobre/>>. Acesso em 08/04/2019.

Nesse contexto, os objetivos específicos estão orientados a: 1) apresentar o histórico de atividades associadas à educação ambiental disponíveis no local; 2) identificar potencialidades do JBI que podem ser utilizadas no âmbito da educação ambiental; 3) debater o uso turístico do JBI por meio de um estudo de caso. Pretendemos assim colaborar para uma rede mais ampla de pesquisa, no qual são explorados os aspectos de uma educação ambiental, voltada às sensibilidades, em espaços não formais de educação<sup>5</sup>, associados às práticas de lazer e de turismo.

A inspiração para o desenvolvimento desta pesquisa se deu por meio do aprofundamento e estudo das questões relativas ao universo da Sustentabilidade. Contato este provido através das disciplinas da graduação do curso de Turismo da UFOP, no qual me encontrava inserida. No âmbito da EA, podemos observar que as questões relacionadas aos impactos do comportamento humano na qualidade e manutenção da vida no planeta são desafiadoras em múltiplas perspectivas: científica, cultural, cognitiva, socioeconômico, afetiva; sendo profundamente enraizadas na dicotomia homem x natureza (cultura e natureza), sustentada pela racionalidade ocidental.

É nesse cenário que observamos o avanço da perspectiva da sensibilização ambiental<sup>6</sup> como caminho facilitador de uma aproximação entre ambas as instância supracitadas. Nesse sentido, o JBI configura-se também como um espaço frutífero para as reflexões nesse caminho, uma vez que em seu bojo traz a possibilidade central de uma experiência turística mais fluída entre o campo das artes e da natureza.

Para um possível florescimento de uma nova sensibilidade ambiental, acreditamos ser necessária uma profunda transformação de valores, capazes de inspirar comportamentos, nos níveis individuais e

---

<sup>5</sup>Geralmente concebidos para descrever lugares, diferentes da escola, onde é desenvolvido atividades educativas (JACOBUCCI, 2008).

<sup>6</sup> Para NEIMAN (2007), a transposição do enfoque racional para a dimensão emotiva e espiritual da pessoa humana com a natureza (Sensibilização Ambiental), atingem mais eficientemente o objetivo de converter comportamentos em comportamentos próambiente, justamente enraizadas na força dessas dimensões. Por agregar educação com atividades lúdicas e turismo, a Interpretação Ambiental é um poderoso instrumento de sensibilização e ressignificação, transformando através de valores e conhecimentos.

coletivos, em direção a um reencantamento com a natureza (MOSCOVICI, 2006), onde conhecimento científico estabeleça pontes com outras dimensões e saberes existentes, dentre eles o artístico e estético. Essa possível adoção de novos hábitos carece, portanto, de ações e vivências que proponham rupturas e ressignificações no campo da cognição, da afetividade e do conhecimento (NEIMAN 2007, 41-45). Campos de estudo distintos, mas que se interacionam na abordagem da sensibilização ambiental.

Em análises bibliográficas preliminares (PEREIRA & COSTA, 2010; WILLISON, 2003; SAÍSSE & RUEDA, 2008), notamos limitada ocorrência de pesquisas desse gênero nos jardins botânicos brasileiros. Segundo Plano de ação para os jardins botânicos brasileiros de 2004, há em todo território nacional 34 espaços dessa natureza, cadastrados em território nacional. A concepção dessa espécie de pesquisa demonstrou maior extensão no Continente Europeu, onde a tradição dos jardins é secular.

Os jardins expressam ao longo de sua materialidade, as relações entre a civilização humana e a natureza. Como aponta a Carta de Florença (1981), no âmbito da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura), “lugar de deleite, (...), o jardim toma o sentido cósmico de uma imagem idealizada de mundo, um paraíso no sentido etimológico da palavra”. Nesse ponto, buscamos contribuir com a lacuna de pesquisas em Jardins Botânicos brasileiros, utilizando o Instituto Inhotim de Arte Contemporânea e Jardim botânico (ênfase nesse último) como estudo de caso e laboratório vivo para a análise e investigação pretendida<sup>7</sup>.

Conforme já apontado brevemente, o Instituto Inhotim<sup>8</sup> ao se consagrar como um dos mais importantes museus a céu aberto do Brasil e do mundo, se apresenta como um *lócus* de estudo impar para aqueles que

---

<sup>7</sup> No mundo, unindo natureza e arte no mesmo lugar podemos citar o Gibbs Farm na Nova Zelândia, Musée Rodim na França, The Hakone Open Air Museum no Japão e a Fundación Pablo Atchugarry no Urugua. No Brasil assemelha-se à Oficina Brennand em Recife.

<sup>8</sup> O Instituto Inhotim é um museu de arte contemporânea e Jardim Botânico considerado o maior museu a céu aberto do mundo, eleito pelo Travelers' Choice Museums, promovido pelo TripAdvisor, um dos maiores sites especializados em viagem do mundo. Localiza-se no município de Brumadinho, há 60 quilômetros de Belo Horizonte capital mineira. Aberto ao público desde 2006, possui a marca de mais de 3 milhões de visitantes. (INHOTIM, 2019)

desejam se debruçar sobre as temáticas apontadas ao longo desta introdução e suas conexões com o campo do Turismo.

Em um recorte mais particular, apontamos a sua especificidade enquanto área natural protegida, chancelada pela categoria de RPPN (Reserva Particular do Patrimônio Natural), na qual o Instituto se insere desde 2014. Ainda nesse sentido, a lei no 9.985, de 18 de julho de 2000, em seu art.27, inciso XVI reitera o fortalecimento e a importância destes espaços para a promoção e o incentivo de atividades de educação ambiental. Tal fato fortalece também, desde uma perspectiva jurídica a relevância de iniciativas e pesquisas de educação ambiental nestas áreas.

Outrossim, o Instituto é reconhecidamente matriz de desenvolvimento da cidade de Brumadinho, localizada a 60 quilômetros da capital Belo Horizonte em Minas Gerais. A região do Vale do Paraopeba, tem sido factualmente impactada pelo uso indiscriminado dos recursos naturais, em decorrência da atividade mineradora historicamente estabelecida em seu território. Nesse sentido, gostaríamos também de colaborar com reflexões sobre de atividades capazes de promover alternativas de desenvolvimento econômico para a região, como o Turismo orientados às questões ambientais e culturais.

Alinhados a tal premissa, ressaltamos a proximidade do Instituto com a Universidade Federal de Ouro Preto (na qual este trabalho se desenvolveu) e o compromisso ético da universidade pública em realizar pesquisas que possam, de alguma maneira, contribuir para o desenvolvimento social e sustentável da região.

Considerando o cenário apresentado até aqui, sustentamos a hipótese da efetiva potencialidade do JBI para vivências de educação ambiental, orientadas pela sensibilidade e subjetividade. Acreditamos que os jardins botânicos carregam em seu âmago possibilidades ainda pouco exploradas para as questões ambientais, durante atividades e vivências turísticas.

Por intermédio de nosso estudo de caso, e de seu histórico de atividades organizadas voltadas ao tema para o grande público<sup>9</sup>, pretendemos também avaliar a eficácia de experiências com e sem orientação (voltadas à educação ambiental) nesses espaços. Ou seja, seriam os jardins botânicos espaços espontâneos para uma educação ambiental crítica? Ou, embora potencialidade expressa, estes também carecem de atividades e/ou oficinas específicas e previamente planejadas para se atingir tal objetivo? Nesse sentido e orientados por estes questionamentos, vislumbramos também no JBI uma oportunidade ímpar para tais observações e análises uma vez que o mesmo nos apresenta ambas as realidades para o estudo empírico, como veremos mais adiante.

De maneira a situar nosso leitor, esclarecemos que o texto está estruturado em três capítulos. O primeiro apresenta o percurso metodológico, isto é, a abordagem adotada, escolha e aplicação de métodos, esclarece os caminhos e posturas adotadas ao longo da pesquisa de campo no JBI, bem como as etapas fundamentais que antecederam o mesmo. Abordamos também os aspectos gerais que nortearam nossa análise dos dados coletados.

De maneira breve, esclarecemos que este percurso se deu em três etapas. A primeira consistiu numa pesquisa bibliográfica e documental para construção de referencial teórico e embasamento da pesquisa. Seguida de entrevista semiestruturada com o Setor Educativo do Instituto Inhotim, a qual fornece-nos dados primários importantes sobre o histórico e a situação atual do jardim botânico, bem como os objetivos propostos pelo Instituto para o mesmo. Destacamos como terceira etapa a análise empírica do JBI como estudo de caso para as questões aqui propostas.

No segundo capítulo apresentamos o delineamento teórico, com a revisão bibliográfica sobre os grandes temas associados aos objetivos propostos. Iniciamos com um debate mais reflexivo sobre a questão ambiental e a percepção de uma crise associada à racionalidade moderna e à ruptura entre as dimensões cultura e natureza. Nesse sentido, vertentes como o antropocentrismo e a ética cartesiana são apontados como elementos

---

<sup>9</sup> Conforme discutiremos mais adiante.

fundamentais para uma carência contemporânea de revisão de valores. Desta maneira, a educação ambiental também é contextualizada, ao considerarmos esta como uma das práticas de relevante potência para o rompimento de tais instâncias supracitadas.

Nesse sentido, tratamos do surgimento da educação ambiental (EA), a sequência temporal de seus eventos e o amadurecimento de suas propostas e práticas.

Por fim, traçamos considerações breves sobre o turismo cultural, enquanto modalidade mais evidente em um contexto museológico como o expresso no Inhotim. Porém centramos nossos esforços em apresentar também o ecoturismo como um seguimento importante para o contexto do Inhotim, uma vez que este apresenta dois espaços relevantes no cenário conservacionista, como o jardim botânico e a própria RPPN. Embora nosso texto disserte de maneira estanque tais modalidades, prática bastante adotada no universo mercadológico pela operacionalização de estratégias comerciais específicas, destacamos aqui o nosso anseio de superar tais divisões, uma vez que é nosso objetivo e do referencial estudado a superação de categorias dissociadas como cultura e natureza. Interessamo-nos, portanto, em acrescentar e refletir sobre como elementos como arte e ambiente podem e devem ser vislumbrados de forma mais fluída e complementar, ao longo das práticas turísticas.

Além desses elementos, este capítulo finaliza sua missão contextualizando o JBI, apresentando conceitos chave sobre jardins botânicos e também descrevendo elementos importantes relacionados ao espaço do Inhotim. Nesse contexto, dados coletados na primeira fase de nossa pesquisa já podem ser observados neste espaço. Discute-se aqui a visão e os anseios existentes no setor educativo do Inhotim para o jardim e suas possibilidades no âmbito da educação ambiental. Para tanto, exemplos de atividades/projetos realizados são descritos e apresentados.

Por fim, o terceiro capítulo traz a apresentação e análise exploratória e descritiva dos dados coletados ao longo da pesquisa de campo. Neste espaço discutimos com maior profundidade os resultados associados aos objetivos específicos e questionamentos inerentes à investigação. O

capítulo é então construído mediante as informações reunidas ao longo das observações e dos questionários aplicados junto aos turistas e visitantes do JBI, sejam aqueles que tiveram uma experiência/vivência espontânea com o lugar, como também aqueles que puderam participar de oficinas/atividades específicas de educação ambiental no jardim.

Após tal percurso, apresentamos então as considerações finais, nas quais reunimos as reflexões sobre o cenário observado e suas conexões/potencialidades com o arcabouço teórico estudado. Esperamos desta maneira uma contribuição inicial para futuros trabalhos que envolvam os temas relativos ao uso turístico dos jardins botânicos e suas inspirações para o campo da educação ambiental não formal.

## **1. PERCURSO METODOLÓGICO**

Neste capítulo apresentamos o quadro metodológico utilizado e o percurso do mesmo. Primeiramente discutimos a abordagem metodológica, a seleção dos instrumentos de pesquisa e os motivos para a escolha da mesma.

Posteriormente, abordamos os aspectos empíricos de pesquisa, onde são descritos os processos de desenvolvimento da mesma, as dificuldades encontradas e os caminhos escolhidos para se alcançar os objetivos da investigação.

### **1.1. A Escolha Dos Métodos e Instrumentos**

Para percorrer nossos objetivos e questionamentos, utilizamos uma abordagem quali-quantitativa. Foram dois os atores estudados ao longo da investigação: os turistas do JBI e o setor educativo do Instituto. Nesse sentido, inserido na dimensão qualitativa, realizamos uma vasta pesquisa bibliográfica sobre educação ambiental em jardins botânicos. Essa primeira etapa nos forneceu arcabouço teórico inclusive para a entrevista realizada com o setor educativo. Em complemento, os dados quantitativos foram proporcionados pelo questionário semiaberto (apêndice 2) aplicado em pesquisa de campo. De maneira complementar, utilizamo-nos também da observação participante para dar suporte e embasamento qualitativo aos resultados obtidos nos questionários.

No âmbito das pesquisas sociais utilizamos da pesquisa Survey, uma vez que a mesma inteiramente viabiliza executar os objetivos dessa pesquisa. O método de investigação Survey permite coletar dados e informações a partir de características e opiniões do grupo de indivíduos, extrapolado para todo o universo em estudo. Abarcou aqui a abordagem quali-quantitativa, podendo ser aplicado à totalidade do objeto de estudo (BABBIE, 2003).

De maneira a justificar a adoção dos respectivos instrumentos de pesquisa, optamos por realizar uma entrevista semiestruturada com o Setor educativo do Instituto. A entrevista enquanto técnica privilegiada de comunicação, onde a investigativa diretamente se refere a reflexão do próprio sujeito sobre a realidade que vivencia, possibilitou a manifestação deste gestor para o aperfeiçoamento desta pesquisa (DESLANDES & MINAYO, 2015).

Organizamos as perguntas em três blocos principais: Espaço, EA e Turismo. No tópico Espaço, buscamos compreender as inter-relações entre os diferentes usos dos espaços (RPPN e Jardim Botânico e museu) e objetivos para com os mesmos. No tópico EA, atentamos aos objetivos da EA que é realizada, quais são suas abordagens e o histórico de realização dos projetos. Por último, no tópico Turismo, levantamos uma síntese explicativa sobre o assunto. Buscamos entender o fator turístico do JBI para o Inhotim.

As informações coletadas aqui junto ao referencial bibliográfico forneceram arcabouço substancial para o planejamento da pesquisa. Isto é, a construção do modelo de questionário a ser aplicado aos turistas, bem como o estabelecimento de uma agenda de observação empírica, realizada ao longo da pesquisa de campo.

No universo quantitativo, o questionário foi o instrumento que enquadrou os moldes de nossa investigação, colocado por Gil (1999, p.128), como a “técnica de investigação (...) composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.” O que nos permitiu reunir e debater dados da esfera da subjetividade humana a que nos dedicamos.

A principal influência para elaboração deste questionário foi o estudo realizado por Neiman (2007). Para o autor a transposição do enfoque racional para a dimensão emotiva e espiritual da pessoa em contato com a natureza percorrem mais eficientemente o caminho de converter comportamentos. Em sua extensão o autor elaborou uma metodologia base para investigar aspectos da dimensão perceptiva e afetiva de turistas em contato com áreas naturais. Assim, adaptamos o instrumento de pesquisa à

realidade dos jardins botânicos e as possibilidades desta pesquisa, investigada in loco.

Primeiramente é coletado dados demográficos dos visitantes como idade, sexo, local de origem, e levantado algumas questões pertinentes à visitação como destino final e se o visitante já realizou visitas anteriores ao local.

Buscamos adentrar no mundo dos visitantes e compreender de que maneira a questão ambiental é percebida pelo indivíduo no seu cotidiano. É importante gerar esse panorama reflexivo com a cotidianidade e a QA uma vez que a interpretação deste circundam a conjuntura da experiência de visitação no que atinge a EA, e conseqüentemente o caminho para uma possível mudança de paradigma em relação à percepção ambiental.

Da mesma maneira é investigado a percepção do indivíduo sobre a materialidade da QA no entorno, relacionada à extensa atividade mineradora in loco, e investigamos de que maneira esse conhecimento influenciou a visita dos mesmos ao local. Esse paralelo é necessário para que seja investigado como é percebido o contraste sensorial entre as atividades realizadas no entorno e pelo Inhotim.

Nesse âmbito, é investigado também como as pessoas enxergam a relação delas com a atividade de mineração no seu cotidiano. É importante entender este paralelo uma vez que ele pode evidenciar o nível de proximidade da amostra com as noções de interdependência e sistemas interligados que existem entre o cotidiano, as cidades, a vida, e a natureza, ilustrando assim o entendimento de um macro e microcosmos indissociável da QA.

Ainda dentro da investigação do universo da QA, questionamos o público sobre o conhecimento da existência da RPPN Inhotim ali estabelecida, o que pode ser interpretado como maior ou menor nível de familiaridade com conceitos e soluções pertinentes a este âmbito. Por fim exploramos as motivações que os levaram a visitar o local. A compreensão das motivações é pertinente ao passo que o estímulo (fator de motivação) pode indicar auspiciosos caminhos para se pensar o universo da sensibilização.

Esse primeiro momento foi importante porque viabilizou trazer a realidade diária do visitante para a imersão no JBI. Acreditamos que esse

momento de contraste pode gerar novas formas reflexivas perante a natureza, inserido num espaço como novos estímulos e possibilidades.

No segundo momento é voltado total atenção para os aspectos perceptivos e sensoriais dos turistas, pautado pelas vivencias e emoções experimentadas no JBI. Aspectos analíticos como duração de visitação foram considerados, visto o desacerto com uma EA continuada e dirigida, mas que é refletida nos âmbitos acima citados.

Igualmente, foi investigado as possíveis ligações feitas durante a experiência no JBI com a realidade cotidiana dos participantes. Essa questão é estratégica na investigação, uma vez que a mesma reflete aprendizados, vivencias sensações, percepções, etc, sobressaídas da experiência de imersão para realidade e hábitos do cotidiano.

Este estudo busca demarcar as potencialidades deste lugar como espaço de indução para novos significados e desejos em relação a natureza; uma reflexão ambiental através de vivencias. Consideramos importante refletir sobre aspectos da percepção e afetividade, afim de construir memorias e aprendizados firmados na emoção, aqui tida como forte base do aprendizado.

A partir daí utilizamos de escalas numéricas 0-10, onde 0 é muito insatisfeito e 10 é plenamente satisfeito, para que fosse possível trabalhar quantitativamente os dados, aliado ao complemento qualitativo dos aspectos perceptivos e sensoriais.

Listamos uma serie de sensações pertinentes à investigação da potencialidade para uma sensibilização ambiental, e pedimos que as pessoas desse uma nota para cada uma delas referente a experiência com o JBI. As sensações foram: Tranquilidade; Deslumbramento; Contemplação; Reflexão; Curiosidade; Criatividade; Introspecção; Extroversão; Integração com o espaço; Espiritualidade e Integração com os visitantes.

Quanto ao aspecto racional da visitação, foi questionado a interferência de elementos informativos disponíveis para a vivencia. Esse aspecto vai evidenciar o caráter dirigido da EA, transfigurado nos esforços do setor educativo em estreitar a relação entre visitante e ambiente, inclusive da introdução da sinalização etnobotânica. É importante verificar a resposta do público como termômetro para essa iniciativa, assim como os efeitos da

mesma na experiência. Essa investigação é importante para que entendamos como o visitante recebe e retém a informação, e por quais veículos o visitante mais se informou.

No que tange a percepção do ambiente, é questionado se as pessoas percebem alguma integração entre o acervo artístico e o acervo botânico. Por ser usualmente um ambiente incomum, foi necessário que investigássemos como as pessoas enxergaram a possibilidade de vivenciarem espaços construídos, porém fortemente marcados pela presença da natureza. A percepção ambiental aqui estrategicamente pode inclusive refletir (ou não) os esforços do Inhotim em construir um espaço fluido cultural-natural, marcantes para o Instituto.

Nesse sentido, o trabalho paisagístico foi focalizado aqui na intenção de compreender seu papel como facilitador perceptivo na importância das plantas para manutenção da vida humana no planeta. Sendo o JBI foco de investigação da pesquisa, foi indispensável que deliberássemos atenção ao aspecto botânico enquanto potencialidade para a sensibilização ambiental.

Quanto aos aspectos sensoriais, pedimos que além de dar uma nota para a presença dos sentidos (visão, audição, olfato, paladar e tato) na vivência, que explicassem os elementos mais marcantes para cada um dos cinco sentidos. O que possibilitou interpretar os aspectos perceptivos de maneira quantitativa, sem perder a ênfase no caráter sensível.

E por fim, dedicamos um espaço para que as pessoas pudessem exprimir de que maneira eles se sentiram inspirados a se envolver com o mundo das artes, e claro, se sentiram inspirados a rever seus hábitos em prol do meio ambiente. Este espaço foi necessário visto a possibilidade expressão da percepção sem critério.

Optamos, como irá referendar nosso capítulo teórico, por uma vertente da educação ambiental que dá enfoque às dimensões subjetivas da existência humana, com forte crítica aos elementos cartesianos que orientam a racionalidade moderna. Desta maneira, um olhar qualitativo para os dados teve também como objetivo alcançar, ainda que de maneira desafiadora, as dimensões intuitivas e emotivas da experiência do visitante no local. Os questionários, conforme observados no Apêndice 2, também trouxeram

perguntas, entre elas algumas abertas, que tiveram como foco acessar informações individuais e sensíveis da experiência no local.

No universo do Turista, utilizamos de uma amostragem não probabilística por conveniência considerando a disponibilidade de tempo e recursos para executar a pesquisa de campo, o que permitiu selecionar parte da população acessível a qual nos interessava (BABBIE, 2003). Explicitamos também a adequação e frequência de uso da amostra para geração e ampliação de ideias em pesquisas exploratórias, fomentas pela construção de novas hipóteses sobre o tema (Kinnear & Taylor, p. 187; Churchill, p. 301 apud OLIVEIRA, 2001).

Inseridos nessa realidade, logramos alcançar uma amostra de 39 turistas com os questionários abordados (N=39). A totalidade da amostra contempla dois grupos principais formados por indivíduos não participantes de atividades de mediação (A), e pelos membros participantes de atividades (B). Assim a amostra se divide em dois grupos:

A) Turistas que **não participaram** de atividades de mediação;

B) Turistas que **participaram** de atividades de mediação.

Destacamos ainda que nossa pesquisa teve um caráter exploratório, conforme identificado lacunas de trabalhos acadêmicos no âmbito de investigação. O propósito exploratório possibilitou nos aproximar do universo pesquisado, através de um estudo conciso sobre essa temática. Tal caráter exploratório objetiva a descoberta de ideias e conhecimentos, além de proporcionar a familiarização com o fenômeno estudado, obtendo assim uma nova concepção acerca do tema (Marconi e Lakatos, 2002). Algumas exceções foram desenvolvidas nos Jardins Botânicos do Rio de Janeiro

(JBRJ)<sup>10</sup>, Jardim Botânico do Recife<sup>11</sup>, Jardim Botânico do Instituto de Biociências da UNESP- Botucatu<sup>12</sup> e Universidade Federal Fluminense (UFF)<sup>13</sup>.

Esse cenário encontrado nos levou a desenvolver também uma abordagem descritiva. Mesmo que a pesquisa descritiva possa congrega o viés qualitativo, por outro lado é justamente o seu caráter quantitativo que nos vai permitir observar, analisar e registrar os fatos e fenômenos, sem que haja margem para a manipulação dos dados (Marconi e Lakatos, 2002).

Foi possível utilizar outro método de investigação qualitativo afim de complementar a análise das respostas obtidas, o que fez surgir parte das questões aqui abordadas. A Observação Participante enquanto técnica de investigação social pressupõe a interação pesquisador/pesquisado a partir da lógica fenomenológica, onde a concepção dos fatos é dada exclusivamente pelo acontecimento dos eventos. Para Hazel (2012)

“Participant observation is a way of engaging directly with informants in a research setting, of getting to know and understand by sharing in the lives and activities of the people in question what it feels like and what it means to be part of that social situation or group.

Em sua pesquisa Neiman (2007, p.46) assume uma postura ativa inserido no grupo observado ao vivenciar das mesmas experiências que todos. Dessa mesma forma a presente pesquisadora esteve integralmente inserida no grupo na condição de igualmente visitante.

Para este método a interpretação do pesquisador tem peso relevante para análise dos resultados. Como comentado no referencial teórico,

---

<sup>10</sup> MACHADO, CARMEN SILVIA DE LEMOS MENEZES. **Ver, sentir, perceber: o Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro na visão de seu associado**. 2005. Tese de Doutorado. Dissertação. UFRJ/EICOS/Programa de pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, Rio de Janeiro. 139p.

<sup>11</sup> NASCIMENTO, L. M.; ARRUDA, A. P. D. V.; SANTOS, U. M. F. Trilhas autoguiadas e guiadas: instrumento de educação ambiental no Jardim Botânico do Recife, Brasil. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 34, p. 24-38, 2017.

<sup>12</sup> Matos, Marcos Araújo, José Luiz Chiaradia Gabriel, and Luiz Roberto Hernandez Bicudo. **"Projeto e construção de jardim sensorial no jardim botânico do IBB/UNESP, Botucatu/SP."** *Revista Ciência em Extensão* 9.2 (2013): 141-151

<sup>13</sup> BORGES, Thaís Alves; DE PAIVA, Selma Ribeiro. Utilização do jardim sensorial como recurso didático. **Metáfora educacional**, n. 7, p. 27-39, 2009.

historicamente o método de se fazer ciência subordina aspectos empíricos da participação do pesquisador. Nesse sentido ao utilizar desta metodologia, a pesquisadora se mostra ciente de seu papel, buscando contribuir com o debate da problemática da objetividade na construção das ciências (BOURDIEU 1971, apud ANDREWS, 2012, p. 216-237).

Para construir a tabulação dos dados do questionário, utilizamos o software Microsoft Excel, que permitiu gerar relatórios tabulados e gráficos, típico do tratamento de dados quantitativos. O que possibilitou levantar resultados baseado no padrão de respostas encontrado.

No tratamento de dados qualitativos, utilizamos o aplicativo Wordcloud, que cria “nuvens de palavras”. Esta ferramenta permitiu identificar as palavras mais frequentes nas respostas, o que auxiliou a identificação de padrões nos resultados. Por meio de uma contagem simples (número de ocorrências), as palavras podem aparecer em maior ou menor em escala na figura.

Destacamos então, a coerência dos métodos e técnicas utilizadas para a construção do conhecimento aqui proposto.

## 1.2 O Desenrolar Da Pesquisa: Movimentos, Escolhas e Caminhos Adotados

Uma vez explicitado o caráter metodológico da pesquisa, relatamos aqui os movimentos da investigação, e os aspectos empíricos ao longo do amadurecimento do estudo de caso. A pesquisa passou por diversas etapas descritas na tabela (Tabela 1) a seguir.

Tabela 1: Cronograma de atividades realizadas.

<b>DATA (ETAPAS)</b>	<b>ATIVIDADE</b>
Maio 2019	Reconhecimento do tema
Julho 2019	Levantamento bibliográfico e documental

Outubro 2019	Construção da fundamentação teórica
Junho 2019	Encaminhamento do projeto de pesquisa para COEPI
Setembro 2019	Realização da entrevista com o setor educativo
Outubro 2019	Pesquisa de campo
Novembro 2019	Tabulação e interpretação dos dados coletados
Janeiro 2020	Elaboração da análise e discussão dos dados
Fevereiro 2020-	Pandemia e paralização das atividades pela UFOP
Agosto 2021	Finalização e apresentação do estudo.

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme orientações apresentadas no site do Instituto, toda e qualquer pesquisa a ser realizada no Inhotim deve passar pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Inhotim (COEPI)<sup>14</sup>. Seguindo estas recomendações enviamos a solicitação, bem como os documentos necessários para autorização no dia dez de maio de 2019. A aprovação para a realização da pesquisa se deu aproximadamente um mês depois, no dia 13 de junho de 2019.

O próximo passo de pesquisa foi buscar junto a Instituição, respaldos necessários ao aperfeiçoamento de nossa investigação. Entramos em contato com o Instituto e através de email, pudemos aplicar a entrevista semiestruturada (apêndice 1). Solicitamos a entrevista por escrito, pela facilidade de manuseio dos dados. Porém, a realização das duas entrevistas aconteceu através de áudios de aplicativo whatsapp, que foram devidamente transcritos pela autora, e devidamente reconhecido em documento (Apêndice 3) pelo parecerista<sup>15</sup> Vinicius Parreiras, e Sabrina Carmo, respectivos representantes do setor educativo, e coordenadora responsável do JBI.

A resposta da entrevista e a viabilização das datas de aplicação dos questionários só foram liberados na última semana de setembro (2019). Com a entrevista em mãos, pudemos elaborar o questionário com o devido respaldo

<sup>14</sup> O Instituto Inhotim possui uma comissão de ética que aprova ou não os pedidos de pesquisa. Disponível em: <<https://www.inhotim.org.br/inhotim/desenvolvimento-humano/pesquisas-no-inhotim/>>. Acesso em: janeiro de 2019.

<sup>15</sup> Educador encarregado de acolher e orientar os pesquisadores interessados em realizar pesquisas no Instituto Inhotim.

da instituição, o que eleva o aperfeiçoamento deste instrumento para a pesquisa. Pretendíamos fazer aplicação dos questionários junto aos turistas no mês de julho, alta temporada para Instituto. No entanto, cinco meses após o rompimento da barragem de Feijão (entre eles um mês com as portas fechadas), o Inhotim sofreu impactos, tendo reduzido suas atividades internas e associadas à visitação turística.

Fomos a campo entre os dias 17-20 de outubro, no momento que o Setor Educativo retorna com o calendário especial de semanas temáticas<sup>16</sup>, em jejum desde janeiro. Nos apoiamos nesse período para realização da pesquisa.

No primeiro (17) dia em campo fomos atenciosamente recebidos pelo Instituto, que nos disponibilizou um crachá de identificação de pesquisador e a liberdade de utilizar de locomoção existente no espaço. Nesse momento inicial o setor educativo proporciona um tour pelos principais espaços utilizados pelo educativo, momento importante para compreensão do ambiente e também para minha preparação enquanto pesquisadora.

Mais tarde, tivemos o primeiro contato com os turistas do grupo A, no espaço Tamboril. Logo percebemos que os indivíduos deste grupo, aparentemente em momento de descanso se mostravam mais abertos a contribuir com a análise. Assim, optamos por realizar a pesquisa com esse grupo nas horas finais da visita, em que é suposto a reflexão do visitante e maior contato com o jardim. Quanto a isso, o grupo B foi abordado ao final das atividades mediadas pela disponibilidade de acesso a amostra.

No geral, o exercício ocorreu tranquilamente, de maneira leve e informal. Cada questionário levou cerca de 15 minutos para ser aplicado, e todos os participantes se mostraram solícitos e prestativos a contribuir com a realização da pesquisa.

Quanto a Observação Participante, todas as pessoas respondentes do grupo A, foram vistos durante o exercício, ao mesmo tempo que todos os

---

<sup>16</sup> Durante as semanas temáticas, o setor educativo desenvolve um calendário de atividades paralelas dentro do JBI. As atividades giram em tanto em torno do acervo botânico como do acervo artístico, mas sempre organizados pelo setor educativo. O cronograma dos eventos é liberado no site do Inhotim e acessível ao grande público. Disponível em:< <https://www.inhotim.org.br/programacao/>>. Acesso em: novembro de 2019.

componentes do grupo B foram objetos de estudo para o método. É importante ressaltar que para a pesquisadora, o movimento da observação participante foi sendo treinado, uma vez inédito, o que a prima gerou certo desconforto. No entanto, busquei fazer anotações com riquezas de detalhes, tirar fotos e vídeos, o que mais tarde serviu de grande valor junto a análise dos dados. Na tabela (Tabela 2) a seguir é demonstrado o esquema de utilização do método.

Tabela 2: Distribuição de frequência da Observação Participante nos espaços.

<b>LOCAL</b>	<b>GRUPO A</b>	<b>GRUPO B</b>
<b>Jardim de Todos os Sentidos</b>	19.10.2019, 13:30 às 14:00hs;	19.10.2019, 11:30 às 12:30hs;
<b>Jardim Pictórico</b>	18.10.2019, 13:00 às 14:00hs; 20 de outubro; 10:30 às 14:40hs;	18.10.2019; 10:30 às 11:15hs; 19.10.2019, 10:30 às 11:30hs; 20 de outubro; 14:00 às 14:40hs;
<b>Espaço Tamboril</b>	17.10.2019, 14:00 às 15:00hs, 20.10.2019, 10:30 às 11:30hs.	-

Fonte: Elaborado pela autora.

O método foi utilizado de acordo com a disponibilidade de tempo entre as atividades mediadas, durante 60 minutos para cada espaço. Iniciei a prática do método no Espaço Tamboril com o grupo A. Sentei na grama junto a outros visitantes que faziam o mesmo, e fiquei por uma hora. A observação foi feita sempre antes da aplicação dos questionários. A partir daí busquei observar o comportamento dos presentes, o tempo de permanência no local e as possíveis interações com o espaço. Me atei a isso nos quatro dias em campo, nos espaços percorridos e atividades mediadas, em que foi possível além da observação, escutar e interagir com os participantes.

A escolha dos indivíduos obedeceu ao critério de aleatoriedade da amostragem. Contudo, a escolha dos locais de aplicação dos questionários se deram sobretudo a luz do exercício da EA nas dependências do jardim, e a conjuntura empírica encontrada, evidenciados na tabela abaixo (Tabela 3):

Tabela 3: Distribuição de aplicação dos métodos por local e grupo de estudo.

<b>LOCAL</b>	<b>GRUPO A</b>	<b>GRUPO B</b>
<b>Espaço Tamboril</b>	Questionário	-
<b>Jardim dos Sentidos</b>	Questionário e Obs. Participante	Questionário e Obs. Participante
<b>Jardim Pictórico</b>	Questionário e Obs. Participante	Questionário e Obs. Participante

*Fonte: Elaborado pela autora.*

Dito isso, antes de irmos a campo, preconizamos essencialmente dois locais de investigação, sendo eles o Jardins de Todos os Sentidos e o espaço Tamboril. O Jardim de Todos os Sentidos materializa nossa intenção de pesquisa, evidenciado no referencial teórico. Acreditamos que vivenciar as bases topo/biofílicas em momentos de interação e contemplação de paisagens são ações geradoras de nostalgia e potencialmente de sensibilização.

Já o Espaço Tamboril aparece aqui baseado em experiências anteriores da pesquisadora no local. Por estar localizado dentro do jardim numa zona de conversão (próximo a recepção e entrada principal), este espaço é comum a muitos dos visitantes. Mais do que facilitar o acesso ao público (e a amostra), este espaço acaba por possuir muitas leituras; lugar de passagem, de pausa, lugar de encontro, lugar de contemplação. Leituras essas pertinentes a investigação da observação participante, o que fez deste espaço conveniente principalmente ao que tange o grupo A.

De outra forma, o Jardim Pictórico integraliza a presente tríade seguindo a eventualidade dos roteiros previamente elaborados de atividades mediadas. O jardim se apresentou amplamente utilizado pelo setor educativo. Todas as três atividades de mediação, integralmente a Visita Panorâmica, e parte do percurso das visitas Volta ao Mundo e Visita Especial com o curador

botânico desfrutaram deste espaço; despertando nossa curiosidade sendo aqui englobado.

Sobre as atividades da semana temática optamos pelas três atividades mediadas exclusivamente realizadas no JBI, partindo do ambiente como sua temática central. Cada visita teve um mediador (setor educativo) que conduziu o percurso, sendo no caso da visita Volta ao Mundo foram dois mediadores. Na tabela (Tabela 4) abaixo é apresentado o quadro geral das três atividades de mediação.

Tabela 4: Panorama geral das atividades mediadas em estudo.

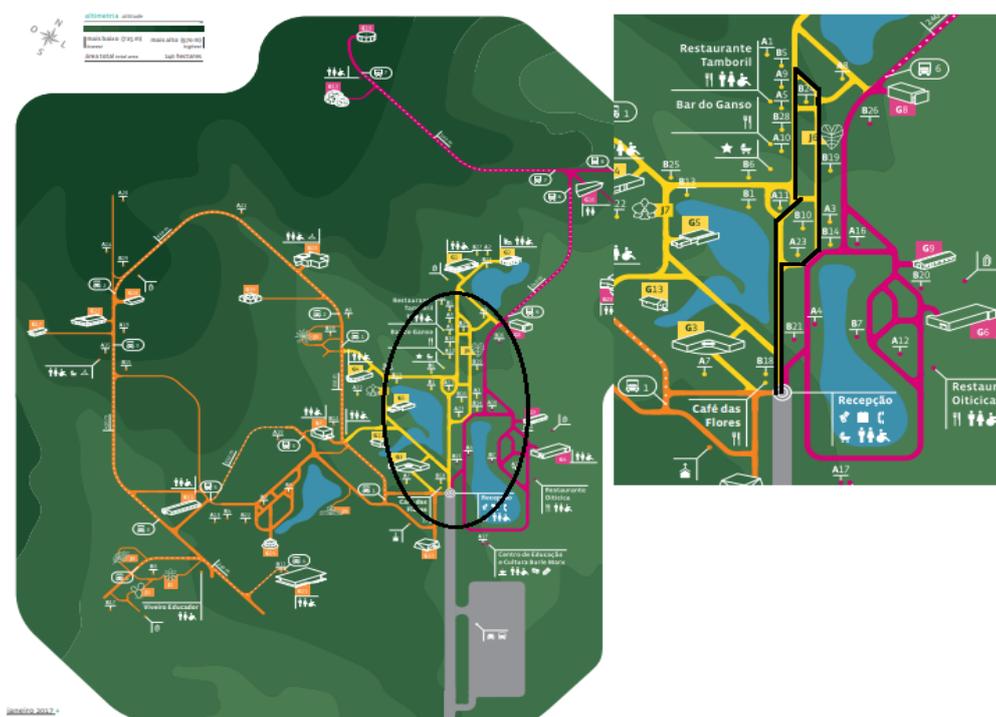
	<b>Visita Panorâmica</b>	<b>Visita Especial Curador Botânico</b>	<b>Visita Temática Volta ao mundo</b>
<b>Local onde ocorreram</b>	Eixo rosa (Jardim Pictórico)	Parte do eixo rosa, amarelo e laranja	Eixo rosa (Jardim Pictórico)
<b>Objetivos principais</b>	Promover uma conversa introdutória e reflexiva sobre os espaços do Inhotim e seus acervos artístico e botânico.	Promover uma conversa sobre os espécimes botânicos, voltado para suas características morfológicas e atividades promovidas pelo jardim botânico. Aspectos paisagísticos,	Percorrer os espaços e espécimes exóticos (ex situ) através de uma abordagem lúdica, explorando diferentes modos de se relacionar com a cultura e com as plantas.
<b>Principais atividades</b>	Explorar o diálogo, identificação de espécies, contextualização histórica e de formação do espaço	Visitação de estufas e reconhecimento de espécimes não acessíveis ao público	Uma Caça ao tesouro orientada pela localização dos espécimes, utilizando de objetos lúdicos como binóculo, papel e caneta, bússolas, etc.
<b>Tempo de Duração</b>	Aproximadamente 40 minutos	Aproximadamente 1h20min	Aproximadamente 40 min

Fonte: Elaborado pela autora.

Com duração média de uma hora, todas as atividades iniciaram e terminaram no receptivo, e tiveram narrativas diferentes, mesmo aquelas que percorreram as mesmas áreas do jardim.

O primeiro contato com o trabalho de mediação ocorreu na manhã do dia seguinte (18.10.2019, 10:30 às 11:10hs). A Visita Panorâmica ocorreu com 8 participantes, sendo metade respondentes desta pesquisa (4). Percorrendo o espaço evidenciado na figura abaixo (Figura 1), esta visita tratou de uma mescla de assuntos de ambos as vertentes botânica e artística. Ao abordar temas como a necessidade de um equilíbrio ambiental, a existência de cadeia alimentar, a instalação e complexidade das obras, e a intercessão de ambos acervos ao longo do caminho.

Figura 1 Percurso Visita Panorâmica.

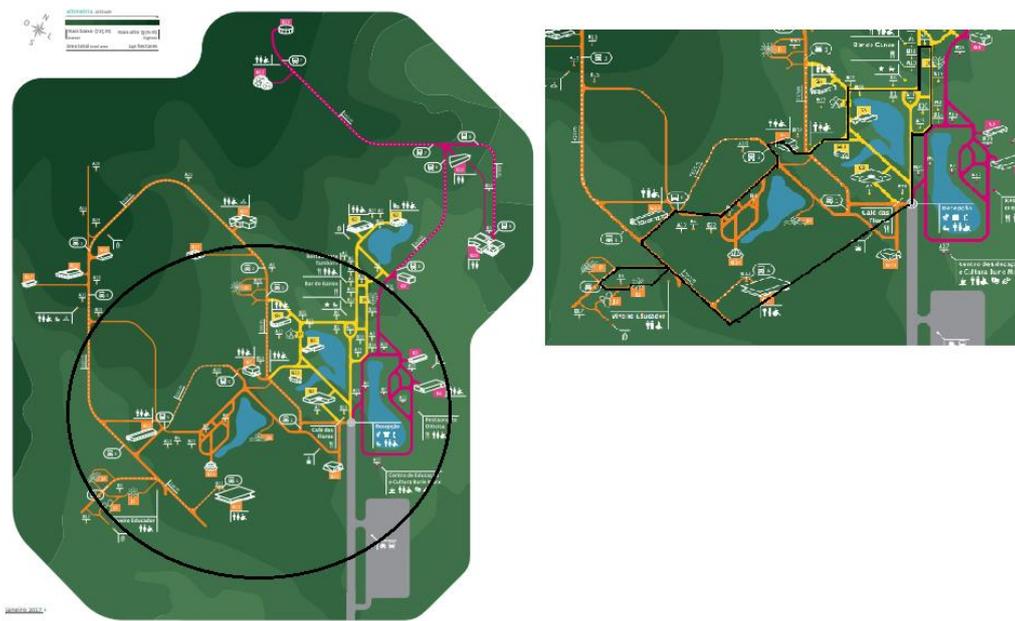


Fonte: Mapa Inhotim adaptado pela autora.

A visita mensal com o Curador Botânico (19.10.2019, 10 às 12hs) estendeu-se por majoritariamente dois grandes eixos (amarelo e laranja) evidenciados na figura abaixo (Figura 2). Foi a visita de maior exigência física e de conhecimentos. Durante quase duas horas os cinco participantes (fora a autora que vos fala) percorreram a rota rosa, amarela e laranja perpassando pelo Jardim Pictórico, Viveiro Educador, núcleos focados no desenvolvimento

da EA. Esta visita possui o maior caráter técnico das três atividades, com a apresentação de conceitos da biologia, paisagismo e botânica, vinculados as atividades realizadas no JBI para a manutenção e proteção.

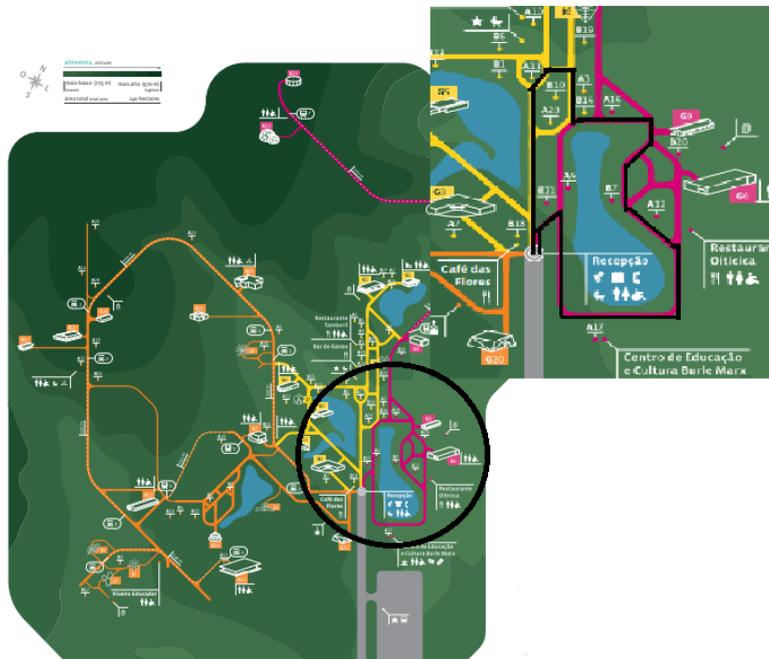
Figura 2 Percurso Visita Especial Curador Botânico.



Fonte: Mapa Inhotim adaptado pela autora.

A visita Volta ao Mundo (20.10.2019, 14:00 às 14:40hs) foi especialmente voltada ao público infantil, sendo o caráter lúdico parte indissociável da dinâmica. Esta tratou de uma caça ao tesouro, partindo de pistas escondidas distribuídas pelos espécimes botânicos ex situ espalhados pelo eixo rosa e amarelo, e parte do jardim pictórico, visualizado abaixo na figura abaixo (Figura 3). Os espécimes tiveram lugar de destaque nessa dinâmica associados a aspectos do imaginário e do lúdico, importante no despertar da curiosidade e atenção das crianças.

Figura 3 Percurso Visita Volta ao Mundo.



Fonte: Mapa Inhotim, adaptado pela autora.

A cada pista desbravada as crianças eram convidadas a desenhar os espécimes e aspectos do entorno que demarcassem o caminho na visão deles. Toda a dinâmica foi pensada para despertar curiosidade sobre o tesouro, que ao final foi representado por exemplares de sementes de espécimes frutíferas e frutas, representadas como de grande valor. Nesse sentido, foi observado que a dinâmica entreteu também os pais e acompanhantes, que representaram aqui quatro (4) respondentes da pesquisa.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

Aqui é apresentado retrospecto teórico e cronológico da Questão Ambiental, assim como surgimento de uma nova concepção em relação a ideia de natureza e o papel da Educação Ambiental neste processo. O objeto de pesquisa é aqui igualmente contextualizado.

### 2.1 A Emergência Da Questão Ambiental

A questão ambiental (QA) que ameaça a qualidade e continuidade da vida no planeta é marcada pela aceleração do processo de ruptura entre cultura e natureza. É uma crise multidimensional, cujas facetas afetam toda conjuntura do modo de vida: a saúde, a qualidade do meio ambiente e das relações sociais; a economia, tecnologia e política. É discutida nos campos de estudo intelectual, moral e espiritual (CAPRA, 1995).

Manifesta-se a QA como sintoma de uma crise de civilização (LEFF, 1982). A elaboração da dualidade ser humano *versus* natureza atravessou fundamentais mudanças na história da humanidade, e acabou sendo sofisticadamente difundida no mundo ocidental no decorrer dos séculos (GONÇALVES, 1989, p. 28). Aqui dedicamos traçar o apanhado teórico e temporal deste desmembramento.

Esta divisão é historicamente relacionada à ética antropocêntrica surgida no século XV (CAPRA, 1995; GRUN, 2004; LEFF, 1982). O antropocentrismo vem romper com a dependência do divino, característica marcante da Sociedade Média, e passa a se reconhecer num sistema de valores pautado na concepção do Homem como centro do Universo.

Com o advento da Renascença, homem racional passa a escolher o curso dos acontecimentos, dominar o espaço e a criação. O homem se reconhece agora como dono e objeto das artes e do seu destino, e “tudo o mais no mundo existe unicamente em função dele” (GRUN, 2004, p.23). Essa

ideia secular antropocêntrica-utilitarista, acabou por suportar a crença da subserviência da natureza às necessidades humanas, refletida ainda hoje na forma nos alimentarmos, consumirmos, moramos, pensamos nos relacionamos e até mesmo nas dimensões políticas e éticas, uma vez que o surgimento do Direito Ambiental carrega a inevitabilidade à vida humana<sup>17</sup>.

Para o historiador White<sup>18</sup> (1967, p. 1205, apud GRUN, 2004, p.23), as raízes do antropocentrismo já se encontravam no antigo testamento. O autor aponta no livro de Genesis (Livro da Criação), interpretações que baseiam a ideia de dominação da natureza, profundamente difundidas pela extensão da doutrina cristã ao longo dos séculos. Dominar é sagrado, e a natureza criada em prol do sagrado homem.

“Disse Deus: Façamos o Homem a imagem e semelhança. Sejam férteis e multipliquem-se! Encham e subjuguem a terra! Dominem sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, e sobre todos os animais que se movem pela terra” (BIBLIA, Genesis, versículo 26:28).

Capra (1995, p. 30) diz que ao afirmar o próprio homem como Deus (figura masculina, personificação da razão suprema e fonte do poder último), “a tradição judaico-cristã apoiou e encorajou a noção de dominação da natureza e da crença de superioridade da racionalidade”. Dessa forma a QA se encontra enraizada nas dimensões simbólicas e espirituais humanas, elementares para o processo de ressignificação em relação à natureza.

É na modernidade que a ética antropocêntrica se estrutura formalmente. René Descartes<sup>19</sup> instaura no mundo uma nova ordem logico-metodológica em sua obra Discurso sobre o método (1637). O racionalismo cartesiano através de um rígido controle de métodos científicos, legitima a

---

<sup>17</sup> DA SILVA, Daniel Moreira; RANGEL, Tauã Lima Verdan. Do antropocentrismo ao holismo ambiental: uma análise das escolas de pensamento ambiental. Disponível em: < <https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-ambiental/do-antropocentrismo-ao-holismo-ambiental-uma-analise-das-escolas-de-pensamento-ambiental/>>. Acesso em: outubro de 2020.

<sup>18</sup> WHITE, Lynn. The historical roots of our ecologic crisis. **Science**, v. 155, n. 3767, p. 1203-1207, 1967.

<sup>19</sup> Para Grun (2004) a transformação da orientação do agir humano na relação com a natureza perpassa quatro pensadores: Galileu (1564-1642) “pivô de separação da transformação paradigmática que vai do organicismo ao mecanicismo”; Francis Bacon (1561-1626) “que começava a desenhar a linha divisória moderna entre cultura e natureza”; Descartes (1596-1650) a quem acusa ser o dirigente da projeção homem *versus* natureza no campo científico e Newton (1642-1727) que vai consumir o paradigma cartesiano.

autonomia da razão humana como divisora do mundo físico, do externo ao homem, da natureza. (GRUN,2004). Perpetuada na máxima “Penso logo existo” (*Cogito ergo Sum*), todos os outros seres vivos sem uma mente racional são reduzidos a um mero corpo mecânico complexo, impelidos de qualquer outro significado senão aqueles atestados pelo método. Por conseqüente, “o ser humano se retira da natureza” (GRUN, 2004, pag.32), o que acaba por refutar de vez a visão Aristotélica organísmica de natureza estabelecida até então.

Nesse mesmo período histórico, Isaac Newton, popularmente conhecido como “pai da ciência moderna”, acaba por consumir o panorama cartesiano e completar a revolução científica. Newton desenvolveu uma completa formulação matemática de uma gigantesca concepção mecânica do mundo. Ele renova conceitos adotados na física e realizou uma síntese das obras de seus antecessores, que sob peso de suas reflexões, aludiu confirmar a divisão cartesiana entre fato e valor (CAPRA, 1995). Esse conjunto de ideias ocorridas no século XVI e XVII representou coletivamente “uma transformação tão radical de paradigma, que o significado da palavra natureza foi completamente redefinido” (Oelschlaeger<sup>20</sup> 1993, p.77 apud GRUN 2004, p. 29), colateral ao lugar do homem no mundo moderno.

Na modernidade o paradigma mecanicista é consolidado através da conjuntura cartesiana-newtoniana<sup>21</sup>. Com Newton, as metanarrativas curriculares tomaram forma de uma visão de mundo unificada. O pragmatismo, o individualismo e o racionalismo, se fazem presentes em toda conjuntura curricular moderna. É característica comum a praticamente toda matriz curricular que a legitimação de sua concepção se cumpra na possibilidade de descrição objetiva da natureza, refutando qualquer manifestação do conhecimento empírico. Assim, o programa estabelecido pela mecânica newtoniana viria a ser a única maneira legítima de fazer ciência (GRUN, 2004 p. 39).

---

<sup>20</sup> ELSCHLAEGER, Max. **The idea of wilderness: From prehistory to the age of ecology**. Yale University Press, 1993.

<sup>21</sup> Grun (2004, p.36) esclarece que o coração filosófico da crise ambiental tem sido identificado em Descartes, como predominante no processo antropocêntrico moderno, mas que essa atitude seria tipicamente resultado da combinação cartesiana-newtoniana.

Endossada pela Revolução Industrial (século XVIII), o caráter pragmático instituído na ciência se consolida com o desenvolvimento da ciência e o aperfeiçoamento da técnica. A objetificação da natureza adquiriu forma universal nas sociedades industriais, sustentada pelo paradigma científico que acaba por legitimar uma falsa ideia do progresso da civilização Leff (2001).

Nesse interim, o autor volta-se para o conflito existente nas sociedades modernas, em que a mesma civilização do conhecimento, portase ao mesmo tempo, como a sociedade do desconhecimento e do desencantamento pelo saber e pelo mundo. É nesse sentido que CAPRA (1995) aponta para a problemática contemporânea de estetização da vida, que através da lógica consumista (em padrão planetário) e da massificação das culturas, acaba por inviabilizar o indivíduo e sociedade de atinar para uma experiência transformadora do modo de ser, intrínseco às mudanças necessárias ao quadro geral da QA. Esse “estado de confusão generalizada” implica a necessidade de multiplicação de práticas sociais baseadas no fortalecimento do direito ao acesso a informação e a educação em uma perspectiva integradora (BECK, 2011).

Para Capra (1995), a reviravolta no caminho das questões ambientais estreia com a exploração do mundo atômico no início do século XX. Quando o mundo abre os olhos para a “autoconsciência da possibilidade de destruição completa do planeta” (GRUN, 2004, p. 26). Em oposição a concepção mecanicista impregnada até então, começa-se a estimular uma visão holística<sup>22</sup> e ecológica da vida.

Nesse sentido, os movimentos da contracultura ocorridos na década de 1960 e 1970 nos Estados Unidos tiveram papel de destaque na reviravolta da crise ambiental. Os contextos de reivindicações da época contestavam copiosos problemas de ordem política e social, e valores de

---

<sup>22</sup> O termo "holístico", do grego "holos", "totalidade", refere-se a compreensão da realidade em função das totalidades integradas cujas propriedades não podem ser reduzidas a unidades menores. Na visão holística o meio ambiente é um importante ponto de conversão desse pensamento (CAPRA, 1995).

ordem capitalista. Muitos desses movimentos sociais<sup>23</sup> acreditavam na possibilidade de uma nova reorganização da sociedade e da produção econômica, expondo a necessidade de uma melhor retribuição de riqueza e a urgência em conectar as necessidades materiais e culturais, a uma sensibilidade junta a natureza (RAMOS, 1996). Alguns episódios colaboraram com a participação da sociedade civil no desenrolar das discussões na época<sup>24</sup>. Esse momento acaba por desencadear uma série de discussões em outros países, catalisando o surgimento do ambientalismo nos Estados Unidos a partir de 1960 (DIAS, 2004, p.77).

O surgimento do debate teórico e político de valorização da natureza, tomou como ponto de partida a oposição das ideias de crescimento baseados numa sociedade de consumo e na possibilidade de destruição do meio ambiente. Começa-se então a questionar as irracionalidades ecológicas do sistema de produção e consumo e conseqüentemente marcar a evolução do discurso do Desenvolvimento Sustentável (DS). O ambientalismo corrobora com a ideia de retomada da noção da história do homem e natureza associados, e de uma ideia de "direitos" da natureza (RAMOS, 1996).

Foi nesse sentido que o Ecodesenvolvimento<sup>25</sup> (SACHS, 2000) advogava suas estratégias de atuação; na necessidade de fundar novos modos de produção e estilos de vida e nas condições e potencialidades ecológicas (LEFF, 2001). Nessa percepção, foi sendo moldado um conceito de ambiente que reintegra valores e potenciais da natureza, as externalidades

---

<sup>23</sup>Conforme CAPRA em seu livro O Ponto de Mutação (1995), esses movimentos buscam transformar percepções nas sociedades, uma vez que os conceitos de uma visão obsoleta, já não mais se aplicam a realidade. Os movimentos colocados pelo autor (como o parentesco entre ecologia e feminismo, pag. 393-395) parecem caminhar todos na mesma direção, enfatizando aspectos numa concepção integralizada da vida, convergente com a lógica capitalista.

<sup>24</sup> Catástrofes ambientais como a "A Névoa Matadora" em Londres (1952), o derramamento de óleo em Santa Barbara, na Costa Oeste norte-americana (1969) e a publicação do livro Primavera Silenciosa (1962) da autora norte-americana Rachel L. Carson (expondo os perigos do DDT e outros pesticidas utilizados no agronegócio para a saúde humana) desempenharam grande passo para uma consciência pública ecológica (HOGAN, 2007 p. 16-24).

<sup>25</sup> O que o ecodesenvolvimento pretendia era promover novos tipos de desenvolvimento marcando o ritmo das condições e potencialidades dos ecossistemas e manejo dos recursos naturais através de uma descentralização baseadas na diversidade étnica das regiões (SACHS, 2000). A crítica acerca do ecodesenvolvimento se concretiza na inconsideração com a dinâmica econômica globalizada que se seguiu. Na época os países tentavam lidar com a dívida externa e atravessar os processos de inflação e recessão de suas economias, o que marcou a subordinação do discurso ambiental crítico ao viés econômico (LEFF, 2001).

sociais e os saberes subjugados pela visão mecanicista, unidimensional e fragmentadora como nova visão de desenvolvimento humano. “O ambiente emerge como um saber reintegrador da diversidade, de novos valores éticos, e estéticos e dos potenciais sinérgicos gerados pela articulação de processos ecológicos, tecnológicos e culturais” (LEFF, 2001, p. 17). A reintegração dessas ideias busca apontar para resolução de problemas da própria base do sistema de produção capitalista, através da desconstrução de paradigmas econômicos, e atentando para construção de futuros possíveis, respeitando as leis e o tempo da natureza, os potenciais ecológicos e a criatividade humana (LEFF, 2001).

Alguns eventos se tornaram importantes vetores na dispersão dessas ideias e dos perigos da crise ambiental. Em 1968, o Clube de Roma inaugura as discussões acerca da QA por meio do relatório intitulado “Os limites do crescimento”. Sua relevância contribuiu para desencadear a preocupação com a causa ambiental, levando a Organização das Nações Unidas (ONU) a idealizar um evento de proporções globais dentro da perspectiva ambiental (DIAS, 2004).

A Conferência de Estocolmo (1972), realizada na cidade de mesmo nome, marca o primeiro grande passo em promover a nível mundial a discussão que engloba a QA. O mundo se depara pela primeira vez com a finitude dos recursos naturais e a incapacidade de resolução do problema mediante progresso tecnológico (LEFF, 2001). Partindo do pressuposto dos riscos do desequilíbrio ambiental para o bem-estar humano, foi adotada a compreensão de necessidade de proteção e conservação dos recursos naturais. Nesse momento são assinalados os desafios causados pela degradação ambiental, e os limites da racionalidade econômica, empenhado em “estabelecer uma visão global e princípios comuns que servissem de inspiração e orientação a humanidade para a preservação e melhoria do ambiente humano” (DIAS, 2004).

A Comissão Mundial para o Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD), através do Relatório intitulado O Nosso futuro comum, comumente conhecido como “Relatório Brundtland” (1987) criticou duramente o modelo de desenvolvimento adotado pelos países. Contrapondo a ideia de uso excessivo

dos recursos naturais como sinônimo de progresso, insere o conceito de “Desenvolvimento Sustentável”<sup>26</sup> na conciliação entre conservação da natureza e crescimento econômico, o que reformulou bruscamente a visão que se tinha como ideal de crescimento econômico (GEERDINK & NEIMAN, 2010).

A contribuição do Relatório Brundtland abriria caminho para o maior encontro com fins pacíficos já realizado no mundo. A Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (CNUMAD) popularmente conhecida como Eco-92 (1992) acontece na cidade do Rio de Janeiro, saudada como sendo o mais importante e promissor encontro planetário do século XX (COIMBRA, 2006).

Com o objetivo central de estabelecer acordos e estratégias internacionais para o século XXI, 179 chefes de Estados assinaram um programa para a proteção do planeta, conhecido como Agenda 21 Global<sup>27</sup>, considerada a mais abrangente tentativa já realizada em promover o padrão do Desenvolvimento Sustentável no plano de médio e longo prazo (COIMBRA, 2006), este que é incorporado em agendas mundiais de desenvolvimento e de direitos humanos. A Rio-92 acaba por iniciar um novo ciclo de conferências sobre desenvolvimento e meio ambiente na esfera da ONU<sup>28</sup>.

Na continuação dos grandes eventos da sustentabilidade, em 2012, a ONU realizou a Rio+20 na cidade do Rio de Janeiro, 20 anos após realização da Rio-92. A Rio+20 pretendia renovar compromissos estabelecidos e reafirmar princípios e planos de ações anteriores. O destaque desta conferência dá-se pelo reconhecimento da cultura como o quarto pilar para construção da Sustentabilidade<sup>29</sup>, reconhecendo na diversidade cultural

---

<sup>26</sup> O Desenvolvimento Sustentável foi definido como “um processo que permite satisfazer as necessidades da população atual sem comprometer a capacidade de atender as gerações futuras” (Comissão Mundial Sobre Meio Ambiente E Desenvolvimento, 1988, p. 46).

<sup>27</sup> Segundo definição do Ministério do Ambiente, “a **Agenda 21** pode ser definida como um instrumento de planejamento para a construção de sociedades sustentáveis, em diferentes bases geográficas, que concilia métodos de proteção ambiental, justiça social e eficiência econômica”. Disponível em: <<https://www.mma.gov.br/responsabilidade-socioambiental/agenda-21>>. Acesso em: outubro de 2019.

<sup>28</sup> Destaca-se a Conferência sobre Direitos Humanos (Viena, 1993); a Conferência sobre População e Desenvolvimento (Cairo, 1994); a Conferência sobre Desenvolvimento Social (Copenhague, 1995); a Conferência sobre Mudança Climática (Berlim, 1995); a Conferência sobre a Mulher (Pequim, 1995).

<sup>29</sup> Conforme resolução anterior da ONU a tríade da Sustentabilidade preceituava-se no âmbito econômico, social e ambiental, somente (Declaração Final Da Rio+20, *O Futuro Que Queremos*, 2012).

potenciais para a conservação do meio ambiente. Fica evidente a preocupação com o bem-estar de comunidades locais e tradicionais, de povos indígenas, e das minorias étnicas; afirmando e apoiando a sua identidade cultural e também seus interesses (O Futuro Que Queremos, 2012). O Turismo Sustentável neste interim, fica evidenciado nas vertentes do ecoturismo e do turismo cultural, no encorajamento de ações que fortaleçam tais comunidades (art. 131 retirado da declaração final da Rio+20, O futuro que queremos, 2012).

O conceito acerca do ideal de sustentabilidade ainda permanece em construção. A integralização do termo à diversas interpelações (econômica, política, mercadológica, etc) acabou por condicionar ao conceito um caráter polissêmico, o que subjugou a sua inserção conforme interesses da área em questão (PEDRINI, 2006).

Há uma falta de consenso na expressão do DS, uma vez que o adjetivo “sustentável” e o conceito de “desenvolvimento” aparecem desgastado pela apropriação mercadológica e política do discurso. Este é o principal dilema a respeito do Desenvolvimento Sustentável: o fato de ele surgir como uma alternativa ao desenvolvimento dominante, ao mesmo tempo em que é colocado contradizendo os pressupostos ideológicos de sua base político-social, “(...) o que dificilmente evitaria a humanidade de caminhar para a crise ecológica global” (GEERDINK & NEIMAN, 2010, p. 67-68)

O conceito de Sociedades Sustentáveis (SS) surge pela primeira vez na Rio-92, a partir de uma compreensão socioambiental unificadora das sociedades. A concepção das SS considera os potenciais locais e culturais de seus espaços em consonância à conservação do meio ambiente. Isso possibilita que sociedades desenvolvam padrões próprios de produção e consumo, fortalecidos no desenvolvimento cultural e histórico dessas sociedades. Ainda, a massificação dos modelos de produção das sociedades industrializadas abre espaço para a diversidade de sociedades sustentáveis, pautadas nos princípios básicos da sustentabilidade ecológica, econômica, social e política.

Uma das diferenças entre o conceito das SS e do DS é o fato das SS focarem no bem-estar dos indivíduos, ao considerar para além da lógica industrial, a existência de diversos modos e procedimentos de qualidade de

vida (DIEGUES, 1996). Possui definido como indicadores de sustentabilidade por exemplo, padrões de produção, consumo e bem-estar decorrentes da cultura, crescimento histórico e ambiente natural (GEERDINK & NEIMAN, 2010). Ferreira (2005) vê na implicação do uso de indicadores de qualidade de vida (saúde, longevidade, educação, espírito comunitário, lazer, ambiente limpo, etc.) uma evolução na noção de Sustentabilidade.

Em resumo, a QA aparece questionando valores da própria base da produção econômica moderna, sob modelos globais e imprudentes de crescimento, marcado pelo predomínio do desenvolvimento da razão tecnológica sobre a organização da natureza. Dessa forma, uma mudança de paradigmas é essencial para alcançarmos um modelo sustentável de desenvolvimento.

## **2.2 Educação Ambiental: Histórico E Conceitos**

A Educação Ambiental (EA) enquanto área reflexiva e empírica teve seu berço associado diretamente a QA supracitada. Seu campo conceitual acompanhou o amadurecimento da relação sociedade e natureza, em meio ao palpitante cenário da segunda metade do século XX (NEIMAN, 2007). A corrida armamentista e os movimentos sociais das décadas de 1950 e 1960, atestaram a urgência em se estabelecer uma nova compreensão do ambiente. Surge assim a Educação Ambiental no início dos anos de 1970, ocupando destaque nos contextos pedagógico e político (RAMOS, 2001).

Oficialmente o primeiro pronunciamento sobre a necessidade de se educar as sociedades para o ambiente foi feito na Conferência de Estocolmo<sup>30</sup>, que destaca a importância estratégica da EA nesse processo. (NEIMAN & GEERDINK, 2010). Nesse primeiro momento, a EA parte do ato educativo como exercício suficiente para gerar mudanças de comportamentos

---

<sup>30</sup> Recomendação de número 96, retirada da Declaração de Estocolmo (1972).

individuais, descreditado da ordem social vigente e conseqüentemente afastado da história (LOUREIRO, 2004).

(...) é indispensável um trabalho de educação em questões ambientais, dirigida tanto às gerações jovens como aos adultos, para expandir as bases de uma opinião pública bem informada e propiciar uma conduta dos indivíduos, das empresas e das coletividades, inspirada no sentido de responsabilidade quanto à proteção e melhoria do meio em toda sua dimensão humana [...] (Conferencia de Estocolmo, 1972).

Três anos passados, a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) promove o Encontro de Belgrado (1975), onde são definidos a estrutura e os princípios básicos para realização da EA. Belgrado inaugura a ideia de organização formal e não formal como base para atuação da EA (LOUREIRO, 2004), sinalizando o reconhecimento das questões sociais em "Desenvolver um cidadão consciente do ambiente total; (...) que tenha o conhecimento, as atitudes, motivações, envolvimento e habilidades para trabalhar de forma individual às questões emergentes" (Trecho da Carta de Belgrado). O Encontro institui ainda um caráter contínuo e permanente à EA, baseados na interdisciplinaridade, apontada posteriormente nos princípios orientadores para o Programa Internacional de Educação Ambiental (PIEA, 1975). Este que culmina na Primeira Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental, ocorrida em Tbilisi na Geórgia (1977).

A Conferencia de Tbilisi é considerada o marco principal da institucionalização da EA no mundo, tida ainda hoje como importante orientador da atividade<sup>31</sup> (Hintze, 2008). Tbilisi é referência para órgãos, indivíduos e instituições, além de sinalizar os objetivos, funções, estratégias, e recomendações para o prosseguimento da EA nos planos regional, nacional e internacional (COIMBRA, 2006).

Fica instituído à EA a responsabilidade de formar consciências críticas e promover entre as sociedades comportamentos ambientalmente

---

<sup>31</sup> Reunidos no livro decorrente, A Educação Ambiental: as grandes Orientações da Conferência de Tbilisi (1997).

adequados. Fomentando uma nova realidade provida de informação e responsabilidade ambiental, potencializados pelo caráter transformador das vivências como modificadoras do sentir, pensar e agir (GEERDINK & NEIMAN, 2010).

Grun (2004) atesta a importância da Conferência para o direcionamento da EA em todo o mundo, inclusive no Brasil. Tbilisi ampara a Política Nacional do Meio Ambiente (PNMA), prevista na Lei n. 6.938/81, que atesta finalidades e mecanismos de formulação e execução das políticas ambientais no país. Para Dias (1991), a PNMA representa um importante instrumento de amadurecimento e consolidação da política ambiental no país.

Inserida em um âmbito empírico e reflexivo, a EA é associada a um processo de aprendizagem político e social, atemporal (GADOTTI, 2005). Nesse sentido, a Rio-92 representou um importante marco político pedagógico para a EA, edificando-a enquanto proposta educativa. Dela resultam importantes documentos na temática da EA, como a Carta da Terra (que busca transmitir formas sustentáveis de vida para desenvolvimento humano), e Agenda 21, que reafirma a EA em nível global, dirigidos pela resolução do DS (RAMOS, 1996). O Tratado Ambiental para as Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global (1992) acredita que

(...) comprometidos com a proteção da vida na Terra, reconhecemos o papel central da educação na formação de valores e na ação social. Comprometemo-nos com o processo educativo transformador através de envolvimento pessoal, de nossas comunidades e nações (...). Consideramos a Educação Ambiental, para uma sustentabilidade equitativa é um processo de aprendizagem permanente, baseado no respeito a todas as formas de vida. Esta educação afirma valores e ações que contribuem para a transformação humana e social para preservação ecológica. Ela estimula a formação de sociedades justas e ecologicamente equilibradas, que conservam entre si relação de interdependência e diversidade. Isto requer responsabilidade individual e coletiva, em nível local, nacional e planetário.

Nesse intuito, a Rio 92 formalizou também documentos orientadores para a EA no âmbito nacional. A Carta Brasileira para a

Educação Ambiental, realizada pelo Ministério da Educação (MEC), destacou a necessidade de capacitar pessoas para realização da atividade tal como sustentar o compromisso do poder público no cumprimento da legislação para a EA (RAMOS, 1996).

No Brasil, a EA figura na legislação desde o ano de 1973, através de uma atribuição da SEMA (Secretaria Especial do Meio Ambiente). Segundo definição da Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), fica entendida por EA

(...) os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade. A educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não formal. (Lei nº 9795/99, Art. 1º e 2ª).

Para Dias (2004), a EA como processo permanente possibilita ao indivíduo e à comunidade uma tomada de consciência do meio ambiente dialógica. Isto é, ao passo que adquirem conhecimento, valores e habilidades, tornam-se também aptos a agir sob uma nova reflexão crítica acerca do *modus operandi* nas relações entre os indivíduos e com o ambiente.

Nesse sentido, Pedrini (2006) diz que a elaboração de um futuro mais justo e igualitário depende da construção de uma nova ética ambiental, que assegure a sistematização da EA vinculada à diversidade dos contextos culturais locais, sob seus aspectos políticos, econômicos, socioculturais, científicos, tecnológico e éticos. E é dessa forma que a EA deve ser entendida: como um processo revolucionário, pautado na transformação do ser, suscitando nos cidadãos o desejo pela justiça social, cidadania e ética nas relações humanas e com a natureza (REIGOTA, 1995), sendo acima de tudo um ato político voltado para a transformação social (CATHARINO, 2007).

Esse compromisso com a construção da cidadania, pede necessariamente uma ampla prática educacional voltada para a compreensão da realidade social e dos direitos e responsabilidades em relação à vida

pessoal, coletiva e ambiental (COIMBRA, 2006). Nesse sentido, o tema meio ambiente é cunhado no panorama transversal da educação.

A transversalidade do tema meio ambiente é contemplada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que baseado em palavras da ordem como “educar para o meio”, e “a partir do meio” (PCN, 1997) esclarece que

“Trabalhar de forma transversal significa buscar a transformação dos conceitos, a explicitação de valores e a inclusão de procedimentos. Sempre vinculados a realidade cotidiana das sociedades, de modo que obtenha cidadãos mais participantes” (1997).

A transversalidade atravessa o conteúdo comum às disciplinas, buscando extrair dessa colaboração, um fio condutor para uma nova filosofia epistemológica. Por meio de propostas e práticas que reconstruam o meio como espaço de vivência para a cidadania, consideramos que todos os currículos podem contribuir para a evolução dos temas transversais (Neiman, 2003). Dessa maneira, o PCN junto a EA colaboram em “formar pessoas solidarias com os problemas sociais e ambientais a sua volta, e que estejam cientes do seu papel na transformação da sociedade” (MENDONÇA & NEIMAN, P.54, 2003).

A intercessão entre EA e a pratica não formal formam promissoras atividades pedagógicas. A educação não formal possui seu campo de desenvolvimento no processo de socialização. Carregada de valores, sentimentos, culturas; é a educação que aprende ‘no viver da vida’ (GOHN, 2006). O resgate da vivencia das pessoas em meios naturais como pratica ordenada da EA reflete a qualidade de vida das futuras gerações ao passo que desperta encantamento e promove laços com o ambiente.

Diferente da Educação Formal (entendida no âmbito da atuação curricular, do planejamento a execução de currículo através de redes de ensino), Gaspar (1990, p.173) caracteriza a Educação não formal na subjetividade inerente ao seu processo de aprendizagem:

Na educação informal, não há lugar, horários ou currículos. Os conhecimentos são partilhados em meio a uma interação

sociocultural que tem, como única condição necessária e suficiente, existir quem saiba e quem queira ou precise saber. Nela, ensino e aprendizagem ocorrem espontaneamente, sem que, na maioria das vezes, os próprios participantes do processo deles tenham consciência.

Na dimensão da Educação Formal é comum encontrarmos certo viés pedagógico associado ao reducionismo e à fragmentação (MENDONÇA & NEIMAN, 2003). As bases da ciência moderna, sob uma compreensão sistêmica e unificada das dimensões da vida humana (biológicas, cognitivas e sociais), marcam conseqüentemente a divisão dos campos de estudos em áreas (química, física, biologia, economia, astronomia, antropologia, etc). O que corrobora com um cenário de pouca evolução na intimidade entre o homem e a natureza, uma vez que a separação não se efetua somente no nível do pensamento, mas também na realidade objetiva, construída e efetivada por mecanismos legitimados (CAPRA, 2002 apud NEIMAN, 2007).

Como conseqüência relacionada, forma-se gerações de alunos com acentuada dificuldade de lidar com a realidade complexa que lhes é apresentada. O que compromete a capacidade crítica desses alunos perante as conseqüências do comportamento humano (NEIMAN & MENDONÇA, 2003).

Fora do ambiente físico escolar, o trabalho pedagógico da EA busca inserir o aluno na realidade *in loco*, desencadeando o exercício contínuo da reflexão sobre a realidade em que está inserido. Os espaços não formais de educação, são geralmente concebidos como “lugares, diferentes da escola, onde é possível desenvolver atividades educativas (JACOBUCCI, 2008, p.55).

Tais espaços procedem como laboratórios vivos, voltado ao aperfeiçoamento das habilidades dos alunos. Para alguns estudiosos da EA essas áreas são potencializadas com a prática da Interpretação Ambiental.

Projetada para momentos específicos e de curta duração, a interpretação ambiental pode ser entendida como uma tradução da linguagem da natureza para linguagem comum dos turistas, possibilita acesso a informação e educação para além da distração ou divertimento (Vasconcelos, 2003). Neste sentido, é tida como recurso para o desenvolvimento dos

programas de educação ambiental em áreas protegidas, com o propósito principal de aproximar os visitantes das questões ambientais, através da estimulação dos cinco sentidos e logo pertinentes ao âmbito da sensibilidade. (REIGOTA, 1995).

A maneira como os indivíduos enxergam e se relacionam com o mundo perpassa aspectos da cognição e afetividade, complexos na sua estrutura física e psicológica, quanto social e cultural. E que normalmente não são trabalhados dentro da sala de aula (MENDONÇA & NEIMAN, 2003).

Diretamente relacionada a experiência do visitante, fomenta a curiosidade, o conhecimento e a reflexão através da interação com a natureza, buscando compreender o fundamento das ligações cognitivas e afetivas do ser humano com o meio (MACHADO, 1999). Através de novas vivências os espaços se tornam verdadeiros despertadores de desejos, fortalecido pelas áreas afetivas humanas, vem se mostrando um poderoso instrumento de resgate dos vínculos das pessoas com a natureza (Neyman, 2007).

Relacionado a isso Tuan (1983, p. 19, apud COSTA & ELALI, 2014) apresenta o conceito de “continuum experience” definido basicamente como a junção entre pensamento e sentimento inerente aos seres humanos mediados através da cultura ao processo de significação dos espaços. Tal conceito é determinado pela sobreposição de três esquemas mentais sendo: o mítico (esquema conceitual, associado ao lado analítico da realidade); o pragmático (relacionado à resolução prática de questões) e o abstrato ou teórico (ligado à simbolização).

Os espaços não formais de educação têm como premissa estimular a interação do público com a paisagem, e seus visitantes são naturalmente instigados a ver/refletir/interagir com o lugar e seus componentes estimulantes e memorizados pelo cunho afetivo ou simbólico. Os autores Marin, Oliveira & Comar (2003; apud NEYMAN, 2007) dialogam sobre a marca dos aspectos culturais, afetivos e da memória no processo de experimentação.

Uma real mudança de paradigmas em relação a natureza deve ocorrer como um processo pedagógico participativo e permanente (LOUREIRO, 2004), para se atingir uma consciência crítica sobre a evolução dos problemas ambientais.

O meio ambiente deve ser interpretado como o resultado das inter-relações entre natureza e sociedade; valorizando-se a sua relação com a qualidade de vida (social, e não apenas natural) numa esfera de amplitude sistêmica. Só assim será possível um grau de compressão e valorização, que oriente uma definição do modelo de desenvolvimento sustentável e seu nível de envolvimento e compromisso com as atividades realizadas na natureza, com a cultura das populações locais e com uma lógica de lazer crítico e criativo no meio ambiente (NEIMAN 2007 APUD BAHIA & SMPAIO. 2005)

Ao contribuir para compreensão dessa inter-relação, a Interpretação Ambiental possibilita o desenvolvimento de práticas pedagógicas que instiguem a criação de uma relação integralizada entre ser humano e ambiente.

### **2.3 Ecoturismo E Sensibilização Ambiental: Jardim Botânico Do Inhotim**

Repartimos este capítulo ao meio para beneficiar a contextualização do objeto de pesquisa, o Jardim Botânico do Inhotim (JBI).

Primeiramente falamos do Inhotim como atrativo turístico, e conseqüentemente das práticas vinculadas ao Turismo Cultural, e ao Ecoturismo, este último onde nossa pesquisa se faz. O Ecoturismo como aliado da EA, é apresentado como uma prática capaz de aproximar novamente as pessoas da natureza, ao passo que conduz a interação com o meio de maneira consciente e potencialmente afetiva. Em entrevista com o Instituto resgatamos esta intersecção em prol de se sensibilizar ambientalmente os visitantes assim como traçar um paralelo quanto as práticas pedagógicas desenvolvidas no espaço. A mediação é apresentada como estratégia do setor educativo para lidar com questões associadas à EA.

Num segundo momento, tomamos o aspecto botânico como ponto de partida para falarmos sobre os espaços físicos do JBI como estimuladores

da sensibilização, e o papel dessas instituições para conservação de espécimes botânicas em extinção ou não. Incorporamos a existência da RPPN Inhotim no Vale do Paraopeba e sua importância para a preservação do bioma de Mata Atlântica onde está inserida. Os dados aqui apresentados foram retirados da entrevista realizada com a coordenação do JBI e Receptivo do Instituto e podem ser acessadas na sessão apêndice deste trabalho (Apêndice 1).

### 2.3.1 O Turismo Cultural e o Ecoturismo

Amplamente divulgada na década de 90, a Sustentabilidade provocou também mudanças no interior do Turismo. Oferecendo uma alternativa à prática dominante do turismo de massa<sup>32</sup>, seguimentos considerados de menor impacto na área, começaram a progredir em resposta a preocupação com a sustentabilidades das atividades.

A sustentabilidade da atividade turística foi definida pela OMT (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO, 2003, p. 24) como aquela que “(...) atende às necessidades dos turistas de hoje e das regiões receptoras, ao mesmo tempo em que protege e amplia as oportunidades para o futuro”. Pautado por valores naturais, culturais e comunitários, o Turismo Alternativo (TA) se estabelece na interdependência da tríade formada entre visitantes, moradores e a prática *in loco* (FREDERICO, 2009).

O TA surge pela primeira vez na Conferência de Manila<sup>33</sup> (1980), tendo como ponto de partida capacidade que tem o turismo para reelaborar dos conteúdos dos territórios (biológico, cultural, socioeconômico). Muitas das

---

<sup>32</sup> Cruz (2003:6) define o turismo de massa como “uma forma de organização do turismo que envolve o agenciamento da atividade bem como a interligação entre agenciamento, transporte, e hospedagem, de modo a proporcionar o barateamento dos custos da viagem e permitir, conseqüentemente, que um grande número de pessoas viaje”. É possível observar nessa definição o menosprezo por aspectos culturais e sócias, intrínsecos a dimensão humana, caracterizando a atividade apenas pelo caráter econômico.

<sup>33</sup> Disponível em: <https://www.e-unwto.org/doi/pdf/10.18111/unwtodeclarations.1980.01.01>. Acesso em: <outubro 2019>.

vezes esses seguimentos configuram importante papel motriz de desenvolvimento para as regiões em que são desenvolvidas. Fugindo a lógica predatória do sistema capitalista, o TA reflete todos os segmentos que contrapõe o modelo vigente de turismo de massa, conforme indicado no esquema abaixo (Figura 4):

Figura 4 O Turismo Alternativo.



Fonte: Adaptado de WEARING & NEIL, 2001; apud FREDERICO, 2009.

O Turismo Cultural como seguimento do TA é definido pelo Ministério do Turismo como “as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura” (Ministério do Turismo, 2008, p. 16). Através de seus próprios fins, a prática do Turismo Cultural favorece a assimilação de conhecimentos e abordagens que contribuem para manutenção e proteção dos espaços de interesse histórico, cultural e artístico (UNESCO, 1976).

Nessa perspectiva, a prática do Inhotim do Turismo Cultural vai de encontro à dimensão museológica do Museu Inhotim de Arte Contemporânea voltados à conservação, exposição e produção de obras. Inicialmente o espaço foi organizado para atender os interesses artísticos de seus idealizadores.

No entanto, nos vimos diante da necessidade de destacar o Ecoturismo desenvolvido no local. Notamos falta de bibliografias brasileiras

que se ocupam da prática de ecoturismo em jardins botânicos com finalidade para sensibilização ambiental, com exceções das apresentadas na Introdução deste trabalho. Adentro nossa pesquisa almeja contribuir com esse debate ao fomentar especial campo em função das possibilidades existentes entre TC e Ecoturismo, experiências lapidadas pela reflexão de um ambiente irreverente, artístico e cultural.

O seguimento Ecoturismo é definido como “Atividade turística que utiliza de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista, através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações” (BRASIL-MICTMMA,1994). Como prática de baixo impacto para o meio ambiente, é amplamente praticada em áreas naturais para finalidades de lazer, esporte ou descanso (GEERDINK & NEIMAN, 2010), assentada fundamentalmente na tríade planejamento sustentável da atividade, no desenvolvimento da EA e na inclusão social das partes (RASTEIRO, 2002).

Enquanto atrativo turístico o Instituto possui sua singularidade na cocriação de um espaço fortemente marcado pela harmonia entre cultura e natureza, dispostas entre as práticas do TC e do Ecoturismo. Tal junção singular foi observada como potencial porque mescla na experiência de visita essa dualidade de uma maneira sutil e acessível aos visitantes, o que nem sempre pode ser observado no seguimento de turismo radical, turismo de aventura, isoladamente (NEYMAN, 2007).<sup>34</sup>

Dessa maneira, o JBI dispõe de um espaço importante para o desenvolvimento de uma série de vivências e projetos educativos não formais, permeadas pela troca com um ambiente convidativo e irreverente.

Enquanto prática pedagógica não formal de EA, é no contato dirigido e continuado com a natureza que o Ecoturismo se estabelece como

---

<sup>34</sup> Como atividade mercadológica, tais práticas atreladas ao Ecoturismo pode se comportar como uma reafirmação do turismo de massa sem o diferencial da elaboração pedagógica e interpretação ambiental. Com isso os visitantes permanecem alheios aos lugares e pessoas, utilizando meramente a atividade como lazer, fuga, válvula de escape à correria do cotidiano das cidades.

instrumento educativo. A vivencia em natureza sob molde do Ecoturismo é destinada ao aprendizado pelo viés da sensibilização. Possibilita o contato e a reflexão, capaz de otimizar a assimilação e permanência de conteúdo, ao passo que estimula nos indivíduos a autorreflexão de valores e hábitos em relação ao meio (NEYMAN, 2007).

Alguns autores defendem a prática do ecoturismo associada ao lazer, compreendendo a importância desse tempo livre para construção do indivíduo marcada pela sociedade pelo cotidiano. O lazer como instrumento pedagógico estimula a diversificação de atividades praticadas comumente massificadas pela disponibilidade mercadológica (REQUIXA, 1980). Dessa forma, o ecoturismo enquanto prática de lazer, adaptada a realidade dos indivíduos “acrescentam um conjunto de experiências que, gradativa e simultaneamente, vão construindo a formação, a história de vida e os valores dos participantes” (NEIMAN 2007 apud SCHWARTZ & SILVA, 1999, p.41).

Assim dito, este estudo parte da experiência como uma das principais vias de aprendizagem. Acreditamos que o contato dirigido e contínuo no processo em se educar ambientalmente os indivíduos, é essencial para uma mudança de comportamentos em relação a natureza. Entretanto, é preciso que sejamos capazes de perceber as potencialidades das práticas de lazer, em ambientes naturais (Ecoturismo); diante das mudanças sociais e culturais contemporâneas. Dito isso, investigaremos os usos e desusos do JBI como instrumento sensibilizador ambiental.

A sensibilização ambiental para uma nova percepção intencional ressignificar a determinação da relação do ser humano com a natureza atravessado pela afetividade (NEYMAN, 2007). Essa amplitude abre novos horizontes para que surjam novas conexões entre os indivíduos e a natureza, sejam elas no campo da espiritualidade, da ancestralidade, da moralidade e da instintividade, entre muitos outros recortes possivelmente significativos para cada ser. Dessa forma, através de vivências individuais e do manejo de pedagogias (processos de aprendizagem, sensibilização, questionamento e conscientização), a EA para a sensibilização parte de ambos os universos da emoção e cognição humanos, muito além da sala de aula (NEIMAN, 2007; GEERDINK & NEIMAN, 2010).

Bruhns (1997) salienta que a experimentação dessas novas emoções e sensibilidades poderá conduzir os seres humanos a diferentes formas de percepção e de comunicação com o meio em que vivem. Através deste processo o indivíduo transpassa barreiras do subconsciente, e a partir dessa ruptura o indivíduo começa a associar prazer e lazer à natureza, o que provavelmente desencadeará em um novo modo de se relacionar com o mundo (NEIMAN & RABINOVICI, 2008).

Segundo entrevista:

“(...) o objetivo do Jardim é explorar essas oportunidades que surgem dentro da experiência turística no JBI, para oferecer ao turista a oportunidade de vivenciar e compreender as plantas a importância de protegê-las para a vida em sua totalidade”

(...)

“O Jardim tem um grande potencial de sensibilização, mesmo em situações em que não haja ação pedagógica direcionada. Observar uma planta crescer, perceber as diferenças entre folhas e flores de espécies diferentes, observar os animais que habitam dentro do jardim, desfrutar da sombra e da umidade que uma mata nativa oferece gratuitamente, os lagos, a própria fotografia do Parque pode ser pontos de partida para reflexões individuais sobre o que é o meio ambiente, sobre a fauna e a flora, sobre o equilíbrio tênue que existe entre todos os seres”.

O efeito de encantamento do JBI nos visitantes demonstra potencial para sensibilizar e promover a reflexão nas pessoas. Permeado pelo aspecto artístico, que associado a este pode também facilitar o engajamento das dimensões emotivas e dos demais sentidos, considerando os processos de reencantamento com a natureza.

Ressaltamos de maneira adicional, que os Jardins podem também oferecer uma maior acessibilidade e facilitar a integração de uma maior diversidade de público para o referido segmento, o que nem sempre é observado nas unidades de conservação, como os parques nacionais, locais de público bastante específicos e nem sempre palatáveis para determinadas faixas etárias.

Nesse âmbito, o Instituto reconhece o potencial sensibilizador do JBI, porém conscientes da demanda real em se educar permanente indivíduos responsáveis ambientalmente. “O JBI por si só, não dá conta de levar as pessoas a esse outro ponto”.

“(...) o Jardim tem uma potência para tirar uma sensibilização de forma espontânea dos visitantes, mas as questões ambientais necessitam de um redirecionamento e conhecimento que só através de um contato dirigido e contínuo que conseguiremos mudar comportamentos.”

Cientes das circunstâncias, a equipe educativa do Inhotim aposta na comunicação como estratégia pedagógica. Atravessados pela transversalidade da EA, são prestados diferentes temáticas para discutir os problemas ambientais pertinentes a vivência fora dali, assim como o papel que cada um pode assumir no seu universo em prol do meio ambiente. Dessa forma contribuir para construção de um protagonismo ambiental crítico e reflexivo.

Discutimos como que o acervo artístico está conversando com acervo Botânico e vice-versa; qual a relação que um mantém com o outro e como que essas conversas podem contribuir para temas amplos. Seja a questão da água, seja a questão da Mata Atlântica, do uso dos recursos naturais, da alteração paisagística pelo homem e outras questões tão complexas e tão importantes quanto à questão da identidade de gênero, o protagonismo para os movimentos sociais, o nosso papel enquanto cidadão.”

Os jardins são ponto de partida para as atividades do educativo e não somente os jardins e os espécimes botânicos, mas o próprio acervo artístico possibilita conversar, discutir e propor reflexões sobre questões ambientais. Estes espaços têm sido apresentados favoráveis a prática do encontro do corpo com a natureza.

Historicamente os projetos de EA no Instituto iniciam em 2006-2007, quando o setor educativo começa a receber visitas pré-agendadas e grupos

específicos. Em 2008, é incorporado o Programa jovem jardineiro, que tinha como objetivo inicial trazer uma formação em jardinagem e Paisagismo sob a perspectiva da EA. O projeto evoluiu para o atual programa Jovens Agentes Ambientais, que de maneira continuada busca tratar de questões ambientais com jovens estudantes da rede pública de Brumadinho, os jovens são convidados a refletir, a partir das espécies botânicas, o papel que eles têm para conservação da biodiversidade.

Além dos projetos de EA, é importante ressaltar os esforços do setor educativo empenhados em projetos na esfera da cidadania, voltados ao desenvolvimento sociocultural dos moradores da cidade.

De alguns anos pra cá, além do projeto Jovens Agentes Ambientais, o Instituto promove e incentiva atividades e projetos nas áreas culturais, meio ambiente, patrimônio cultural, educação, inclusão social e cidadania. Suporta entre outras ações: visitas escolares, grupos de interesse comum, trilhas, visitas guiadas, programações comemorativas, tendo sempre a mediação como norteador dessas atividades<sup>35</sup>.

A mediação é uma estratégia amplamente desenvolvida pelo Educativo do Inhotim para dialogar sobre os acervos artístico e botânico. Apoiada no diálogo, na autonomia, e na experiência do público, a mediação permite percorrer caminhos não tão óbvios para o visitante, buscando inserir novos pontos de vista e experimentação outdoor despertados pela criatividade e curiosidade.

A mediação é uma metodologia muito importante para nós do setor educativo, porque ela explora o diálogo. Não somos guias, ou somente tencionamos passar um conteúdo, informação. Estamos aqui para troca, para uma conversa onde a opinião e a vivência do visitante é sempre muito valorizada e respeitada. Com isso temos trocas muito interessantes enquanto o visitante percorre nossos Jardins, quando o convidamos a sentar-se, sentir os cheiros, ouvir os sons, a perceber o ambiente. Ao fazer isso, o visitante nos dá um retorno através do diálogo, de experiências pessoais, da troca de informações, do sentimento daquele momento. Tudo isso para a

---

<sup>35</sup> Isso no universo da EA. Paralelo a isso, o Instituto possui outros projetos sendo desenvolvidos no âmbito artístico, ou até em outras vertentes de interesse comum.

gente faz muito sentido. Assim a mediação só ocorre com a participação do visitante.

As atividades de mediação acontecem em grupo (quase sempre) previamente combinadas. Elas são divididas por temas sendo: VISTA Panorâmica, Vista Temática Ambiental e Visita Temática Artística, mas não se limita somente a essa formatação. O setor educativo desenvolveu esta visita para promover uma conversa introdutória e reflexão sobre os espaços do Inhotim e seus acervos, (...) “ideal para quem deseja conhecer um pouco sobre a história do Instituto e se inspirar” (...) <sup>36</sup> (INHOTIM,2019). As Vistas Temáticas acontecem mensalmente, ou de acordo demanda e disponibilidade do Instituto.

É nessa perspectiva de educação que a equipe multidisciplinar do Setor Educativo atua. O público é estimulado pelo ambiente e instigado a participar do processo de mediação, manifestando-se como ator de ressignificação da própria relação com a natureza. Dessa forma, “entendemos que nossas visitas mediadas, as rodas de conversa, e outros projetos de atendimento ao público espontâneo, configuram-se como atividades sensibilizadoras de grande potencial” (Entrevista, apêndice 1).

### 2.3.2 A RPPN Inhotim e seu Jardim Botânico: aspectos gerais

Há hoje no mundo todo espaços naturais protegidos por lei. No Brasil, essas áreas naturais são denominadas Unidades de Conservação (UC's), e recorrentemente são áreas de grande interesse pela sua biodiversidade <sup>37</sup> (GEERDINK & NEIMAN, 2010).

De acordo com o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBIO), as UC's representam uma das melhores estratégias

---

<sup>36</sup> Disponível em: <<https://www.inhotim.org.br/programacao/evento/visitas-panoramicas/>> Acesso em outubro de 2019.

<sup>37</sup> No Brasil, as unidades de conservação (UC's), juntamente com reservas legais, áreas de preservação permanente, terras indígenas e terras de quilombos constituem os principais tipos de áreas protegidas relacionadas com a conservação da natureza (ICMBIO).

de proteção da biodiversidade do planeta. São regulamentadas pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC- prevista em Lei nº 9.985/2000), que objetiva a proteção e recuperação dessas áreas e promover o desenvolvimento sustentável (ICMBIO, 2019). Uma das categorias regulamentadas no âmbito brasileiro das UC's, é a Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN)<sup>38</sup>, que estabelece inter-relações com agentes sociais (governos, ONGs e a própria sociedade civil), propiciando a criação de áreas protegidas através de iniciativas particulares interessadas na conservação ambiental.

Oficialmente a RPPN Inhotim é reconhecida pelo governo federal em 2010, e anexada no entorno do complexo museológico, sendo somados 259 hectares de área de preservação. A existência da RPPN Inhotim representa um importante cinturão de conservação de fitofisionomia de Mata Atlântica e entraves de Cerrado. Por estar localizada na região mineira do Vale do Paraopeba<sup>39</sup> (figura 5), região historicamente marcada pela atividade mineradora predatória (sobretudo entre as décadas de 60-80 quando há um aumento dos investimentos no setor), essa reserva tem significativa importância para o ecossistema ali estabelecido.

---

<sup>38</sup> As UC's brasileiras se dividem em 2 grupos: as de proteção integral e as de uso sustentável. Com a instituição do SNUC, as RPPN's passaram a ser uma das categorias de Unidade de Conservação do grupo de uso sustentável. Elas são reguladas pelo Decreto nº 5.746/2006.

<sup>39</sup> A atividade intensificou sobretudo na década de 1960, com novos investidores interessados na região. Num relato mais atual em janeiro deste ano (2019), o rompimento da barragem de rejeitos localizada no Córrego do Feijão (também em Brumadinho), resultou em um dos maiores desastres ambientais desse tipo no país, havendo consequências graves para a região.

Figura 5 Vale do Paraopeba, que segue o curso do rio de mesmo nome.



Fonte: CIBAPAR, 2009.

Este cinturão de preservação salvaguarda milhares de espécies vegetais, animais e recursos naturais, além de três nascentes. Assim sendo de “grande valor para o Instituto por ser uma das formas de conservação in situ; enquanto que o Jardim Botânico realiza uma conservação ex situ” (INHOTIM, 2019).

O Jardim Botânico do Inhotim surge de fato em 2010 quando recebeu o título pela Rede Brasileira de jardins botânicos (RBJB). Entretanto, o espaço começou a ser construindo ainda na década de 80, sob uma perspectiva ornamental e paisagística de seu organizador, com propósito meramente paisagístico. Ser um jardim botânico não era objetivo inicial, mas o potencial para tal foi sendo demonstrado ao longo da caminhada.

Com o tempo buscou-se ter no local espécies com características taxonômicas mais diversas possíveis. Espécimes de alto valor paisagístico que possibilitasse explorar o valor científico das mesmas, tentando reunir uma

diversidade filogenética significativa no jardim<sup>40</sup>. Assim, aos poucos foi-se naturalmente usufruindo desse acervo para atividades educativas e de pesquisa, aproximado o universo do Jardim botânico com a EA e o Turismo, hoje reconhecidas nas atividades desenvolvidas pelo JBI.

Conforme relatado em entrevista, nos últimos tempos percebeu-se a necessidade de incorporar elementos da flora nativa no jardim. Além das espécies exóticas que despertam interesse e encantamento nos visitantes, “hoje há espécies ameaçadas de extinção, de grande importância ecológica para o Cerrado e Mata Atlântica, algumas inclusive espécies comuns no dia a dia”. Tudo isso com o objetivo de aproximar a flora e o turista, de fazer com que conexões possam ser significativas e contextualizadas, através de espécimes usualmente utilizados no cotidiano do visitante.

Com o intuito de manter, propagar e propiciar estudos com aproximadamente cinco mil espécies do acervo botânico, o JBI possui a maior coleção em número de espécies de plantas vivas entre os jardins botânicos brasileiros, com destaque para espécies de palmeiras e orquídeas, uma rica diversidade biológica (INHOTIM, 2019).

(...) a nossa missão para o Jardim Botânico continua sendo manter, propagar e propiciar estudos com o maior número possível de espécies botânicas, enfatizando as espécies ameaçadas, raras, endêmicas. Conservando recursos genéticos ao mesmo tempo que expomos essas espécies paisagisticamente, como uma forma de divulgar e sensibilizar as pessoas a respeito da biodiversidade vegetal.

A ênfase do trabalho do JBI é dada às espécies ameaçadas, à conservação de recursos genéticos e à disposição das espécies de forma paisagística. A introdução de espécies pouco conhecidas de forma paisagista e uma das estratégias utilizadas para divulgar e sensibilizar os visitantes sobre a importância da biodiversidade vegetal para a sobrevivência humana. “Os

---

<sup>40</sup> O JBI representa a maior coleção em número de espécies de plantas vivas entre os jardins brasileiros. Destaca-se a maior coleção de palmeiras do mundo (aproximadamente 1400 espécies), a maior coleção de Araceae da América Latina (aproximadamente 450 espécies) e coleção de orquídeas (aproximadamente 330 espécies) (INHOTIM, 2019).

espécimes botânicos acabam despertando no visitante uma sensação de prazer e bem-estar” (ENTREVISTA).

O propósito do JBI, assim com todos os jardins botânicos, é baseado nos quatro grandes pilares dos jardins: a divulgação da importância das plantas e acesso ao público; proteção da vegetação, colaborando para sua conservação; investindo em pesquisa e educação. Esses propósitos intencionam abordar a extrema importância das plantas para nossa coexistência, assim como protege-las, colaborando com a sua conservação.

O título de Jardim Botânico veio confirmar a utilização dos acervos para atividades educativas, de conservação e pesquisa. Ao longo dos anos a estrutura e o formato do JBI foi sendo modificado a luz da conservação também do acervo botânico. Hoje as coleções botânicas são divididas em coleção ornamental, paisagística e de conservação. Em 2015 o JBI é reclassificado pela RBJB, passando da categoria C para categoria B, por atender os quesitos para subir de categoria.<sup>41</sup>

Os Jardins Botânicos foram, desde 1946, considerados museus pelo ICOM (International Council of Museums), em virtude das semelhanças nas funções, objetivos, compromissos e responsabilidades com a sociedade (SUESCUN & SCHEINER, 2013). Enquanto mediadores entre o passado, o presente e o futuro das sociedades, destacando o seu potencial educativo. A Carta de Floreça de 21 de maio de 1981 (em complemento a carta de Veneza de 1964) é um marco para proteção de jardins históricos. Em seu artigo 5º reconhece o jardim como

“Expressão de relações estreitas entre a civilização e a natureza, lugar de deleite, apropriado a meditação e ao devaneio, o jardim toma assim o sentido cósmico de uma imagem idealizada do mundo, um paraíso, no sentido etimológico do termo, mas que dá testemunho de

---

<sup>41</sup> Essa categoria indica que o JBI possui um quadro técnico-científico compatível com as atividades da categoria; programas de pesquisa voltados a preservação e conservação; serviço vigilância jardinagem; investimento em área de mudas e reprodução de mudas nativas; e programas de EA consolidados. Além de infraestrutura adequada para visitantes.

uma cultura, de um estilo, de uma época, eventualmente da originalidade de um criador” (CARTA DE FLORENÇA, 1981).

Em 2006 o Instituto Inhotim de Arte Contemporânea e Jardim Botânico abria as portas ao público. Dispondo do acervo artístico contemporâneo distribuído em galerias em meio a um jardim botânico exuberante, a tipologia Museu de Arte Contemporânea (MAC) e Museu Paisagem (MP) se fundem na proposta do Inhotim, coexistindo em simbiose.

O Instituto Inhotim é considerado uma fusão entre as categorias, denominado MPAC's. Devido as suas especificidades atende os critérios definidos pelo International Council of Museums (ICOM) e pelo Instituto Brasileiros de Museus (IBRAM)<sup>42</sup>. Os jardins botânicos concentram muitas potencialidades em termos de lazer aliado ao conhecimento.

A Botanic Garden Conservation International (BGCI), maior órgão internacional do tipo, reconhece no território nacional hoje 45 áreas dedicadas à conservação e documentação de espécimes botânicas. Datado do século XVI numa extensa tradição europeia, os primeiros jardins se destacaram pela possibilidade de lazer destes espaços, e pelo cultivo de espécies medicinais, “o que deu início as primeiras coleções de plantas desidratadas para fins científicos” (PEREIRA & COSTA, 2010). No Brasil, os primeiros jardins botânicos datam do século XVII, comumente relacionados a interesse da corte brasileira. Com o tempo, o bem-sucedido intercambio de vegetais entre os jardins botânicos brasileiros incentivaram a criação e manutenção de jardins ainda existentes.

A Rede Brasileira de Jardim Botânicos (RBJB) fundada em 1991 sob estímulo do BGCI, é hoje a única instituição que busca promover a criação e desenvolvimento de novos jardins botânicos no âmbito brasileiro. Além de incentivar a cooperação entre os jardins botânicos e instituições congêneres, a RBJB estimula o estudo da botânica e a conservação dos recursos da biodiversidade (PEREIRA & COSTA, 2010).

---

<sup>42</sup> Guia dos Museus Brasileiros, 2011. Disponível em: <[http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/gmb\\_sudeste.pdf](http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/gmb_sudeste.pdf)>. Acesso em julho de 2019.

Dessa forma fica evidente o papel dos jardins botânicos nacionais para conservação das plantas. Sobretudo nas últimas décadas pudemos ver os esforços dos jardins botânicos (numa perspectiva global), em combater a degeneração dos habitats naturais e a extinção de espécies vegetais, comportando-se como espaços importantes para conservação da biodiversidade e desenvolvedoras de atividades de Interpretação Ambiental. Orientados pela Estratégia Global para a Conservação de Plantas<sup>43</sup>, esses espaços únicos fomentam suas próprias estratégias e planos de ação, visando a cooperação com os governos no cumprimento das ações relacionadas a conservação da biodiversidade. Essas instituições têm representado importante papel vetor para conservação de sementes e mudas e disseminação de conhecimentos em relação ao cultivo de espécies.

Conforme exposto neste capítulo, o compromisso do JBI é respaldado juntamente ao Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA, nº 6.938/81), órgão federal responsável por estabelecer diretrizes para a criação e normatização de jardins botânicos no país. Segundo a resolução 339 do CONAMA,

(...) entende-se como jardim botânico a área protegida, constituída no seu todo ou em parte, por coleções de plantas vivas cientificamente reconhecidas, organizadas, documentadas e identificadas, com a finalidade de estudo, pesquisa e documentação do patrimônio florístico do País, acessível ao público, no todo ou em parte, servindo à educação, à cultura, ao lazer e à conservação do meio ambiente (CONAMA, Resolução 339).

Para um país com as dimensões continentais como o Brasil, 34 instituições nesses moldes são insuficientes para conter a ameaça da devastação dos biomas (a maioria dos jardins botânicos estão situados em Mata Atlântica, seguido do Cerrado e Amazônia). Nesse interim, a RBJB elaborou um plano de ação (datado até 2014), que entre outros buscava criar

---

<sup>43</sup> A Estratégia Global para a Conservação de Plantas (Global Strategy for Plant Conservation, GSPC) é um programa de 2006 da Convenção sobre Diversidade Biológica das Organização das Nações Unidas que oferece uma estrutura inovadora para ações no nível global, regional, nacional e local para conservação da vida vegetal.

novos sítios botânicos nos diferentes biomas brasileiros. Entretanto, a urgência de um novo plano de ação diante do cenário de obstáculos em território nacional faz dos espaços existentes verdadeiros guarda-vidas da flora.

[...]

Até que seja gerado o conhecimento básico sobre seu cultivo, biologia reprodutiva e armazenamento de sementes necessários à conservação da espécie, os sítios de ocorrência da espécie podem estar sendo degradados e perdas irrecuperáveis de diversidade da espécie, senão de populações inteiras, podem ocorrer.

PEREIRA & COSTA (2010)

Neste cenário, a coordenadoria do JBI, apresenta algumas particularidades que o diferencia em relação a outras instituições. Primeiramente encontramos a utilização do paisagismo como linguagem para falar com o visitante. A disposição do acervo botânico no espaço de visitação tem por objetivo explorar padrões estéticos como instrumento de sensibilização popular. Assim os espaços paisagísticos “convidam os visitantes a refletirem sobre as diversas relações de dependência que estabelecemos com as plantas”, mas também a conservação da biodiversidade, a sustentabilidade e a educação ambiental, explorados pelo potencial turístico do JBI.

O Inhotim escolhe promover o contato das plantas com o público, utilizando essa linguagem paisagística. Através das curvas, das plantas exóticas, dos maciços, dos espelhos d’água, da valorização entre a relação da natureza e a arte. São elementos importantes para construir a narrativa com visitantes sobre o contato com as plantas, a importância da diversidade biológica e a necessidade de conservação das plantas.

Outro elemento reconhecido como decisivo para o estabelecimento e desfrutação do Jardim Botânico, foi o investimento em Jardins temáticos. Nos últimos anos o Instituto se preocupou em compor espaços com temáticas paisagísticas diversas. O que incrementa a coleção botânica, e agrega

múltiplas experiências e possibilidades dentro do universo do JBI. Hoje são oito Jardins temáticos<sup>44</sup>, cada um com uma narrativa própria.

(...) é importante porque revela o potencial educativo e de comunicação que o Instituto busca promover entre os visitantes. Além de presar pelo paisagismo esses espaços podem ser explorados como plataforma para tratar assuntos decisivos na agenda ambiental. Assuntos que dialogam com nossa realidade, nosso dia a dia. Por isso os Jardins temáticos também configuram algo importante de ser destacado nesse processo de estabelecimento JBI.

Outro espaço estilizado de grande interesse para a EA dentro do JBI é o espaço Viveiro Educador. Nele são realizadas atividades de manutenção do acervo botânico, pesquisa científica, conservação e educação ambiental. Este espaço tem papel fundamental na propagação das espécies em risco de extinção existentes no Jardim Botânico Inhotim. Uma porção selecionada de toda a coleção botânica do Inhotim está representada nos jardins do espaço que ocupa uma área de aproximadamente 25 mil m<sup>2</sup> (INHOTIM, 2020).

Aqui é onde se localiza o Jardim de Todos os Sentidos, hotspot para nossa pesquisa. Sua formatação em forma de mandalas busca de forma lúdica e interativa contribuir para a construção do conhecimento e sensibilização ambiental, através da popularização da ciência.

Como porta de experimentação, espécies aromáticas, medicinais e até mesmo de efeito tóxico, este jardim convida a interação e curiosidade. Propõe ao visitante explorar os cinco sentidos, observar, cheirar, tocar (em alguns casos é possível até mesmo saborear). Aqui a informação e a prática anseiam resgatar memórias ao mesmo tempo que busca surpreender, tudo com o objetivo de fomentar conexões significativas e contextualizadas durante a experiência (INHOTIM,2020). Abaixo uma ilustração do jardim, na figura 6:

---

<sup>44</sup> Jardins temáticos do JBI: Jardim de Todos os Sentidos, Jardim Desértico, Jardim Medicinal, Jardim Pictórico, Jardim Veredas, Jardim de Transição, Vandário e Largo das Orquídeas.

Figura 6 Jardim de Todos os Sentidos.



Fonte: Imagem retirada da internet.

Por último, dentre as estratégias de comunicação adotadas pelo JBI, o último investimento em sinalização etnobotânica dos espécimes busca tencionar o visitante a reflexão espontânea sobre a relação com as plantas. A etnobotânica favorece a relação do homem com a diversidade vegetal, ou seja, investiga a relação antropológica dos seres humanos com as plantas, seja através do uso medicinal, ritualístico, e até mesmo nos padrões de alimentação. Para Albuquerque e Lucena (2004 apud FRANCO & FERREIRA & FERREIRA 20011), a etnobotânica não possui uma estrutura conceitual estabelecida, entretanto, se sustenta em conceitos antropológicos, botânicos e ecológicos.

Nós acreditamos que conservar e estimular as pessoas a refletirem sobre a importância da conservação das plantas, é a razão principal de um Jardim Botânico, e essa tarefa é muito mais facilmente alcançada quando a gente consegue demonstrar para as pessoas, as ligações entre as plantas e as nossas relações diárias, nossa história e Cultura, nossa economia, e claro a dependência para manutenção da vida no planeta da vegetação. Prova disso é a nova sinalização que inauguramos no novo jardim Sombra e Agua fresca, onde optamos por colocar somente o nome científico e nome popular, a família e logo abaixo uma informação etnobotânica; para que o

público consiga estabelecer ligações com a própria planta, com o país, com a história, com a cultura do povo.

Conforme exposto nesse capítulo, podemos visualizar a importância dos jardins botânicos no redirecionamento de perspectivas cartesianas em relação à natureza ainda presente na contemporaneidade. Esses espaços comprometidos em preservar e disseminar espécies botânicas, apontados também para o desenvolvimento de ações educativas potencialmente sensibilizadoras, fazem dos jardins botânicos verdadeiro guardiões da biodiversidade, em situações ambientalmente caóticas, como se vê no país.

Dito isso, o JBI propõe uma imersão singular no âmbito das práticas de sensibilização ambiental. Ao explorar aspectos do imaginário e do lúdico, do afetivo e cognitivo tendo como ponto de partida processos de informação e de interações com o próprio espaço, o JBI corrobora com os estudos na área ao mesmo tempo que propaga o desejo da mudança da autora.

### **3. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS**

Aqui apresentamos a análise dos dados coletados a partir da aplicação do questionário e da metodologia de Observação Participante. A entrevista realizada anteriormente com o setor educativo e receptivo do Instituto também é relacionada junto ao referencial teórico que embasa esta pesquisa, buscando alcançar os objetivos propostos.

Para isso, o capítulo foi dividido em duas partes. Inicialmente é apresentada a caracterização da amostra e aspectos gerais da visitação pertinentes à interpretação dos dados. Como será retratado, nesse momento não fizemos distinção entre os grupos não participante de mediação (grupo A) e participante de mediação (grupo B), uma vez que o foco da nossa investigação é amplamente discutido no tópico seguinte. Outro fator assistente é o padrão de respostas encontradas não havendo diferenças significativas entre os dois grupos neste primeiro momento.

Mais adiante é apresentado os dados da investigação referentes aos objetivos da pesquisa, permeados pela dimensão da emoção e pela imersão turística resultante da vivência no JBI como espaço não formal de educação. Sobretudo a potencialidade pra EA e a interferência da mediação nesse processo. Por fim, discursamos apoiados e direcionados pela metodologia de observação participante ao longo de todo tópico.

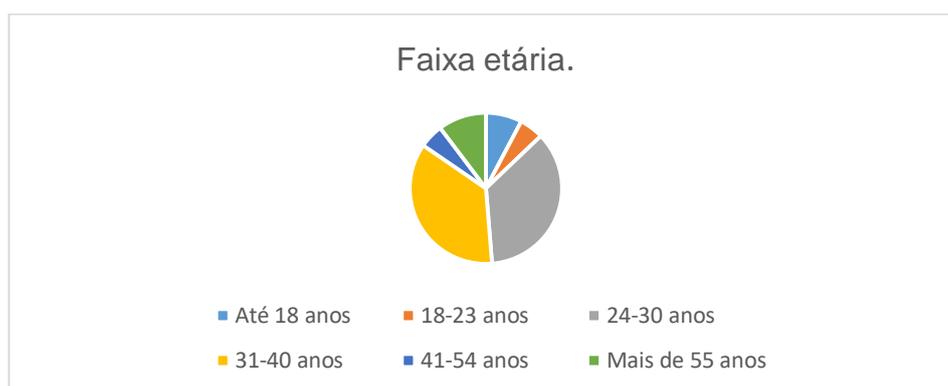
#### **3.1 Caracterização Do Turista E Aspectos Gerais Da Visitação**

Aqui vamos traçar a caracterização da amostragem através do reconhecimento de padrões nas respostas obtidas.

A amostra foi composta por 21 indivíduos do sexo feminino (54%) e 18 do sexo masculino (46%), nascidos no Brasil, não havendo diferença significativa em gênero.

No quesito idade dois grupos da faixa etária igualmente expressivos correspondente aos intervalos 24-30 anos (36%) e 31-40 anos (36%), demonstrado abaixo no gráfico 1.

Figura 7 Distribuição da faixa etária da amostragem.



Fonte: Elaborado pela autora.

O nível de escolaridade observado foi considerado elevado, sendo que mais de três quartos do total (77%) ocupam cargos de ensino superior (ou encontravam-se cursando).

É importante dizer que sob o modelo cartesiano enraizado nos modelos sistêmicos de ensino moderno, com foco na cada vez maior especialidade do trabalhador, o nível de escolaridade diretamente não determina o grau de consciência das pessoas em relação a QA.

Ao dividir a realidade em campos de estudo, afastado das dimensões afetivas e sensoriais, o cartesianismo permite objetivar a natureza (tornar útil) mesmo que as suas inter-relações sejam o próprio tema de estudo. Dessa forma a tomada de consciência em relação a natureza é afetada até mesmo em âmbitos isolados, profissional ou escolar.

O tratamento transversal da EA tem se mostrado mais eficiente na conversão de uma nova consciência ambiental. Bebendo na fonte da compreensão holística, a EA ganha força ao abrir o campo de visão das pessoas por justamente integralizar as leituras de micro e macrocosmos (CAPRA, 1995) dos ciclos da natureza, da vida, da moral, da espiritualidade,

e claro da afetividade, no papel de cada um nesse grande ciclo sem fim (NEYMAN, 2007).

A ocupação, e logo os campos de afinidade dos respondentes podem ser acessados neste documento na sessão de apêndice (apêndice VI).

A maior parte dos visitantes é originária de Belo Horizonte e Região Metropolitana (51%), que juntos dos mineiros representam público de maior peso na amostragem (66%). Eles também representaram mais da metade da amostra que exclusivamente tiveram o Inhotim como destino final (56%), e a quase totalidade dos que já fizeram visitas anteriores e retornam ao local (54%). Ainda, todos os participantes de mediação tiveram origem no entorno. O que aponta o instituto como atraente destino para se trabalhar a sensibilização ambiental em na região.

Os visitantes oriundos de outros estados brasileiros (33%) aparecem em transito, incorporando a ida ao Inhotim em seus respectivos percursos. Como destino final aparece majoritariamente cidades do circuito barroco mineiro: Belo Horizonte (10%); Ouro Preto (7%); Congonhas (7%); Tiradentes (5%); São João del Rei (2%); Juiz de Fora (2%).

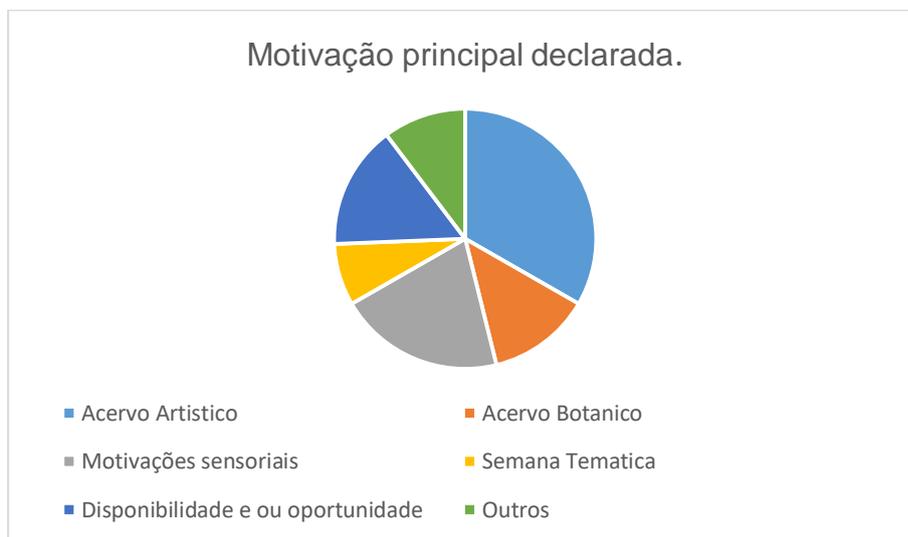
A incorporação do Inhotim nos itinerários, sinaliza a visibilidade do atrativo a nível nacional. A facilidade de acesso à região e a curta distância (60 km) entre a capital do estado e o Instituto, favorecem a afluência não só de visitantes ao redor, mas de âmbito nacional e internacional.

Conhecer o motivo pelo qual as pessoas retornam à UC's é importante por estar diretamente ligada ao universo da afetividade. O convívio em áreas verdes pode se transformar em um significativo fator de conservação do ambiente (CAMPOS, 2010).

Quando se opta em retornar a uma área natural, é assumido relações afetivas e sensoriais com esse espaço, manifestado através (inclusive) da motivação. Além do mais, o conhecimento das motivações é fundamental para que seja avaliado se as expectativas criadas estão concatenadas ao que o lugar tem potencial para oferecer, o que interfere diretamente na experiência, e interessa os próprios gestores das UCs (KATAOKA, 2004).

Nesse ponto, a motivação principal declarada dos visitantes se deu pelo aspecto museológico (33%), observado no gráfico abaixo (figura 8).

Figura 8 Motivações da amostra.



Fonte: Elaborado pela autora.

Os visitantes declararam querer “ver as obras”, “conhecer o museu”, “ter contato com o mundo da arte”. A arte contemporânea em sugestivas observações foi retratada a parte do cotidiano dos respondentes, entretanto parece ter efeito motivador e de curiosidade sobre as pessoas.

O aspecto botânico foi apontado por 13% dos visitantes, que retornam ao local motivados pela visita especial como curador botânico. Embora a principal motivação revelada esteja desconhecida da intenção com a natureza, o interesse pela oportunidade de vivenciar estes espaços (e jardins) foram expressados por 36% da amostra.

Nesse aspecto, se consideramos a metade da amostra que retorna ao local, é interessante observar que foram expressos aspectos sensoriais através de resgate da memória para indicar sua respectiva motivação “ter um momento agradável”, “O Inhotim me proporciona bons momentos de reflexão”, “Caminhar, ouvir o silêncio”, “aqui é muito encantador para vir só uma vez na vida”, “Trazer minha irmã para conhecer. Curtir essa experiência única” ou simplesmente “passear, relaxar”.

Nesse sentido, 15% se disseram motivados pela disponibilidade de tempo (oportunidade e livre escolha) para visitar o local. “Fugir da loucura que é BH no meio da semana”, “aproveitar o recesso”, “Descansar e ter um tempo para aproveitar a família”. O desejo de contato com a natureza e a necessidade de repouso (fugir da rotina) são critérios do trabalho de investigação do porquê as pessoas visitam áreas naturais realizado por Neimam (2007), aqui servindo de base. Em seu trabalho o autor expressa a ideia de vocação das UC's, (potencial in loco) atrelada a motivação de visitaçãõ do público. Ainda, 7% declararam motivados pela semana temática e 10% por outros motivos.

O resgate de memórias sensoriais para indicar motivação (contato com a natureza), a livre escolha em retornar ao local e a presença do JBI na condução da experiência de imersão (continuum experience) indicam uma percepção favorável à assimilação de uma educação ambiental sensibilizadora.

Esta amostra se materializa então jovem adulta, mineira e com alto nível de instrução. Conhecedora do local, retornam motivados pela oportunidade de tempo e indiretamente pelo desejo em vivenciar a natureza.

Em unanimidade 100% (N=39) dos visitantes declarou ser agradável visitar áreas naturais, o que denota uma percepção positiva no âmbito afetivo e sensorial relacionados a vivências em natureza.

Por outro lado, questionados sobre o tema da QA e os desdobramentos sociais no respectivo cotidiano, a maioria das pessoas (82%) declarou perceber a QA pertinente, o que se apresentou bastante homogêneo.

Os grandes meios de comunicação aparecem como importante veículo na maneira como as pessoas percebem a QA. O tratamento isolado (alheio) e alarmista dos eventos climáticos tratados pela mídia fora refletido na maior parte das respostas (54%), que girou em torno do conhecimento sobre as mudanças climáticas veiculados aos grandes meios de comunicação, “As tartarugas e os canudos de plástico”, “de um lado tem as secas, de outro tem as geleiras derretendo”, “o desmatamento da Amazônia” “acabamos de ver essa tragédia ambiental aqui”, “Eu não sei muito a respeito, mas tem notícias desse tipo com muita facilidade hoje em dia”, e “a gente vê no noticiário, cada dia as coisas ficam piores”.

Como efeito colateral, a interpretação do problema da QA é reduzida a catástrofes isoladas apartadas do cotidiano das pessoas. Aqui, as respostas espontâneas encontradas não se referiram as percepções e particularidades pautadas no referido dia a dia. E não é porque não haja desdobramentos da QA para essas pessoas. Mas ao perceber a QA através de recortes de uma realidade multidimensional, a influência midiática acaba por distanciar as pessoas ainda mais da real dimensão do problema. “Até hoje está longe da minha realidade”.

O comportamento do mercado refletiu aqui de forma semelhante, ao ser incorporado na gama de ações que as pessoas encaram a QA no seu cotidiano. “Eu economizo tempo no banho, compro orgânicos de produtores locais sempre que possível”; “tentamos reciclar nosso lixo” e “ troquei o copo de plástico descartável por um de borracha, carrego dentro da bolsa”.

É perceptível que as pessoas têm se demonstrado mais interessadas em adotar hábitos sustentáveis, visto a urgência do tema e os esforços feitos para contornar a degradação do planeta. Entretanto, as soluções apresentadas pelo mercado e mídia são muitas vezes incapazes de gerar mudanças de reversão quanto a QA, interpretado como um capital simbólico da luta ambientalista. A apropriação enganosa de virtudes ambientalistas por empresas e organizações intencionadas somente em atender uma fatia do mercado, e até mesmo encobrir impactos ambientais negativos é conhecida como *greenwashing*<sup>45</sup>.

Tal prática, ao entregar uma solução romantizada em larga escala, negligencia a transversalidade do problema, e impede que as sociedades despertem assertivamente frente a QA.

As falas encontradas foram resumidas basicamente à interpretação naturalista de meio ambiente (REIGOTA, 1995) sendo as associações diretas à desdobramentos socioculturais causados pela Degradação Ambiental (inerentes ao conceito de meio ambiente) foram nulas. A redução da QA às catástrofes eventuais e os insuficientes relatos e opiniões apresentadas

---

<sup>45</sup> Práticas estas evidenciadas por GEERDINK & NEIMAN (2010), PEDRINI (2006) e Diegues (1996) sobre as rachaduras polissêmicas do Desenvolvimento Sustentável.

indicam o acesso a informação. Porém o conhecimento sobre os reais desafios, consequências e possíveis soluções, ou seja, a real dimensão do problema, aparece ordinariamente difundida no cotidiano em sociedade.

Toda a amostra (100%) declarou estar informada sobre as atividades de mineração no entorno, o que acreditamos estar relacionado a massiva divulgação da mídia sobre o deslizamento da barragem de feijão no início do ano (2019). Entretanto, a grande maioria dos participantes declarou não ter realizado associações com a mídia na hora de escolher visitar (ou não) o local (89%).

Para a pesquisadora, fica reforçado o padrão dissociativo entre a percepção da QA e percepção da realidade. A indiferença com que a informação é desassociada da realidade indica reforçar o padrão dualista de desconexão que as pessoas têm em relação a QA, a natureza e o tipo de informação que foi demonstrado permear o cotidiano dos respondentes “não influenciou não até porque se tivesse influenciado eu não estaria aqui”.

Esse cenário parece ser flexibilizado pela interjeição midiática, mas também pela pouquidade de práticas e referências pautadas em modelos da EA no dia a dia das pessoas. O alarmismo midiático e o afastamento da orientação afetiva (e efetiva) da vida moderna, ludibriado pela cotidianidade, é desemboca na percepção romantizada e utilitarista em relação a natureza. A busca por novos modos de vida sustentáveis teve início há pouco mais de 70 anos, mas os moldes da contemporaneidade ainda bebem em cinco séculos de uma ideia de exploração e dualidade da natureza.

Quebrar o paradigma antropocêntrico de natureza no sistema capitalista exige mais do que a simples introdução de uma ideia racional. Exige que novos estímulos sejam sincronizados a partir de múltiplas vertentes humanas (moral, espiritual, afetiva, perceptiva) e coletivas (sociais, econômicas, éticas e culturais), inauguradas pelo entendimento de um novo viver globalizante (REIGOTA, 1995).

Dessa maneira é importante entender como a QA se materializa para as pessoas uma vez que somente partindo de problemas reais poderemos verdadeiramente criar pontes através da sensibilidade (NEIMAN, 2007).

Nesse sentido, perguntamos se eles acreditam que suas atividades cotidianas, fora dali, tenham alguma relação com a atividade minerária. Os 59% respondentes negativos indicaram distantes em reconhecer as inter-relações pertinentes aos conceitos básicos de biosfera, de meio ambiente, de vida e a construção da própria realidade que o circunda. Uma moradora de Brumadinho, em resposta autodeclarada negativa diz “Sim, mas indiretamente. Muita poeira, saúde respiratória, e acaba com o meio ambiente. Para Brumadinho é complicado porque a cidade não tem estrutura. Acaba que é diretamente ne”, demarcando a inconsistência do discurso.

Fica aqui mais complexo entender a pré-disposição das pessoas em relação a natureza. De certa forma, no âmbito racional, os processos de aprendizagem são destrinchados e difundidos. Já o âmbito da aprendizagem emocional, levanta aqui até onde a negação das pessoas para essa pergunta vem do desconhecimento das inter-relações, ou da negativa de abstenção e rejeição com a “vilã da vez” mineração.

A parcela que reconheceu afirmativamente ligações cotidianas com a atividade (41%) o fez circundada pela interpretação antropocentrismo de meio ambiente (REIGOTA, 1995). “É da mineração que vem todo o ferro do mundo”, “a mineração existe para atender as pessoas” e “a mineração é fonte de riqueza para o estado”.

Este padrão de respostas apresentou alguma noção, geralmente de maneira genérica e não sinérgica. Perceptivelmente os visitantes não trouxeram uma autorreflexão sobre a responsabilidade e participação individual em relação a QA. Fica evidente que mesmo a noção de interdependência presente, a percepção ativa individual enquanto vetor de transformação na QA é escassa e passa longe de referências de mutualidade ou afetividade. “Cada um tem que se responsável pela forma como consome porque tudo vem da natureza”, “Sim a natureza é a origem de tudo, mas o governo não valoriza o que tem”, “A relação com o ambiente só vai mudar quando o sistema capitalista também mudar”, “o homem tem que aprender a controlar melhor os recursos em seu próprio favor”.

Perceptivelmente a amostra demonstrou não possuir intimidade com a real dimensão da problemática ambiental, explicitada na confusão de ideias

e papéis do discurso da sustentabilidade, assim como suas reais demandas e soluções, ainda desprendidos da esfera afetiva.

É importante que esteja claro para as sociedades o seu papel de transformação frente a QA. Sem isso a QA vai continuar perpetuando a divisão homem e ambiente (natureza) refletida pelo pensamento antropocêntrico separatista. Cada indivíduo pode ser um ativo dentro de seu meio, trazendo discussões sobre o tema, apoiando atitudes pro ambientes, sendo exemplo para que essas discussões estejam mais presentes no dia a dia das pessoas.

Para que isso aconteça é necessária uma mudança de paradigma do chamado *status quo*<sup>46</sup>. Um artigo publicado pela National Academy of Sciences<sup>47</sup> em 2010 descobriu que, quando confrontadas com escolhas difíceis, as pessoas são mais propensas a escolher o status quo. Além disso, o estudo também apontou que essas escolhas muitas vezes não são as “melhores” escolhas, mas a dificuldade de tomar uma decisão é um fator que leva as pessoas a persistirem na familiaridade.

Estudiosos como Neiman (2007), Leff (1998), Reigota (1995), Capra (1995) já evidenciaram os limites impostos por essa conjuntura no que tange a mudança de perspectiva em relação a natureza. Se fisiologicamente preferimos segurança ao invés do desconhecido, a EA através do contato dirigido e contínuo com a natureza (uma educação reestruturada) se apresenta como potencial ferramenta de desistematização de crenças enraizadas em tais vertentes humanas. Afinal, não podemos simplesmente mudar nossa “natureza”, mas os conceitos aplicados ao que é conhecido e sentido, sim.

Nesse aspecto a educação para sociedades sustentáveis busca justamente aproximar as pessoas da natureza; facilitando acesso e práticas para que as pessoas se desafiem a sair da zona de conforto; abrindo caminhos para que outras formas de ver o mundo emergjam, fortalecendo ao mesmo tempo empatia e conexão com o ambiente e com as pessoas que estão ao redor e começam a sofrer as consequências.

---

<sup>46</sup> Em tradução livre, “o estado das coisas”.

<sup>47</sup> FLEMING, Stephen M.; THOMAS, Charlotte L.; DOLAN, Raymond J. Overcoming status quo bias in the human brain. **Proceedings of the national Academy of Sciences**, v. 107, n. 13, p. 6005-6009, 2010. Disponível em <<https://www.pnas.org/content/pnas/107/13/6005.full.pdf>>. Acesso em: jan 2021.

A duração de visitação foi tida como desafio para o desenvolvimento de sensibilização no JBI. Devido sua extensão, possibilidades de trilhas, ambientes de mata fechada, serie de estímulos, o Instituto aconselha fazer o trajeto em cerca de 4 dias. No entanto, a média de visitação foi de 1 dia para evidenciado no gráfico abaixo (Figura 9):

Figura 9 Tempo de duração da visita.



Fonte: Elaborado pela autora.

O desdobrar das visitas em imersões esporádicas e não dirigidas afeta o potencial de sensibilização, ao ser lido como mera utilização do tempo livre, evidenciados inclusive pelas motivações declaradas. Ainda, aqueles que fizeram a visita em dois dias, foram motivados pelo aspecto botânico e visita especial, tendo demonstrado familiaridade e desejo para com a natureza.

Sendo assim, as motivações declaradas, o perfil comportamental de respostas encontrado e o caráter descontínuo da prática foram tidos como empecilhos para uma imersão transformadora. No entanto, foi percebido nos comentários dos visitantes o entendimento do pouco tempo disponível e o recorrentemente desejo em retornar mesmo já conhecedores do local.

Algumas considerações observadas sobre os aspectos gerais da visitação. A facilidade de acesso ao local foi um fator decisivo para os visitantes oriundos de outras regiões e um facilitador observado para os autóctones. O percurso de visitação é geralmente realizado aleatoriamente, salvo pelo desejo

em alguma obra em específico ou percurso sugerido pela mediação. Foram geralmente as obras e galerias que determinaram esses percursos.

O turista geralmente permaneceu contemplativo, e tranquilo durante o percurso.

O Jardim Pictórico é favorecido pela sua localização facilmente acessível e pela formatação do seu espaço. Consta aqui restaurantes, banheiros, obras de artistas com grande visibilidade e espaços frequentemente utilizados pela administração e Setor educativo. Todas as três atividades de mediação em algum momento utilizaram destes espaços.

Ao contrário, observamos pouca movimentação no Jardim de Todos os Sentidos, o que afetou o processo de investigação desse espaço e consequentemente o acesso do público. Através da Observação Participante, observamos que a localização do Jardim frente as múltiplas possibilidades de percurso, refletiram diretamente na escolha do público. Metade dos interrogados neste espaço foi graças a mediação, sendo que em cerca de 40 minutos, menos de 10 pessoas aleatórias passaram por ali.

Este espaço teve um papel importante no resgate de memórias dos visitantes atravessados pela nostalgia com a natureza. Quando falamos de memórias, falamos de história. O resgate de afinidades entre seres humano e a natureza acessam lugares empáticos poderosos para desconstrução de paradigmas separatistas e ao mesmo tempo no reconhecimento de si mesmo através de vivências individuais.

Especialmente o Jardim dos Sentidos foi concebido como um local estratégico para o resgate de memórias e impulsionar sensações. Os espécimes medicinais, condimentares e tóxicos populares e inusitados do cotidiano e imaginário brasileiro, se apresentam passivos ao toque, cheiro, observação e degustação.

No entanto, a sinestesia deste jardim vai ser experimentada diferentemente pelas vivências e memórias individuais prévias dos visitantes. Para que o resgate de memórias seja utilizado como um reaproximo com a natureza, as pessoas precisam ter vivenciado conexões anteriores com tais espécimes. Sendo a memória fruto das dimensões racional e emotiva, foi

importante trazer mais a fundo a manifestação desta para os diferentes grupos A e B.

Comento ainda que durante visita in loco, foi possível acessar a fundação de um novo jardim temático, a ser o maior jardim inaugurado até então. Intitulado Jardim sombra e água fresca, este tem similaridades sensoriais com o jardim de todos os sentidos. Esta busca explorar espécimes frutíferas nativas e estrangeiras, e que permitem ao visitante, colher uma fruta do pé, sentir as texturas e sabores das frutas, experiência permeada pelo comportamento de vida selvagem.... O que faz dessa proposta, na minha opinião, uma extensão potencialmente atrativa para fins sensoriais similares aos dados ao jardim dos sentidos.

Falo isso porque além da possibilidade de envolver sensorialmente com os espécimes, junto desse jardim foi instalado novas placas com informação etnobotânica sobre os espécimes. O investimento na comunicação etnobotânica aparece como potencial linguagem e destrinchado nos tópicos a seguir.

A Observação Participante teve especial importância para essa pesquisa e para pesquisadora. Para a tipologia e amplitude de dados que é tratada aqui, a metodologia auxiliou que as pontas soltas do trabalho de campo fossem relacionadas aos dados encontrados. Neste caso, as respostas dos visitantes através do questionário foram interpretadas junto com a observação e interpretação de seus respectivos comportamentos, interações com o ambiente, declarações livres, o tempo de permanência e atenção destinada em cada espaço, se estavam sozinhos ou na companhia de semelhantes....

Para a pesquisadora de primeira viagem, o recurso metodológico deu mais segurança para a interpretação dos dados. Apesar da inexperiência em campo, acredito que os resultados demonstrados condizem exatamente com o que o senso de investigadora acredita dizer sobre a amostra.

Os três espaços aqui investigados foram observados a partir da interação dos presentes com o ambiente. O Espaço Tamboril aparece como o mais frequentado. Esse ponto de intercessão além de unir diferentes caminhos, foi amplamente utilizado para descanso, pausas, refeições, fotos. A árvore Tamboril que dá nome a este espaço, chamou muita atenção, sendo

fotografada inúmeras vezes. Aqui também foi espaço de encontro, e ponto de partida para a visita. Observado como espaço para localização, este espaço aparece bastante contemplado pelos visitantes. Eles chegavam, olhavam a árvore, sentavam na grama... olhavam a paisagem, percorriam com os olhos os lagos, a entrada das palmeiras, o indo e vindo das pessoas (figura 10).

Figura 10 Turistas observado em momento de contemplação no Espaço Tamboril.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

O jardim dos sentidos por outro lado permaneceu calmo e silencioso inclusive com a aproximação dos visitantes pingados. A interação com as mandalas começou tímida; as placas eram lidas, os espécimes examinados... até que começavam a toca-las, cheira-las, experimenta-las. Este por outro lado não gerou o impulso de registros fotográficos, como o espaço tamboril. Mas foi possível escutar as pessoas tecendo comentários íntimos sobre determinados espécimes... e assim eles passavam e seguiam.

Já o Jardim Pictórico foi tido como efeito estimulante nas pessoas. Tendo as três atividades mediadas utilizados deste espaço, percebi que os

espécimes deste jardim possuem narrativas muito utilizadas pelo setor educativo, principalmente para as abordagens lúdicas. Para as vistas panorâmicas e volta ao mundo, artifícios como “a maior folha do reino vegetal”, “arvore azul”, “arvore dinossauro” e “copo feito de folha” perpetuaram o aspecto lúdico das atividades, tendo efeitos claramente imaginativos e curiosos nas pessoas. Foi frequente que as pessoas se sentissem confortáveis em trazer ideias para o grupo neste espaço. Para a vista com o curador botânico, a abordagem foi semelhante divertida, com o diferencial de ser mais carregada de informações sobre as relações de mutualidade, simbiose com entre as próprias plantas e com os animais e insetos, assim durante todo o percurso.

### **3.2 A Vivência Do Inhotim E Suas Possíveis Relações Com A Educação Ambiental**

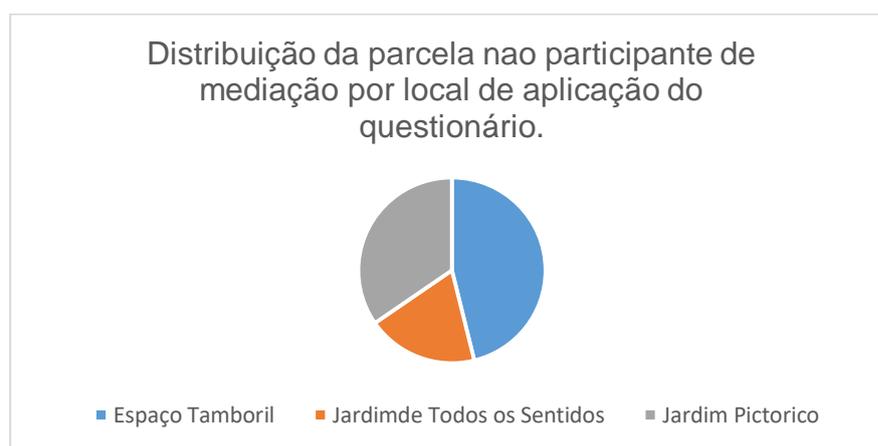
Inicialmente gostaríamos de ressaltar que as pessoas estabelecem relações muito diversificadas com o ambiente de um MPAC, e que a lacuna de trabalhos nessa modalidade reforçou o caráter exploratório da presente pesquisa (Costa & ELALI 2014).

No segundo momento do questionário, esse agora focalizado na experiência disposta pelo JBI, separamos os dois grupos de abordagens para melhor adaptação e coerência do que encontramos durante a pesquisa de campo. Foi investigado aspectos da subjetividade humana (a atenção, o olhar, o sentimento, a emoção, as sensações e as percepções) promovidos pela totalidade da experiência do atrativo do JBI.

#### **3.2.1 Amostra Não Participante de Mediação (GRUPO A)**

A parcela não participante de mediação representa aqui maioria da amostra (66%), distribuída nos locais escolhidos para aplicação dos questionários conforme gráfico a seguir (Figura 11).

Figura 11 Distribuição da parcela não participante de mediação por local de aplicação do questionário.



Fonte: Elaborado pela autora.

Mesmo concordando em ser agradável visitar áreas naturais, para o grupo A, a visita teve pouca repercussão. Poucas pessoas (8/26) disseram ter feito ligações da experiência no JBI, de volta ao respectivo cotidiano. Tal negativa reforça a falta de referências, práticas, estímulos, hábitos, imaginário em relação a vivência em espaços naturais. “Não conheço nenhum lugar assim”, “ Eu diria que não porque o JBI contrasta bem com o externo (...)” e “só consigo pensar no quanto eu queria que esse fosse o mundo real”. Fica indicado a dualidade entre os âmbitos racional e afetivo quando o assunto é a ideia de natureza.

Ainda nas negativas, outra leitura possível é a espetacularização do JBI. Alguns fatores levam a crer que o carro chefe potencial de atração do JBI, o paisagismo abundante em estímulos permeado pela estética atraente, também pode ser um dos maiores alienadores para a sensibilização.

Os comentários feitos nessa negativa, o tempo disponível que foi destinado para a visita, a forma de visita (descontínua e não guiada), e as motivações de visita foram entendidos numa conjuntura em que o JBI é reduzido a um lugar “fotografável”, que gera boas sensações, mas que se

comporta como uma resistência para o desenvolvimento de uma sensibilização dos visitantes. Não há conexões mais profundas no que tange a sensibilização ambiental se olharmos por essa interpretação. É importante que as pessoas estendam para seus cotidianos as sensações e desejos em relação a natureza, cultivados aqui, e perpetuem isso.

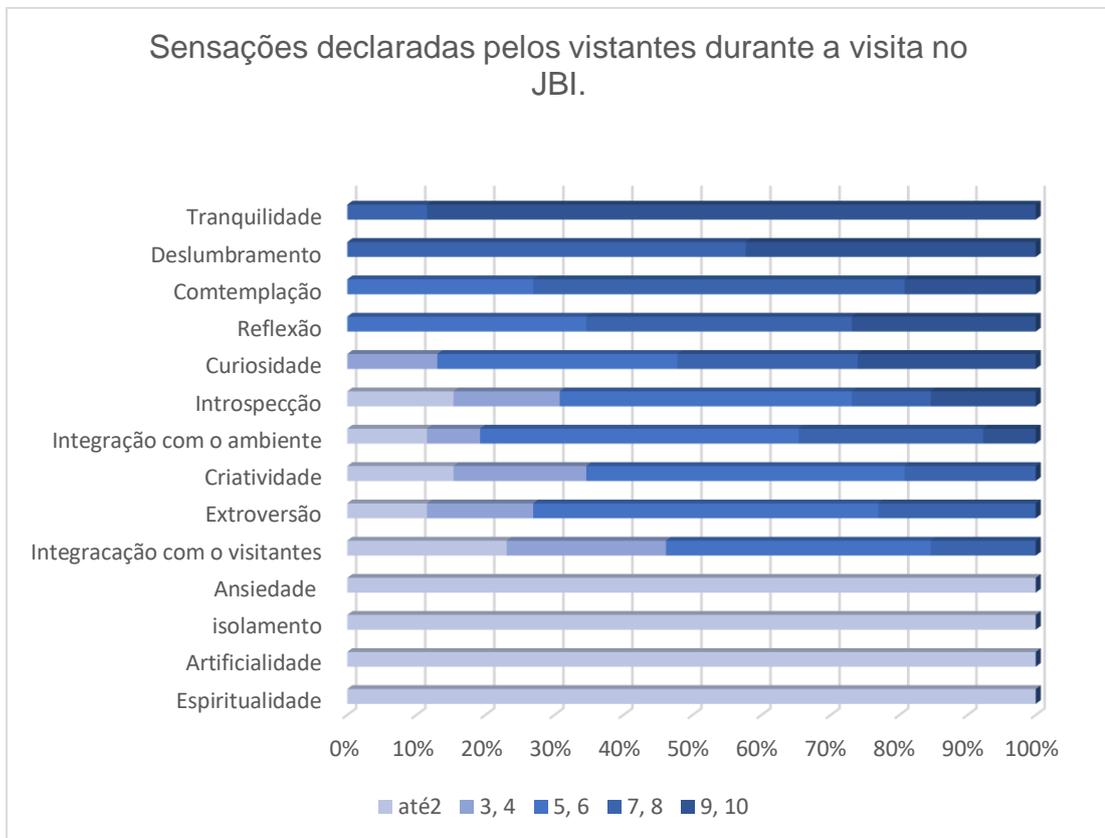
De fato, o JBI apresenta um espaço poderoso e impactante para a ocorrência de uma EA prazerosa, animadora, relevante, dispondo de uma gama de possibilidades para a interpretação ambiental, um lugar singular. Mas para que isso seja potencializado vê-se a necessidade do contato dirigido e contínuo para que as pessoas verdadeiramente retenham sensações e aprendizados em seus cotidianos. Foi observado então que o contato esporádico no JBI não favorece a sensibilização. É preciso investir em práticas contínuas e dirigidas para explorar o JBI para os fins com a sensibilização e a natureza. A mediação esporádica não supre essa essencialidade.

Digo isso porque as repostas positivas encontradas vieram de memórias muito particulares de experiências sensoriais marcantes prévias dessas pessoas. O resgate de memórias afetivas (através de espécimes inclusive) vieram daqueles que tiveram algum nível de interação com a natureza. “A horta na casa da minha mãe, da minha avó”, “Minha avó fazia esse chá da folha de capim cidreira e costurava a tarde inteira. Lembro do cheiro que ficava no quarto de costura todo dia de tardinha” e “chupei jabuticabeiras no pé! Não fazia isso há anos”.

Os estímulos disponíveis acessaram lugares afetivos importante para o desenvolvimento da sensibilização ambiental, mesmo sem o contato dirigido. “Reconheci algumas plantas como antúrio, copo-de-leite, costela-de-Adão”, “cotidiano não, mas me lembrou as férias na fazenda. A natureza, os passarinhos”, “Parece os parques de fora, ia bastante para aproveitar o tempo”. Porém, a linha tênue com a espetacularização do JBI, podem justamente ser ambíguo em se alcançar a intenção da sensibilização.

Sensações positivas foram radicalmente mais presentes para este grupo, com destaque para tranquilidade, deslumbramento e contemplação. A reflexão e a curiosidade também foram pertinentes durante a visita, demonstrado no gráfico abaixo (Figura 12):

Figura 12 Sensações declaradas pelos visitantes durante a visita no JBI.



Fonte: Elaborado pela autora.

A introspecção e integração com o ambiente tiveram destaque mediano, seguidos da criatividade, extroversão e integração com os visitantes foram menos sentidas pelo grupo. Nenhum dos indivíduos de ambos os grupos deram nota para ansiedade, espiritualidade, artificialidade e isolamento (0%).

Este panorama de sensações indica o ambiente do JBI propício para vivências de aprendizado, ao surtir no público tal tendência de espectro de emoções que despertam admiração (contemplação, deslumbramento), concentração e atenção (tranquilidade, introspecção, reflexão) pertinente ao processo de aprendizagem. Acreditamos na potencialidade de incorporação da esfera afetiva e sensorial no treinamento, uma vez que aprender é um processo multifacetado e multilateral. Nessa perspectiva, o simples “contato

direto com a natureza sem o intuito de objetiva-la ou racionaliza-la, pode ser um poderoso instrumento de EA” (NEYMAN, 2007 p.127).

As negativas para ansiedade e isolamento são interpretadas na proposta do JBI em buscar (re) aproximar as pessoas dos ambientes naturais. Assim como a formatação e composição dos espaços, a narrativa que é dada a vivência *in loco* é carregada de sutilezas e artifícios que fazem com que a experiência seja confortável e imersiva por si só. Para os que percorrem os caminhos, essa liberdade foi refletida na sensação de integração com o ambiente.

A artificialidade foi levantada como alternativa uma vez que o Paisagismo, instigado por um senso estético, constrói ambiente verdes “organizados”, o que ambientes naturais crus, não obedecem. A negativa para artificialidade demonstrou não ser essa questão latente para o público, e que condizem com as expectativas e motivações dos participantes.

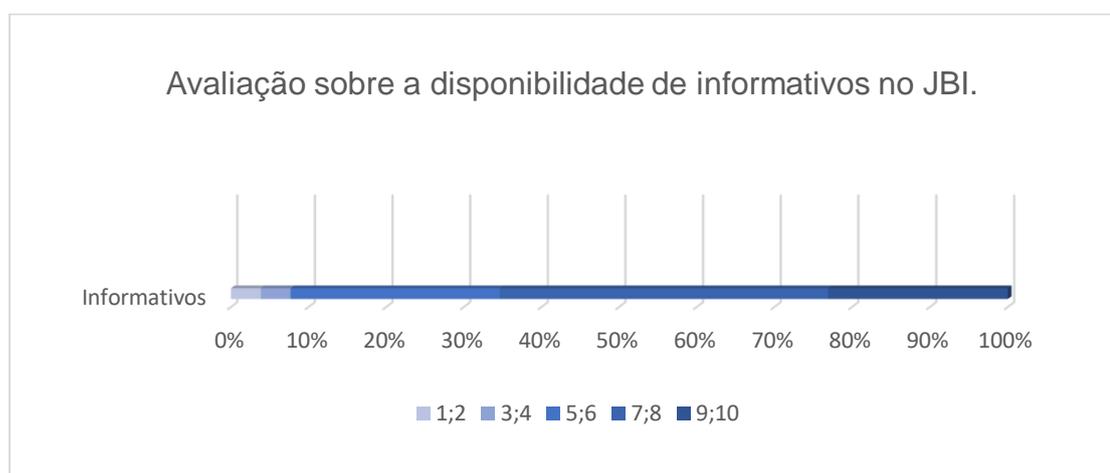
Por outro lado, a desconexão observada entre natureza e espiritualidade evidencia a leitura utilitarista da natureza que permeia a contemporaneidade. Se um dia os seres humanos tiveram a natureza como manifestação do sagrado, representação de deuses e forças, inseparável da crença e logo das motivações humanas, nos dias de hoje a separação é polar. Esse mesmo cenário, baseado na lógica capitalista de valores (morais e éticos, inclusive) impede que as pessoas olhem para natureza com olhos de fatura e harmonia.

A espiritualidade como uma vertente da emoção humana se junto da ideia de natureza cria um auspicioso âmbito para quebra de paradigmas e novas formas de viver, potencializadas pela esfera espiritual, esta que é tão vinculada a motivação e a natureza da humanidade.

No caminho pedagógico em se construir uma sensibilização ambiental é necessário instruir as pessoas, oportunizar a informação relevante como componente de transformação racional. Pedimos para o visitante avaliar a interferência de informativos existentes no jardim para a sua experiência e para que também exemplificasse tal nota. Numa escala onde 0 é nada e 10 é muito, os visitantes o fizeram da mesma maneira para as próximas perguntas.

As notas foram interpretadas como satisfatórias e podem ser observados no gráfico abaixo (Figura 13). E os comentários deram auspiciosos indícios sobre a disponibilidade de informação durante a visitação.

Figura 13 Avaliação sobre a disponibilidade de informativos no JBI.



Fonte: Elaborado pela autora.

Para o grupo A, a sinalização aparece como uma latente questão. A maioria declarou insatisfação com a noção de tempo e dimensão do espaço, assim como a disponibilidade de interações com o jardim no geral. Os comentários nesse aspecto variaram entre “Poderia ser melhor sinalizado”, “Eu fiquei perdida, não encontrei placas perto para me dar uma informação”.

Um visitante disse: “Acho que poderia ter mais placas para ajudar na noção de tempo para andar pelo jardim”, “Faltou sinalização. As distancias entre as galerias facilitaram com que a gente se perdesse alguma vezes” e “É a terceira vez que visito o Inhotim e ainda me perco, não que seja ruim, mas muitas pessoas vêm de longe, e perdem tempo com isso”. Outro visitante, enfatiza o potencial e demanda de mais informação essencialmente para experiência no JBI: “A área é muito grande. Eu gostaria de ter visto mais placas de mais plantas, saber de onde aquela planta veio. Eu teria aproveitado mais o jardim, assim como as galerias”

Para este grupo, as placas referentes aos espécimes foram sentidas insuficientes, mas mesmo assim foram expressadas como

despertadoras de curiosidade, com apelo para a atenção. Espalhadas pelo jardim, trazem informações básicas sobre os espécimes: nome científico, nome popular e o local de origem da planta através da figura de um mapa, evidenciado na figura abaixo (Figura 14):

Figura 14 Placas anteriores com demarcação de do local de origem dos espécimes ex situ botânicos.



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

As opiniões fizeram referência a possibilidade de maior interação com o jardim uma vez que mais informações fossem disponibilizadas, “... percebemos isso com as placas, que o nome de algumas plantas tem a ver com o formato dela. Ficamos procurando essas semelhanças nas que vimos no caminho”, “As placas com o mapa de origem das plantas, interessante saber a história por trás”, “...curioso que eles colocaram no mapa os destaques artísticos e os destaques botânicos também” e “adorei saber de onde cada planta veio”.

No que tange a EA, as opiniões expressas para essa questão levantam um importante direcionamento sobre as intervenções sendo instauradas no JBI na época de realização desta pesquisa. O espontâneo interesse dos visitantes pela informação etnobotânica serve de apoio para impulsionar a transição da etnobotânica como ferramenta de linguagem entre o JBI e o público. Ainda, as novas placas sendo instauradas no jardim sombra

e água fresca trazem informações peculiares e mais atraentes sobre cada espécime como mostra a figura abaixo (Figura 15).

Figura 15 Novo emplacementamento etnobotânico sendo instaurado no Jardim Sombra e Água Fresca.



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Para a pesquisadora, o direcionamento da etnobotânica pode ser incorporado inclusive como base para um possível contato dirigido. Se pensarmos que a intenção de visitação encontrada é para tempo de lazer, a etnobotânica passa a ter um caráter de entretenimento ao mesmo tempo que é associado ao potencial de aprendizado e conexão com o espaço.

Como foi evidenciado no início do questionário, o tipo de informa o que alcançada e retida pelos visitantes não condiz com a conjuntura da QA atual. Nesse aspecto, não   difícil estranhar a confusão de papeis, concepções e desdobramentos, temas tratados na EA. Com isso, perguntamos aos visitantes se eles sabiam da existência da RPPN Inhotim, e se sim, onde eles haviam tomado conhecimento da mesma.

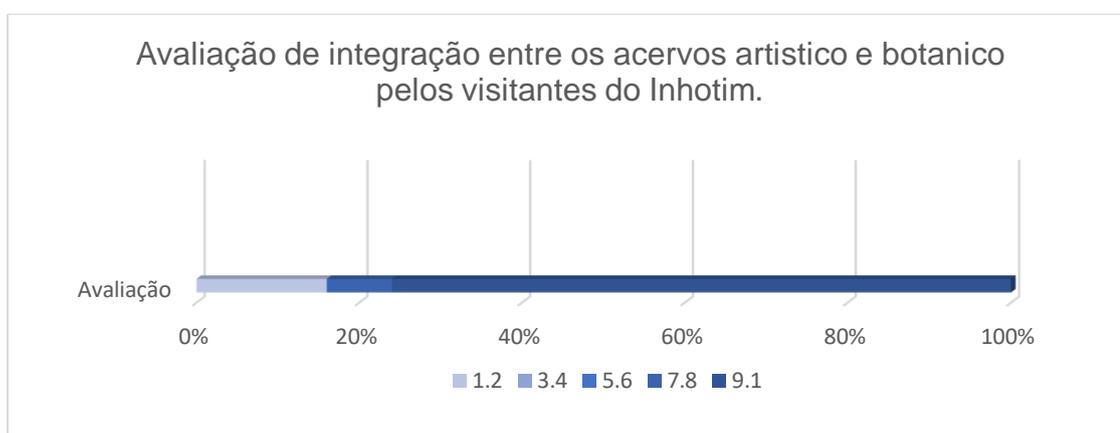
A quase totalidade da amostra (89%) declarou não saber do que se trata a RPPN. Foi observado que o termo não faz parte do cotidiano deles, o que expõe o vácuo de percepção, discernimento e contato sobre os agentes e

desdobramentos da QA. Ainda, aqueles que responderam positivamente tomaram noção no local, em visitas anteriores. Entretanto, a maioria de nossa amostra retorna ao instituto sem conhecimento desta informação.

Dessa forma, presumimos uma acanhada exposição da informação para o público geral. De fato, durante entrevista, o setor educativo expõe a possibilidade de num futuro a área ser explorada para fins de visitação, mas até então a RPPN teria função exclusiva de “cinturão de proteção do perímetro turístico”. Entretanto, acreditamos que explorar abertamente a ideia de magnitude e resiliência de um espaço como tal numa área fortemente marcada pela atividade mineradora tem forte apelo sensibilizador.

A próxima questão teve importante papel para compreensão da percepção dos visitantes do Inhotim. Investigamos se eles observaram alguma integração entre os acervos artístico e botânico, e igualmente pedimos para que avaliassem e dessem um exemplo se fosse este o caso. A avaliação geral pode ser vista no gráfico abaixo (Figura 16):

Figura 16 Avaliação de integração entre os acervos artístico e botânico pelos visitantes do Inhotim.



Fonte: Elaborado pela autora.

A expressividade desta avaliação foi entendida sobretudo pela totalidade da experiência de visitação. Os Visitantes nem sempre conseguiram dar exemplos robustos, mas expressaram através de percepções subjetivas muito pessoais, a simbiose entre os acervos “Parece que estou num filme ou

numa pintura”, “a paisagem se completa” e “Não sei dar um exemplo, mas a sensação é de perfeição”.

As respostas para esta questão trouxeram também percepções favoráveis de apreciação da imersão de visitação “um trabalho minucioso de engenharia, arquitetura” “esse arranjo é cheio de beleza e inova o na medida certa” “os prédios camuflam nas folhagens, o trabalho de paisagismo aqui faz parecer simples” e “Os prédios com as plantas soa futurístico”.

Para a autora o paisagismo aqui é colocado como pivô principal da totalidade da experiência de visita o. A respeito do que entendemos por Inhotim, fica impossível desconectar o caráter botânico da vivência turística, uma vez que   através do JBI que o caráter de continuum experience permeia toda a experiência de visita o, em suas múltiplas formas e intensidades “Acho que   essa combina o improvável que todo mundo me falou pra visitar daqui”

A constru o deste mundo (nas palavras usadas) “improvável” “futurístico”, “filme” ou “pintura” tem sua interse o no acervo botânico, e acreditamos que   a partir dele que o continuum experience é associado ao caráter lúdico, mágico, irreverente, inerente a proposta do Instituto. “Tem bastante espaço para percorrer entre as galerias. Deu para andar tranquilo, olhar as obras ao ar livre, entrar nas galerias”.

Esse fator, diga-se de passagem, não foi encontrado em muitos outros lugares no mundo. Para a autora, a compostura, espirito de lugar preenche um espaço irreverente para se trabalhar a sensibiliza o ambiental, com infinitas possibilidades a serem ainda descobertas.

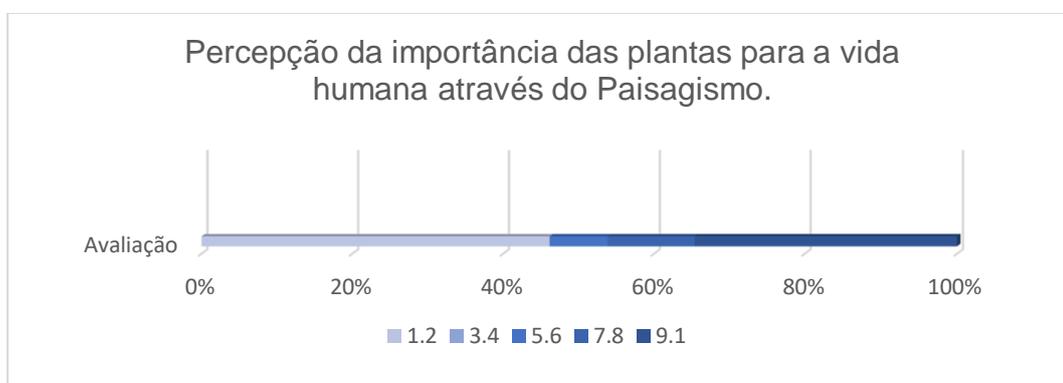
A integra o entre os acervos foi entendida também a partir do acervo artístico, numa associa o valorativa entre o belo e a natureza. As obras mais destacadas foram a galeria Adriana Varejão (2008), Sons da Terra de Doug Aitken (2009), obras marcantes dado apelo a natureza, e interpretado como conversão de ambos os acervos “o prédio da Adriana Varejão aparenta brotar da terra”, “a obra que tem o som da Terra”, “a obra da árvore suspensa de bronze simboliza a importância que o Inhotim dá para o meio ambiente”, “...o banco com as plantas alucinógenas e os passarinhos...” e “os bancos de troncos de árvore são obras de arte”.

Como pesquisadora gostaria de fazer um último comentário cabível. Mesmo com a nota 0 para artificialidade, o público trouxe a questão estética “milimetricamente no lugar, funcional”, “minucioso trabalho de engenharia” “parece encaixado” desassociado desse quesito e da latente natureza selvagem. O caráter estético aqui se torna dominante e atrativo. Apesar de demonstrarem sensação de organização, harmonia, atreladas aos valores estéticos, a ideia de artificialidade não é sugerida pelo grupo. Nesse aspecto, podemos interpretar outro indicio de independência entre âmbitos racional e emocional em relação a ideia de natureza.

Do ponto de vista da EA, o paisagismo mais uma vez apresenta seu potencial para sensibilizar as pessoas, através do aprendizado sensorial.

Para a última questão avaliativa, os participantes foram questionados sobre o quanto eles diriam que o paisagismo facilitou a percepção da importância das plantas para a manutenção da vida humana no planeta. A avaliação pode ser observada no gráfico abaixo (Figura 17):

Figura 17 Percepção da importância das plantas para a vida humana através do Paisagismo.



Fonte: Elaborado pela autora.

Apesar dos indícios favoráveis ao potencial paisagístico para a sensibilização ambiental, racionalmente os participantes não trouxeram conclusões críticas relacionadas a importância das plantas para manutenção da vida humana no planeta. Essa questão foi a que teve maior lacuna de respostas, quase metade da amostra não se pronunciou.

Por um lado, o paisagismo aparenta viabilizar aprendizados através de uma percepção sensorial individual. “Acho que mostra para a gente como

a natureza é perfeita e pode ser nossa casa também” e “É prazeroso estar aqui, isso que me dá vontade de voltar, ter umas plantas no apartamento” e “... motivar viver mais ao ar livre”.

Para a EA, é interessante ver como o paisagismo se porta como conciliador da distância entre homem e natureza, ao propiciar um ambiente seguro e atraente para os visitantes; despertando desejos, curiosidade, sensações agradáveis e prazeres estéticos essencialmente transformadores. “Instiga o desejo pelos espécimes primeiramente, pelas cores, formatos. Abre caminhos para que as pessoas se interessem por um estilo de vida mais natural”.

A disposição do acervo botânico no espaço de visita tem por objetivo explorar padrões estéticos como instrumento de sensibilização popular, “Com plantas de tantos lugares diferentes num lugar só significa que precisamos cuidar de todos os ecossistemas no planeta para que o ciclo da vida de mantenha”. Entretanto, se assume o indicio de um insuficiente aproveitamento do potencial do JBI em instruir, inserir novas informações, desmistificar conceitos pertinentes a EA. “Belíssimo o jardim, mas não fui por esse lado não”.

O JBI parece fazer o caminho inverso do que é observado hoje em relação à educação não formal. Pelo viés sensorial a experiência de imersão demonstra seu potencial na disponibilidade de estímulos, na formatação do espaço, nas possibilidades de se trabalhar uma EA sensível e transformadora. Porém, isso se esvai quando não é reformação a condução de uma reflexão crítica, motivadora ou transgressora. “Gostaria de saber mais sobre isso” e “Se tivesse mais informação sobre as plantas talvez eu tivesse prestado mais atenção”.

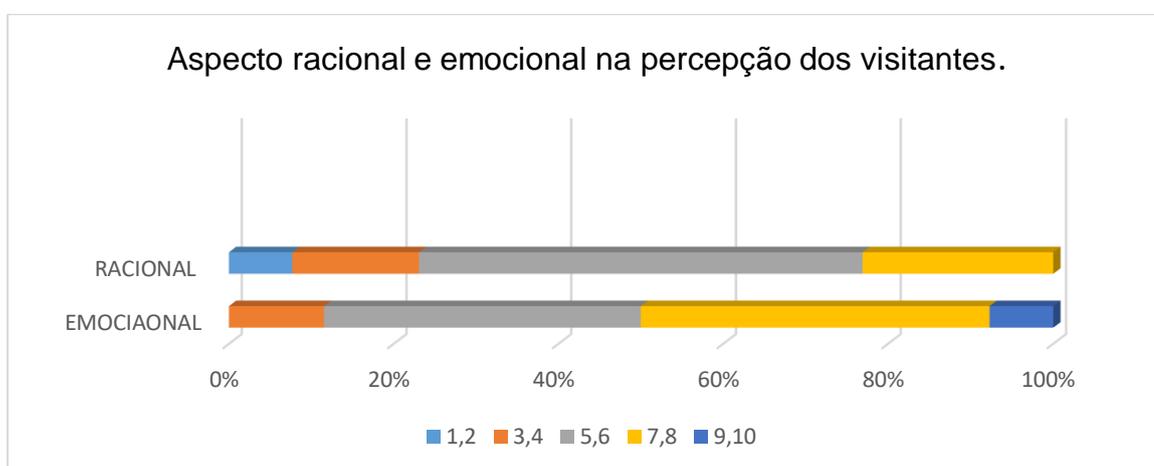
Como já comentado pela pesquisadora, as motivações declaradas, a falta de incentivos cotidianos e o caráter descontínuo da prática foram tidos como dificultares da sensibilização. E o vácuo de tratamento em relação ao JBI é também juntado a essa questão. É prazeroso, mas não didático.

Dito isso, o vão de informações acessadas pelos visitantes para com o jardim pode ter efeito distanciador para uma EA crítica. A visita esporádica motivada pela disponibilidade de tempo livre e fuga da rotina, o fato

de que a amostra geralmente já conhece o local e o padrão de respostas obtido fora de contexto e conexão com o JBI, muitas vezes foi sentida como uma leitura da natureza naturalista, antropocêntrica, e não globalizante.

Nesse ritmo, acreditamos que uma maior contextualização dos espécimes e da totalidade da QA, seus agentes e desdobramentos pertinentes ao seus respectivos cotidianos, possam orientar sensações e motivações pro ambiente sensíveis e duradouras, além do perímetro de visitação. Compreender este fenômeno assim como estimulá-lo, é fundamental para que o visitante possa experimentar o que, muitas vezes, é ignorado (BENI, 2007).

Figura 18 Aspecto racional e emocional na percepção dos visitantes.



Fonte: Elaborado pela autora.

Ao tratarmos das experiências sensoriais dos visitantes, A experiência visual foi o sentido em unanimidade (100%) para ambos os grupos A e B. A avaliação da percepção dos cinco sentidos do grupo não participante de mediação pode ser vista no gráfico abaixo (Figura 18):



Quase  $\frac{3}{4}$  desse grupo declararam plenamente satisfeitos (deram nota 10) para a experiência auditiva deles no ambiente. Foi assinalado principalmente o “canto dos pássaros”, e também o “silêncio”, o “canto das cigarras” e “som do vento” como componentes da experiência auditiva representado na Figura (20) abaixo:

Figura 21 Nuvem de respostas referente ao sentido da audição.



Fonte: Elaborado pela autora em wordcloud.com.

Já a experiência palatável (0%), olfativa e tangível se mostrou radicalmente menos explorada. De acordo com os comentários tecidos em campo, o paladar e o tato demonstraram uma mesma lógica de (não) interação relacionado ao aspecto museológico, sendo demonstrado surpresa ou confusão ao associar esses sentidos com o percurso. A parcial salva das respostas referentes a utilização do olfato se deram por menções ao ar fresco, ao cheiro do mato e dos eucaliptos, e para o tato respectivamente o sentar na grama e dois contatos referentes a interação através do jardim dos sentidos.

Isto posto, acreditamos que proposta interativa com o JBI é ainda tímida. Acreditamos também que não fica claro para o turista as possibilidades que o jardim tem para oferece-los. A mutualidade do museu (que mescla com o jardim) possibilita ao visitante interagir de diversas formas com o espaço.

Embora a motivação principal declarada dos visitantes tenha se dado pelo aspecto museológico, foram quase escassas as respostas positivas para um possível envolvimento com o mundo das artes após a visita. Com isso, fica complexo compreender a totalidade da experiência do visitante do Inhotim. Ou a parcialidade separada de cada faceta que só fez sentido no conjunto (?)

Perguntamos também se eles sentiram que a experiência os tinha inspirado a rever seus hábitos em prol do meio ambiente. Ainda que mais expressiva que a pergunta anterior, somente 25% de toda a amostra se posicionou sobre uma possível tentativa de readaptação baseada na visita. As respostas podem ser acessadas no apêndice TAL ao final deste trabalho, mas para fins conclusivos acreditamos que a não percepção e não retenção de tais aspectos condizem com as motivações e condições iniciais dos visitantes.

### 3.2.2 Amostra Participante de Mediação (GRUPO B)

A parcela participante de mediação representa aqui 33,3% da amostragem total, divididas nas três atividades mediadas conforme gráfico abaixo (21):

Figura 22 Distribuição dos participantes por atividade de mediação.



Fonte: Elaborado pela autora.

O trabalho de mediação propicia experiências em temas relacionados com arte, botânica e meio ambiente, enquanto os visitantes caminham entre jardins e trilhas (com rica fauna e flora) e obras de arte contemporânea. Através da inserção de novas ideias e informações, trilhas menos óbvias, sabores e texturas, a mediação soa como um sedutor convite a reflexão e o deleite da experiência. “Construir uma concepção de integração junto a natureza depende também de estímulos que trabalhem a mesma ideia de diferentes formas de trabalhar a cognição” (GEERDINK & NEIMAN, 2010, p.75).

Cada uma das mediações aqui utilizadas como parâmetro, foram levadas de maneira agradável e comunicativa, possibilitando novas descobertas e interações com o espaço e entre os próprios participantes. As atividades demonstraram-se dirigidas para e por públicos diferentes, o que enriqueceu a perspectiva desta pesquisa.

Oportunizada pela Observação Participante, brevemente é caracterizado as mediações:

A visita Panorâmica saiu do receptivo com 8 pessoas (fora pesquisadora e mediador) sendo metade participantes da amostra. A Panorâmica teve especial interferência em dialogar com os acervos botânico e artístico ao fazer as “boas vindas”. Associações sinestésicas compuseram o repertório dessa visita.

A visita Volta ao Mundo mostrou o impacto do jardim para o público infanto-juvenil. Cerca de 12 crianças aparentando idades entre 2-10 acompanhados pelos responsáveis percorreram os espaços procurando pistas que dariam até um tesouro magico deixado pelo “senhor Tim”. Foram utilizados elementos lúdicos de experimentação como binóculos, bússola, diário de bordo, mapas, lápis e papel, para instigar a atenção das crianças, que partiam em busca de pistas espalhas pelo jardim que dariam num tesouro perdido.

Outro aspecto interessante foi a utilização de adjetivos não óbvios com as crianças como “arvore que brilha”, “a planta que não morre”, o “cheiro da terra molhada, “som do vento”. As pistas se davam através da interpretação das mensagens, tocar nas folhagens, observar o ambiente e identificação da próxima espécime. As crianças se mostraram participativas e falantes. Trazendo associações variadas para o enredo da dinâmica. O prêmio foram frutas e sementes.

A visita com o Curador Botânico é caracterizada pela existência de aspectos científicos e experimentais. A abordagem de informações e conhecimentos partiu de múltiplas vertentes, espécimes, paisagismo e etnobotânica. Cada arvore antes escondida emergia na paisagem com a mediação carregada de detalhes. Foi a visita de maior exigência de tempo, distância e novos conhecimentos, e todos os cinco participantes se predispuseram com o questionários.

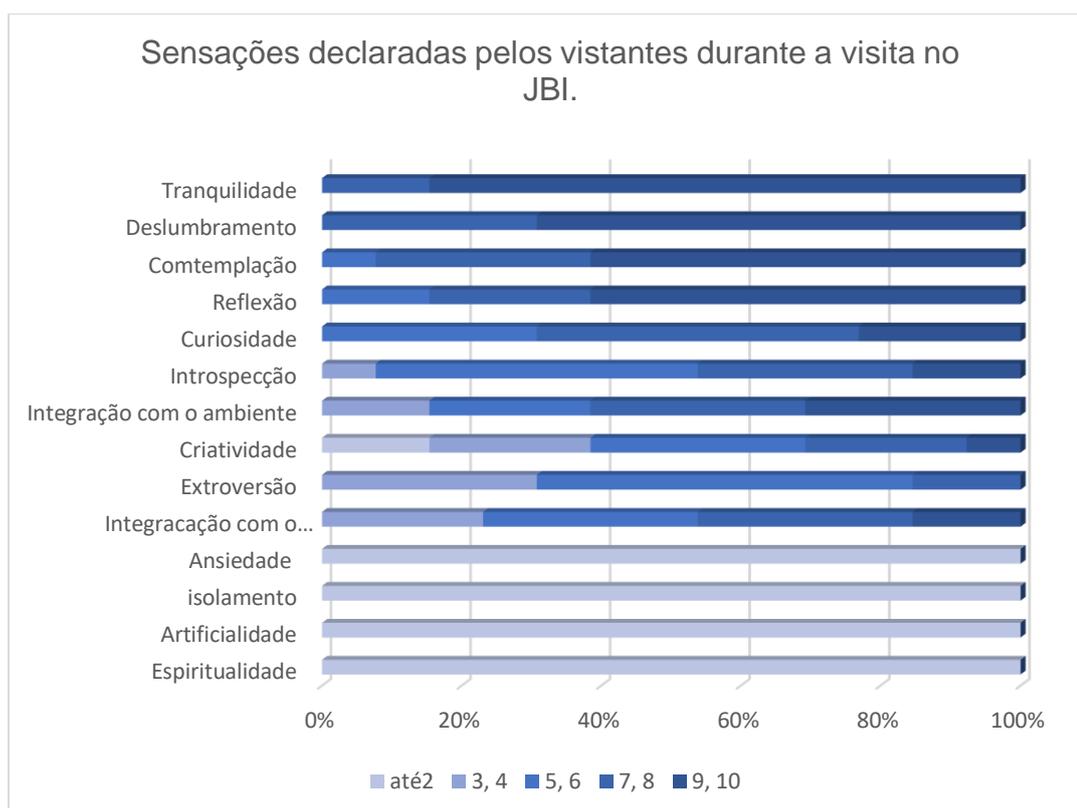
É importante fazer um paralelo entre a prática e a relação que é construída com o ambiente. O interesse pela mediação foi inclusive assinalado como principal motivador de visita pelo grupo B, despertado a partir do acervo botânico seja pela vivencia in loco ou mero descanso.

Fora a participação nas atividades mediadas ambos os grupos demonstraram partir de uma grande e complexa conjuntura sociocultural massificados pela ideia de mercado da natureza. A pinça feita para este grupo então se deu pela hipótese de se experiencial as potencialidades educadoras ambientais do JBI através de um contato esporádico porem dirigido. Para a investigação desta pesquisa nos aspectos sensoriais a possibilidade é vista como enriquecedora.

De maneira geral, toda a amostra parte de uma mesma conjuntura em relação a ideia de natureza. Declaram gostar de vivências em natureza; conhecer as questões pertinentes a QA, utilizam de espaços naturais e o tempo disponível para fugir da rotina maçante e recarregar as energias. E igualmente não demonstraram profundidade com o tema. Não foi considerado o vínculo entre natureza e espiritualidade e apresentado a visão antropocêntrica da natureza (REIGOTA, 1995).

As sensações positivas foram novamente as mais presentes com destaque para, tranquilidade, deslumbramento e contemplação, conforme demonstrado no gráfico abaixo (Figura 22):

Figura 23 Sensações declaradas pelos visitantes durante a visita no JBI.



Fonte: Elaborado pela autora.

O saldo de sensações positivas na experiência no JBI acompanha a uma EA sensível, lúdica e marcante. Esse grupo se declarou mais reflexivo,

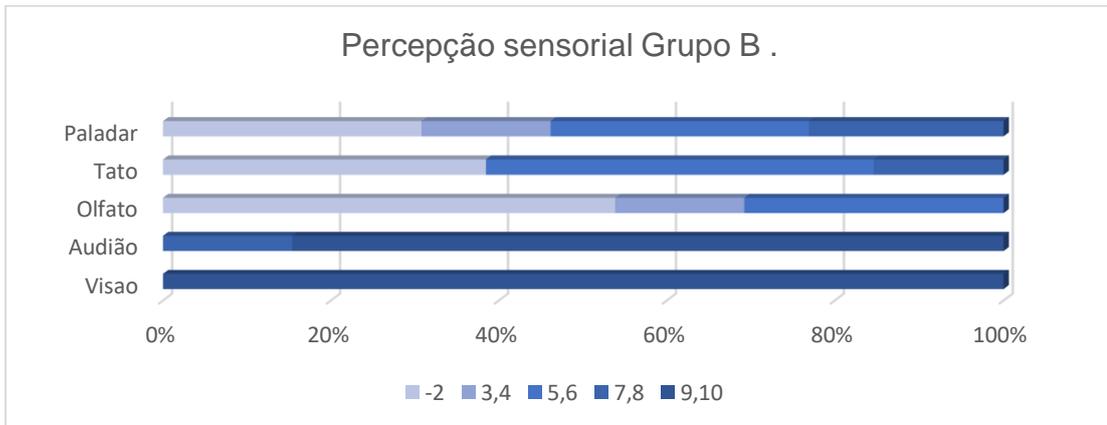
curioso e integrado com o espaço e pessoas em comparação com o grupo A, uma vez que as atividades contribuíram com um ambiente de maior facilidade de interação entre os indivíduos durante a experiência.

Nesse espaço propício ao aprendizado o grupo B teve acesso a uma gama de informações, conceitos e percursos que instigaram a sensação de presença ali em relação ao grupo A. Os participantes destacaram a mediação como fonte de informação e trouxeram para o questionário respostas de informações e aprendizados pertinentes a experiência de cada um “A informação das placas nem tanto, o Claudio [mediador] falou bem mais”, “Fiquei curiosa depois que o guia falou sobre o que é etnobotânica e as placas”, “Poderiam disponibilizar informações de como os jardineiros cuidam de todas as plantas, como sabem do que elas precisam (...)”, “Na minha opinião a melhor forma de informar falar do acervo botânico e assim, igual a gente fez agora, conversando”.

O Paisagismo é percebido como agradável, calmante e os participantes de mediação fizeram associações diretas a importância das plantas para a manutenção da vida na terra: “(...) Me senti mais próxima da natureza e quis saber mais, ser mais responsável com ela [a natureza]”, “Aqui eu lembro como é bom ficar perto da natureza, acho que isso é uma maneira de conscientizar as pessoas sobre isso”, “São tantas espécies de tantos lugares diferentes que é triste pensar que um dia muitas outras foram extintas”, “Facilita sim porque aqui a gente pensa na questão da água, do desmatamento, da mineração aqui na região que o guia comentou”.

Mais uma vez a mediação tem um efeito na maneira como as pessoas se relacionam com o JBI. A percepção de utilização sensorial deste grupo é demonstrada no gráfico abaixo (Figura 23):

Figura 24 Percepção sensorial Grupo B.



Fonte: Elaborado pela autora.

A visão em sua unanimidade apresentou encantar igualmente mais este grupo. O Paisagismo mais uma vez foi expresso como principal perceptivo catalizador. O que percebemos é que embora para ambos os grupos o contato com o jardim se façam por ângulos diferentes, a espetacularização visual do JBI e a relação com a experiência visual da visita por si só se demonstrou irreverente, estimulante e emocionante, enaltecidos pelo projeto Paisagístico. As respostas foram evidenciadas na figura abaixo (Figura 24):

Figura 25 Aspectos visuais ressaltados pelos visitantes grupo B.



Fonte: Elaborado pela autora.

Em determinado momento do percurso com o Curador Botânico, foi possível avistar o contraste do entorno da RPPN, transformadas pela ação predatória da atividade mineradora. O impacto visual demonstrou ter grande reação no público da visita, uma vez ilustra um problema sabido por todos. Uma participante relata “eu estava tranquila, curtindo a paisagem. Quando me virei e aquelas montanhas áridas, nossa! Senti o chão sair dos meus pés por um momento. Todo o resto da visita teve outro significado para mim”.

O grupo também avaliou positivamente a experiência auditiva. O canto dos pássaros foi novamente o elemento mais citado seguidos de “sons da natureza”, silêncio, entre outros como perceptivos mais prazerosos observado na figura abaixo (Figura 25).

Figura 26 Percepção sensorial da Audição para o grupo B.



Fonte: Elaborado pela autora.

Depois da visão, a audição foi o sentido que mais aludiu a troca de ambiente. Contrastando com a ininterrupta movimentação das cidades, ambos os grupos deram altas notas para a experiência auditiva. Já os sentidos do olfato, paladar e tato, são apresentados de outra maneira pelo grupo.

Nas três atividades de mediação os visitantes foram convidados a tocar diferentes troncos e folhagens, e até materiais como cascas de cigarra (típica da época de reprodução). Sementes, texturas aveludadas, espinhentas, todas estimuladas dentro e a partir do ambiente do jardim. O tato foi avaliado radicalmente superior que o grupo A. O convite que é feito para uma nova

forma de explorar e sentir o ambiente rende experiências sensoriais marcantes.

Figura 27 Mudanças de cigarras entre os elementos variados dispostos para interação.



Fonte: Arquivo pessoal.

Quanto a experiência olfativa e paliativa, a mediação constrói uma abordagem completamente diferente para as possibilidades desse sentido. Em especial, a visita com o Curador Botânico possibilitou experimentar diferentes cheiros e sabores ao longo do percurso; jabuticaba, uvaia, banana rosa, capuchinha, ervas medicinais e um inusitado palmito da espécie (*Etilingera elatior*) popularmente conhecida como bastão do imperador.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como ponto de partida a dicotomia existente entre indivíduo e natureza perpetuadas desde a modernidade pela racionalidade ocidental e solidificada na materialização da vida contemporânea e organização da sociedade pós-industrial. A Questão Ambiental hoje ameaça a qualidade e continuidade da vida no planeta com consequências irremediáveis fundamentadas na base de uma crise humanitária.

No caminho em se conceber um olhar sensibilizado com a natureza, a Educação Ambiental tem a desafiadora missão de resenificar paradigmas e padrões mentais profundamente enraizados na dicotomia sustentada nos planos material e sensorial dos indivíduos. Para que aja uma possível mudança aqui, acreditamos ser necessária uma profunda transformação no campo dos valores, afetividade e do conhecimento capazes de inspirar comportamentos individuais e coletivos em direção a um reencantamento com a natureza.

Os Jardins botânicos vêm cumprindo um importante papel no desenvolvimento científico e cultural da humanidade. A vivência em espaços não formais de educação, assumindo valores éticos, experimentações de base sensorial e afetiva e adição de conhecimentos partiu aqui como redutor de tal dicotomia. Áreas naturais estas repletas de estímulos sensoriais e lapidadas por aspectos artísticos.

Este estudo buscou contribuir com o cenário raso de pesquisas relacionadas ao tema da sensibilização ambiental em jardins botânicos no Brasil. O trabalho de Neiman (2007); Reigota (1995), Capra (1995), Grun (1996) e Leff (1998) deram suporte para que o estudo de práticas informais de educação na natureza e no país tivesse o embasamento científico necessário. O presente estudo contribui com as percepções da academia quanto a potencialidade de práticas educativas em áreas naturais através do contato dirigido e contínuo desse processo.

Apesar da percepção desconexa com a QA e a ideia de natureza pelos visitantes, a experiência de visita demonstrou acessar percepções sensíveis particulares de cada indivíduo.

A motivação de visitação principal foi desassociada da intenção com o aspecto natural e geralmente os indivíduos responderam às perguntas através de uma abordagem antropocentrada de natureza. A noção de interdependência estabelecida entre os componentes da biosfera no planeta aparenta pobremente difundida na gama de conhecimentos dos visitantes, que partem principalmente da ideia naturalista de existência do externo em função do ser humano.

Não foi apresentado um posicionamento ativo associada à QA. O tema foi apresentado geralmente de uma perspectiva observadora, fora desse círculo. Os problemas e as soluções recebidas geralmente apresentados de maneira unilateral, causa e efeito, no lugar de uma perspectiva inclusiva e transformadora, parte do problema e da solução. O que acaba por afetar uma possível aflorar de sensibilização.

A grande mídia foi apresentada como principal influenciadora na maneira como as pessoas percebem e se relacionam com a QA no dia a dia. O comportamento apático por trás do tratamento romantizado e isolado dado a QA pelos grandes meios de comunicação foram associados inclusive a práticas mercadológicas adaptadas. Dessa forma a informação midiática é sentida descolada da realidade, não de fato influencia, motiva, ou sensibiliza as pessoas em prol do meio ambiente. Tal resultado demonstra também a ausência de referências, práticas e direcionamento relacionado a um novo saber ambiental.

Nesta contramão, a quebra com a rotina e as possíveis práticas sensoriais deste espaço, contribuem fundamentalmente para o desenvolvimento da sensibilização ambiental. Sensações positivas foram radicalmente bem avaliadas e observadas advindas de um lugar emocional fundamental para com o processo afetivo e cognitivo de aprendizagem.

O paisagismo como linguagem entre o jardim e os visitantes demonstrou poder em atrair atenção e curiosidade dos que passam por ali. A diferença nas texturas, tamanhos, tonalidades e formas do acervo botânico, assim como a totalidade da composição do projeto paisagístico foi percebida de maneira contemplativa, curiosa, despertadora de sensações inerentes da estética e dos inúmeros estímulos sensoriais de um lugar tão incomum.

Observamos que o amadurecimento da comunicação etnobotânica sendo instaurada no ato da pesquisa, o que vem de acordo ao resultado das percepções faltosas dos visitantes em relação a uma maior forma de interação com o jardim. A instauração de placas, informações sobre os espécimes botânicos, formação do espaço, entre tantas outras possibilidades são creditadas aqui como uma forma de se estender e dirigir o contato dos visitantes pelo percurso afins.

Acreditamos que o paisagismo elaborado do JBI é o ponto perceptivo principal da experiência de imersão, e potencializado pelas atividades de mediação. O caráter dirigido da pratica demonstrou contribuir com as possibilidades para perceber e interpretar o espaço a partir dos espécimes. A mediação demonstrou elevam o interesse, a atenção, o desejo, dos visitantes para com o acervo botânico.

Entretanto, além do caráter dirigido das práticas de mediação, o grau de familiaridade anterior das pessoas com a natureza, refletiu no resgate de memórias e percepção de estímulos do espaço, reforçando a importância da continuidade para o alcance da sensibilização. Fica sugerido para futuros trabalhos o estudo mais aprofundado dos desdobramentos da etnobotânica no espaço, assim como praticas que partem de uma conjuntura dirigida, mas também continuada.

## REFERÊNCIAS

- BABBIE, Earl. Métodos de pesquisa de survey. 2. reimpressão. **Belo Horizonte: Editora UFMG**, 2003.
- GRÜN, Mauro. **Ética e educação ambiental: a conexão necessária**. Papirus Editora, 1996.
- LEFF Saber ambiental: sustentabilidade. **Racionalidade, Complexidade, Poder**, v. 6, 1998.
- MENDONÇA, Rita; NEIMAN, Zysman. **À sombra das árvores: transdisciplinaridade e educação ambiental em atividades extraclasse**. São Paulo: Chronos, 2003.
- NEIMAN, Z. **A educação ambiental através do contato dirigido com a natureza**. São Paulo: Curso de Pós-graduação em Psicologia Experimental/Universidade de São Paulo. (Tese de doutorado), 2007.
- REIGOTA, Marcos. **Meio Ambiente e Representação Social**. São Paulo. Editora Cortez, 1995.
- ANDREWS, HAZEL. **Mapping My Way: Map-making and Analysis in Participant Observation** In: ROBERTS, Les (Ed.). Mapping cultures: Place, practice, performance. Springer, 2012.
- CAPRA, F. **O ponto de mutação**. Ed. São Paulo: Cultrix, 1995. 30-150.
- Beck U. **Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade**. São Paulo: Ed. 34; 2010. Pgs. 203-275.
- FREDERICO, Isabela Barbosa. **O turismo pedagógico e a educação ambiental através das visitas técnicas no ensino superior**. 2009. Disponível em: <<http://revistaeea.org/artigo.php?idartigo=1123>>. Acesso em: janeiro de 2019.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas; amostragens e técnicas de pesquisa; elaboração, análise e interpretação de dados. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002. Pgs. 186-189.

- GEERDINK, Stefanie; NEIMAN, Zysman. A educação ambiental pelo turismo. **NEIMAN, Z.; RABINOVICCI, A. Turismo e meio ambiente no Brasil. Barueri, SP: Manole, p. 63-83, 2010.**
- NEIMAN, Z.; RABINOVICCI, A. **Trilhas na natureza e sensibilização ambiental.** In: COSTA, N.C.; NEIMAN, Z.; COSTA, V.C. (orgs.). Pelas trilhas do ecoturismo. Sao Carlos: RiMa, 2008, p.73-86.
- SAGRADA, Bíblia. Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueiredo. Erechim: Edelbra, 4. Rio de Janeiro. Enciclopédia Britânica, 1979, pgs 20-25.
- LOUREIRO, C. F. B. **Trajectoria e fundamentos da educação ambiental.** 4. ed. São Paulo: Cortez editora, 2012. 40-75.
- SERRANO, Célia Maria de Toledo; BRUHNS, Heloísa Turini. Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente. Papirus Editora, 1999. P. 111-127.
- MOSCOVICI, S. Natureza: Para Pensar a Ecologia. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda, 2007.
- KATAOKA, S. Y. **Indicadores da qualidade da experiência do visitante no Parque Estadual da Ilha Anchieta. 2004.113 f. Dissertação (Mestrado em Recursos Florestais, com opção em Conservação de Ecossistemas Florestais)** Capítulo 2.4 Qualidade da experiência do visitante. – Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2004. Pagina 21-25.
- GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Os (des) caminhos do meio ambiente.** Editora contexto, 1989. 27-28.
- SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável.** Editora Garamond, 2000. 29-65.
- GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999. Pags. 125-130.
- DESLANDES, Suely Ferreira. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade/Suely Ferreira Deslandes, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). **Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. Pgs. 62-70).**
- CATHARINO, Rejane Conceição Arruda. **Imagética dos livros didáticos nas relações de gênero e educação ambiental.** Dissertação (Programa de Pós-

Graduação em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2007. Pg. 92.

REQUIXA, R. Sugestões de diretrizes para uma política nacional de lazer. São Paulo: SESC, 1980. Pg. 96-120.

FLEMING, Stephen M.; THOMAS, Charlotte L.; DOLAN, Raymond J. Overcoming status quo bias in the human brain. **Proceedings of the national Academy of Sciences**, v. 107, n. 13, p. 6005-6009, 2010.

OLIVEIRA, TMV de. Amostragem não probabilística: adequação de situações para uso e limitações de amostras por conveniência, julgamento e quotas. **Administração on line**, v. 2, n. 3, p. 01-10, 2001.

COIMBRA, Audrey de Souza. O Tratamento da Educação Ambiental nas Conferencias Ambientais e a Questão da Transversalidade. **Rev. eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**. ISSN 1517-1256, v.16, junho de 2006. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/remea/article/view/2789/1575>>. Acesso em: julho 2019.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação ambiental: princípios e práticas**. São Paulo: Gaia, 1992.399 p. **Em Aberto**, v. 10, n. 49, 1991.

\_\_\_\_\_. Os Quinze anos da Educação Ambiental no Brasil: um depoimento. **Em Aberto**, Brasília, v. 10, n. 49, jan./mar. 2004.

PEREIRA, Tânia Sampaio. **Plano de ação para os jardins botânicos brasileiros**. Rede brasileira de jardins botânicos, 2004.

PEREIRA, Tânia Sampaio; COSTA, Maria Lúcia M. Os Jardins Botânicos brasileiros: desafios e potencialidades. **Ciência e Cultura**, v. 62, n. 1, p. 23-25, 2010.

RAMOS, Elisabeth Christmann. Educação ambiental: origem e perspectivas. *Educar em Revista*, v. 17, n. 18. 2001. 201-218.

FRANCO, Fabio; FERREIRA, Ana Paula do N. Lamanco; FERREIRA, Maurício Lamanco. Etnobotânica: aspectos históricos e aplicativos desta ciência. **Cadernos de Cultura e Ciência**, v. 10, n. 2, p. 17-23, 2011.

GOHN, Maria da Gloria. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Rio de Janeiro, 2006. *Revista Ensaio-Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, v. 14, n. 50, p. 11-25.

PIRES, P. dos. S. A dimensão conceitual do ecoturismo. *Turismo-visão e ação*, v. 1, n. 1, p. 75, 1998.

Ramos, Luís Fernando Angerami. **Meio ambiente e meios de comunicação**. Vol. 42. Annablume, 1996.

PEDRINI, A. de G.; BRITO, M. I. M. S. Educação Ambiental para o desenvolvimento ou sociedade sustentável? Uma breve reflexão para a América Latina. **Educação Ambiental em ação**, v. 17, 2006.

HOGAN, D. J. População e *Meio Ambiente*: a emergência de um novo campo de estudos. In: HOGAN D. J. (Org.) **Dinâmica populacional e mudança ambiental: cenários para o desenvolvimento brasileiro**. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo, 2007. p.16-24.

GASPAR, Alberto. A educação formal e a educação informal em ciências. **Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil**. Rio de Janeiro: Casa da Ciência, p. 171-183, 2002.

JACOBUCCI, Daniela Franco Carvalho. Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica. **Em extensão**, v. 7, n. 1, 2008.

LEFF, Enrique. Complexidade, interdisciplinaridade e saber ambiental. **Olhar de professor**, v. 14, n. 2, p. 309-335, 2011.

MACHADO, L. M. C. P. A percepção do meio ambiente como suporte para a educação ambiental. In: POMPÊO, M. L.M. (ed.) **Perspectivas na Limnologia no Brasil**. União, 1999. 1- 13.

FERREIRA, Leila da Costa et al. Sustentabilidade: uma abordagem histórica da sustentabilidade. **BRASIL. Encontros e Caminhos: Formação de Educadoras (es) Ambientais e Coletivos Educadores**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente. 2005. 86.

RASTEIRO, M. A. Espeleoturismo: Conceitos básicos. In. Informativo SBE nº80, P.5. Campinas: Sociedade Brasileira de Espeleologia, 2002.

DIEGUES, Antônio Carlos S. Desenvolvimento sustentável ou sociedades sustentáveis: da crítica dos modelos aos novos paradigmas. **São Paulo em perspectiva**, v. 6, n. 1-2, p. 22-29, 1992.

\_\_\_\_\_. Sociedades e comunidades sustentáveis. **São Paulo: Nupaup-USP**, 2003.

SUESCUN, Lilian Mariela; SCHEINER, Tereza Cristina Moletta. O Jardim Botânico do Rio de Janeiro: instituição emblemática no panorama da ciência e da museologia brasileiras. 2013.

COSTA, Robson; ELALI, Gleice Azambuja. Lendo trajetos em museu-paisagem: Um estudo de wayfinding no Instituto Inhotim, Minas Gerais. 2014.

UNESCO. Conferência Internacional de Thessaloniki. **DECLARAÇÃO DE THESSALONIKI**. Thessaloniki. 1997. Disponível em: <<https://www.mma.gov.br/>>. Acesso em julho 2019.

UNESCO. Encontro de Belgrado. **Carta de Belgrado**. Belgrado, 1975. Disponível em: <<https://www.mma.gov.br/informma/item/8066-carta-de-belgrado>>. Acesso em junho 2019.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Ambiental**. Lei 9.795, de 27 de abril de 1999.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. 1997. Brasília: MEC/SEF.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: TEMAS TRANSVERSAIS**. 1997. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental (SEF).

Conferência Das Nações Unidas Sobre Meio Ambiente E Desenvolvimento. **Agenda 21**. Rio de Janeiro, 1972. Disponível em: <<https://www.mma.gov.br/responsabilidade-socioambiental/agenda-21>> Acesso em: junho de 2019.

Conferência de Estocolmo. **Declaração Sobre Meio Ambiente Humano**. Estocolmo, 1972. Disponível em: < <https://nacoesunidas.org/acao/meio-ambiente/> >. Acesso em 02 de julho de 2019.

CONFERÊNCIA DE TBILISI. **Recomendações da Conferencia Intergovernamental sobre Educação Ambiental aos Países Membros**. Tbilisi, 1977. Disponível em: <<https://www.mma.gov.br/>>. Acesso em junho 2019.

BRUNDTLAND, Gro Harlem et al. **Nosso futuro comum**. Rio de Janeiro: FGV. 1991. 172-182.

BRASIL. Diretrizes para uma política nacional de ecoturismo - Coordenação de Sílvia Magalhaes Barros II e Denise M. de La Penha.] -Brasília: EMBRATUR, 1994. v, --p. : il.

ICOMOS. **Carta do Turismo Cultural**. 1976. Disponível em: <[www.iphan.gov.br](http://www.iphan.gov.br)>. Acesso em julho 2019.

ONU. **O Futuro que queremos**. Rio de Janeiro. 2012. Disponível em: <[www.rio20.gov.br](http://www.rio20.gov.br)>. Acesso em: set 2019.

TRATADO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL. **Tratado de educação ambiental para sociedades sustentáveis e responsabilidade global**. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <[http://seaembu.org/docs/ag21\\_mananciais.pdf#page=54](http://seaembu.org/docs/ag21_mananciais.pdf#page=54)>. Acesso em: novembro 2019.

## APENDICE

### APENDICE I – Entrevista realizada com o Setor Educativo e Coordenadoria do Jardim Botânico do Inhotim



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

DEPARTAMENTO DE TURISMO



Entrevista destinada ao setor educativo e receptivo do Instituto Inhotim referente a monografia:

#### USO TURÍSTICO DO JARDIM BOTÂNICO DO INHOTIM E SUAS POTENCIALIDADES PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

**Coordenadora do Jardim Botânico do Inhotim: Sabrina Carmo**

**Parecerista responsável: Vinicius Parreiras**

A presente entrevista compõe parte do percurso metodológico necessário para realização da monografia intitulada “O uso turístico do Jardim Botânico do Inhotim e suas potencialidades para a Educação Ambiental”, proposta pela aluna Isabela Lopes Figueiredo, do curso de Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto- UFOP, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Isabela B. Frederico. É nosso interesse nesta etapa a realização de um panorama das ações voltadas ao turismo e à educação ambiental, propostas pelo Inhotim para o espaço do Jardim Botânico da unidade. Os dados coletados com esta entrevista servirão também de base para o aperfeiçoamento dos questionários que serão aplicados aos turistas, durante pesquisa de campo proposta.

De maneira mais ampla, nossa monografia busca compreender, desde uma perspectiva exploratória, o uso turístico do Jardim Botânico do Instituto. Pretendemos apontar de que maneira esse espaço é apresentado pelo público e conseqüentemente identificar os usos e desusos do Jardim Botânico pelos visitantes (através da atividade turística) à luz da Educação Ambiental. Buscaremos analisar a hipótese de que o espaço do Jardim possui potencialidade para provocar experiências de

sensibilização ambiental em seus visitantes, pelo seu caráter ecológico associado às questões artísticas presentes.

Notadamente, o Inhotim se apresenta como um espaço ímpar para as discussões sobre Jardins e Educação Ambiental, por consagrar-se como um dos museus a céu aberto mais importantes do Brasil e do mundo, abrigando em um mesmo espaço, um equipamento cultural (museu de arte contemporânea) e uma área protegida (RPPN).

Concomitante à esta etapa estamos realizando nossa pesquisa bibliográfica e documental e pretendemos também, auxiliados pelo retorno desta entrevista, elaborar e aplicar questionários de avaliação da experiência, aos turistas da unidade. De maneira complementar, realizaremos a observação participante, com foco no estudo do comportamento dos turistas ao longo do Jardim Botânico.

Sendo assim, pedimos a gentileza do setor Educativo da unidade em responder as seguintes questões:

#### **A) Espaço.**

##### **1). Como surgiu a RPPN Inhotim?**

Originalmente a RPPN Inhotim surge em 2010, situada numa área de importante fitofisionomia de Mata Atlântica com entraves de cerrado. Criada de forma vitalícia e espontânea (como toda RPPNS), em 2014 a RPPN sofre uma expansão, passando dos anteriores 145 hectares para 249 hectares, devido fragmento anexado a RPPN, hoje administrada pela empresa Horizontes.

A RPPN Inhotim, não é aberta à visitação, mas existe um plano de manejo em fase de final de aprovação. Portanto as atividades na RPPN (entre elas visitas de educação ambiental) ainda não acontecem. Contudo, é importante ressaltar que essa RPPN tem grande valor para o Instituto por ser uma das formas de conservação in situ; enquanto que o jardim Botânico realiza uma conservação ex situ [fora do ambiente natural], a RPPN propõe que as espécies vegetais, animais e os recursos naturais existentes no local possam ser preservados sob essa forma de Unidade de Conservação, operando importante anel de proteção para o JBI e para o museu.

##### **2). Como e com qual propósito surgiu o Jardim Botânico do Inhotim?**

O Jardim Botânico do Inhotim surgiu de fato em 2010 quando recebeu esse título pela Rede Brasileira de jardins botânicos (RBJB). Porém, o espaço começou a ser construindo ainda na década de 80, sob uma perspectiva ornamental e paisagística do organizador do instituto Inhotim, Bernardo Paz. De início, o espaço atendia somente o propósito inicial meramente paisagístico do idealizador, que tinha grande interesse pelas espécies ornamentais, sobretudo as Palmeiras e orquídeas. Ser um jardim botânico não eram objetivo principal, mas o potencial para tal foi sendo demonstrado ao longo da caminhada.

Buscou-se com o tempo ter numas mesmo locais espécies com características taxonômicas mais diversas possíveis, buscando plantas de alto valor paisagístico, mas também explorando o valor científico das mesmas e tentando reunir uma diversidade filogenética significativa no jardim. Assim, aos poucos foi-se naturalmente usufruindo desse acervo para atividades educativas e de pesquisa,

aproximado o universo do Jardim botânico com a EA e o Turismo, reconhecendo-se nas atividades desenvolvidas o potencial do JBI.

O propósito do JBI, assim com todos os jardins botânicos, é baseado nos quatro grandes pilares dos jardins: a divulgação da importância das plantas e acesso ao público; proteção da vegetação, colaborando para sua conservação; investindo em pesquisa e educação. Esses propósitos intencionam abordar a extrema importância das plantas para nossa coexistência, assim como protegem-las, colaborando com a sua conservação.

O título de Jardim Botânico veio confirmar a utilização dos acervos para conservação, e atividades educativas e de pesquisa, usufruindo da expressiva coleção botânica do Instituto. Assim sendo estruturado, e colecionando espécies, recebendo orientações de viveiristas e paisagistas renomados como Roberto Burle Marx.

É importante mencionar que o Burle Marx não assinou nenhum projeto do JBI, infelizmente houve um tempo que isso era difundido erroneamente pela mídia. Contudo, não podemos negar a interferência do Burle Marx nos nossos jardins. As características bastante orgânicas, os maciços florestais, o uso de folhagens, sobretudo espécies endêmicas. Tudo isso compõem o Jardim Botânico Inhotim. Hoje nossas coleções são divididas em coleção ornamental, coleção paisagística e coleção de conservação. Então ao longo desses anos a estrutura e o formato do JBI foi sendo modificado, mas sempre com esse viés de conservação de propagação também do acervo botânico.

### **3). Qual (s) motivação (s) para se estabelecer o Jardim Inhotim tal como o conhecemos hoje? Como se deu esse processo?**

Como mencionado anteriormente, o Jardim Botânico do Inhotim nasce de uma perspectiva paisagística, porém nos últimos tempos percebeu-se a necessidade de incorporar elementos da Flora Nativa nos nossos Jardins. Além das espécies exóticas que despertam bastante interesse e encantamento nos visitantes, hoje temos espécies ameaçadas de extinção, espécies de uma importância ecológica muito grande do Cerrado e Mata Atlântica e inclusive espécies comuns no dia a dia; tudo com o objetivo de aproximar a flora e o visitante, de fazer com que conexões possam ser significativas e contextualizadas, através de espécimes usualmente utilizados no cotidiano do visitante.

Eu usaria três palavras características para as transformações do Jardim. O primeiro Paisagismo, como a linguagem do JBI, o que o torna um pouco diferente em relação a outras instituições. O Inhotim escolhe promover o contato das plantas com o público, utilizando essa linguagem paisagística. Através das curvas, das plantas exóticas, dos maciços, dos espelhos d'água, da valorização entre a relação da natureza e a arte. São elementos importantes para construir a narrativa com visitantes sobre o contato com as plantas, a importância da diversidade biológica e a necessidade de conservação das plantas.

Outro elemento decisivo para o processo estabelecimento e desfrutação do Jardim Botânico, é o investimento nos Jardins temáticos. Se olharmos os mapas de 2012, 2014, e comparamos com os atuais, vamos perceber uma grande diferença. Não haviam espaços temáticos para plantas, era tudo um grande caminho com jardins entre eles. Hoje conseguimos reconhecer 8 Jardins temáticos, cada um com uma narrativa muito própria. Temos os jardins dos sentidos, jardim desértico, jardim medicinal, largo das orquídeas, jardim veredas entre tantos. O que é importante porque revela o

potencial educativo e de comunicação que o Instituto busca promover entre os visitantes. Além de presar pelo paisagismo esses espaços podem ser explorados como plataforma para tratar assuntos decisivos na agenda ambiental. Assuntos que dialogam com nossa realidade, nosso dia a dia. Por isso os Jardins temáticos também configuram algo importante de ser destacado nesse processo de estabelecimento JBI.

Recentemente estamos finalizando a construção de novo Jardim onde as espécies frutíferas nativas são bastante exploradas, tudo isso, mais uma vez, com o objetivo de aproximar os visitantes da flora e fauna, que se torna também presente por meio da vegetação. Toda essa construção intenciona o incremento da coleção, seja através da reprodução no próprio parque (por meio de estufa e sombrite) com a nossa própria equipe de jardinagem, ou tantas outras pelo Inter tanta, permuta com outras instituições de jardins botânicos. Houve um tempo também onde realizamos prospecção de espécies botânicas, então determinados empreendimentos que iriam suprimir vegetação, nós recebemos os órgãos ambientais competentes autorizações para trazer essas espécies botânicas para o Inhotim. Também recebemos até de colecionadores, de alguns empreendimentos, que acabaram ao longo dos últimos anos sendo incorporados nosso acervo Botânico.

Outro aspecto que tem ficado cada vez no nosso vocabulário do JBI, e a etnobotânica. Nós acreditamos que conservar e estimular as pessoas a refletirem sobre a importância da conservação das plantas, é a razão principal de um Jardim Botânico, e essa tarefa é muito mais facilmente alcançada quando a gente consegue demonstrar para as pessoas, as ligações entre as plantas e as nossas relações diárias, nossa história e Cultura, nossa economia, e claro a dependência para manutenção da vida no planeta da vegetação. Então, o JBI busca adentrar cada vez mais nesse universo. Prova disso é a nova sinalização que inauguramos no novo jardim Sombra e Agua fresca, onde optamos por colocar somente o nome científico e nome popular, a família e logo abaixo uma informação etnobotânica; para que o público consiga estabelecer ligações com a própria planta, com o país, com a história, com a cultura do povo.

O reconhecimento do Jardim Botânico se dá em 2010, mas em 2015 fomos reclassificados pela RBJB, passando da categoria C para categoria B, por entendemos que atendíamos muito mais quesitos para subir de categoria. Esses quesitos são: ter um quadro técnico-científico compatível com as atividades da categoria B; ter serviço vigilância jardinagem, investimento em área de mudas e reprodução de mudas nativas; programas de pesquisa visando a preservação e conservação; programas de EA mais consolidados; infraestrutura ainda mais adequada para visitantes, uma biblioteca própria, etc. Por esses quesitos e outros mais solicitamos e conseguimos remanejamento para categoria B.

Porém, a nossa missão para o Jardim Botânico continua sendo manter, propagar e propiciar estudos com o maior número possível de espécies botânicas, enfatizando as espécies ameaçadas, raras, endêmicas. Conservando recursos genéticos ao mesmo tempo que expomos essas espécies paisagisticamente, como uma forma de divulgar e sensibilizar as pessoas a respeito da biodiversidade vegetal.

## **B). Educação Ambiental:**

### **1). O que a Educação Ambiental representa para o Instituto?**

A EA é considerada um dos pilares do Jardim Botânico. Temos a conservação, a educação e a pesquisa como três pilares o Jardim Botânico Inhotim. Além disso por sermos uma instituição cultural,

entendemos que a EA deve ser uma prática constante das nossas atividades. O Instituto Inhotim entende que a EA é uma plataforma capaz de fazer com que as pessoas se tornem mais sensíveis às causas ambientais, de instigar a reflexão do papel de cada um diante da conservação da Biodiversidade. Isso se faz necessário diante da urgência em se tomar atitudes que minimizem os impactos ambientais negativos, criando de fato uma nova relação com o meio ambiente, que seja pautada na sustentabilidade, no cooperativismo, no bem-estar. Essa é a importância da EA para o Instituto Inhotim

## **2). Como a Educação Ambiental é abordada no Instituto?**

O Instituto Inhotim utiliza a EA sobretudo para apresentar o seu acervo Botânico, mas também o próprio acervo artístico. Através de metodologias de ação transversal, (tanto do acervo artístico quanto botânico) propõe-se a educação ambiental para os visitantes. Pretendemos sensibilizar os visitantes, com o objetivo de demonstrar para o visitante o papel que ele tem no meio ambiente. Esse papel pode ser negativo, mas um papel também muito positivo. O homem é também responsável por conservar e cuidar dos recursos naturais; por dar atenção e respeito às outras formas de vida. Essa é a mensagem que as atividades de educação ambiental propõem para os visitantes. Mais do que apresentar conceitos, nomes e origem de espécies botânicas, o contato mais próximo e amigável durante a vivência do visitante faz muito mais sentido para nós. O acervo artístico, por meio de obras de arte e visitas às galerias, propulsionam uma conexão com Jardim, onde conseguimos fazer com que o visitante possa perceber, possa sentir as questões ambientais inerentes ao seu humano. Propomos aí reflexões, diálogos, tudo isso feita através da mediação. A mediação é uma metodologia muito importante para nós do setor educativo, porque ela explora o diálogo. Não somos guias, ou somente tentamos passar um conteúdo, informação. Estamos aqui para troca, para uma conversa onde a opinião e a vivência do visitante é sempre muito valorizada e respeitada. Com isso temos trocas muito interessantes enquanto o visitante percorre nossos Jardins, quando o convidamos a sentar-se, sentir os cheiros, ouvir os sons, a perceber o ambiente. Ao fazer isso, o visitante nos dá um retorno através do diálogo, de experiências pessoais, da troca de informações, do sentimento daquele momento. Tudo isso para a gente faz muito sentido. Assim a mediação só vai ocorrer com a participação do visitante. Todas as nossas ações são baseadas a instigar a participação do mesmo.

É importante ressaltar ainda, que nós estamos aqui para acolher o público diverso, espontaneamente. Seja um turista, um grupo escolar agendado, todos eles são convidados a trazer o tema para debate. Com isso, exploramos o conteúdo ambiental através de práticas lúdicas, visitas, atividades práticas, estações pelo parque, programações especiais em datas comemorativas, rodas de conversa. São várias as atividades que acontecem no parque. Considerando sempre o público leigo, quem vem pela primeira vez ou para quem já conhece e gosta. Para pessoas que não gostam de plantas e estão ali só pelo acervo artístico. Idosos, crianças, sempre pensando na diversidade de público, considerados pelo acervo educativo.

## **3). Qual o histórico de atividades dos projetos de Educação Ambiental do Instituto?**

Os projetos de EA do Instituto Educação Ambiental nascem ainda na abertura do parque, para o público geral lá em 2006. Desde a abertura temos atividades de EA, claro que não eram sistematizadas na forma como são hoje, mas antes mesmo do Instituto receber o título de jardim em 2010. Historicamente os projetos de Educação Ambiental do Instituto iniciam-se em 2008. O primeiro

projeto era chamado de jovem jardineiro, que tinham como objetivo trazer uma formação em jardinagem e Paisagismo sob a perspectiva da EA. Esse projeto foi sendo aprimorado e tornou-se o programa Jovens Agentes Ambientais, que talvez seja o programa mais expressivo, em que a EA se torna mais clara para o público para um pesquisador, como é o seu caso. É um projeto que trata diretamente das questões ambientais com jovens estudantes da rede pública de Brumadinho. Já houve também edições em outras localidades como São José do Rio Preto em São Paulo, Feira de Santana na Bahia e Araras no Rio de Janeiro. São projetos de formação continuada. Aqui no Instituto, os jovens participaram conosco durante um ano de atividades, através de encontros semanais (duas vezes por semana) eles estão conosco no contra turno escolar. Mas além desse projeto que existe até hoje, nós temos visitas escolares, atividades específicas para determinada data temática. Assim, ao longo desses anos de educativo nós atendemos um público significativo de estudantes, professores e visitantes espontâneos, que sempre são convidados a interagir com o nosso acervo artístico e Botânico por meio dos educadores através da mediação. É importante mencionar que até 2015 nós tínhamos uma estrutura administrativa diferenciada. Havia uma equipe responsável pela arte e educação no parque e outra Pela Educação Ambiental. A partir de 2015 essas duas equipes se unem, o que hoje nós temos como educativo unificado. Isso configura um desafio maior para nós, mas ao mesmo tempo é muito empolgante e importante trabalharmos com essa multidisciplinaridade e a transversalidade. Então hoje a equipe do aplicativo é composta por biólogos, engenheiros ambientais, estudantes de engenharia civil, assistência social, historiadores, artistas plásticos, filósofos e turismólogos. Uma equipe multidisciplinar, o que faz nosso repertório bem amplo, e nosso histórico bem significativo. Então desde 2006 até os dias atuais a educação ambiental sempre se fez presente através das equipes de educação.

#### **4). Quais são os projetos de Educação Ambiental existentes no Inhotim atualmente? Como eles são organizados e a qual público se destinam?**

Como falado anteriormente, hoje temos como principal projeto de EA os jovens agentes. Projeto continuo com jovens da rede pública do município de Brumadinho, onde as questões ambientais são sempre tratadas e discutidas com o grupo. Mais do que conhecer o acervo Botânico e as espécies botânicas do Parque, os jovens são convidados a refletir, a partir das espécies botânicas, o papel que eles têm para conservação da biodiversidade. Abordagens do tipo: como ser protagonista nessa sociedade, como discutir os problemas ambientais existentes no bairro, na escola, na vizinhança e qual o papel que cada um pode assumir no seu universo, como cobrar dos governantes e o poder público, como desenvolver uma atividade comunitária em prol do meio ambiente. Todas questões que pautam as atividades dos Jovens Agentes na atualidade. Outros eventos como a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, A Semana da água são assuntos discutidos através de visitas temáticas e rodas de conversa, por meio de interação com outros profissionais do Parque, muitas vezes a equipe do próprio jardim botânico. Por esse caráter transversal, não temos projetos específicos de educação ambiental no jardim, além desses mencionados. Porém a pauta ambiental é sempre tratada nas discussões e atividades do educativo. São organizados através de inscrição desses projetos nas leis de incentivo à cultura, (estadual e municipal), por meio de parcerias com outras instituições (sobretudo instituições de ensino), ou através de recursos diretos do instituto. Fato ocorrem atividades voltadas para crianças [público escolar]. Essas atividades ainda, possuem educadores responsáveis por discutir e sistematizar essa programação no âmbito da educação ambiental.

**5). Existem projetos específicos de Educação Ambiental realizados no Jardim? Se sim, qual a dinâmica da realização dos mesmos? Se não, por que?**

Como antecipado, de fato hoje não existem nenhum projeto específico de educação ambiental. Os jardins são ponto de partida para as atividades do educativo e não somente os jardins e os espécimes botânicos, mas também o próprio acervo artístico nos possibilita conversar, discutir e propor reflexões sobre questões ambientais. Muitas vezes isso é feito de forma unificada no Jardim Botânico: com o visitante percorremos determinadas áreas, passamos por uma galeria, voltamos para área de Jardim, E aí fazemos conexões. tudo isso para gente é entendido como questões ambientais. As discussões de EA no Inhotim extrapolam as simples questões de fauna e flora; tudo isso é abordado cautelosamente para que o visitante se sinta confortável, ambientalizado, para instigar uma verdadeira gama de mudanças. Respondendo a pergunta, especificamente temos o projeto dos Jovens Agentes que é realizado no Inhotim como um todo; seja a partir do Jardim, do acervo artístico, das galerias. Como abordado, esses projetos integram nossas atividades desde uma visita gratuita que oferecemos na recepção para o visitante que chega de forma espontânea, uma atividade já dirigida com grupo escolar e manifestou o interesse de vir a Inhotim para despertar nos estudantes valores ambientais, ou para dar continuidade a um projeto de educação ambiental que está sendo feito na escola. Dessa forma temos várias modalidades de trabalhar a educação ambiental, mas sempre a mediação norteia essas atividades. Nosso calendário dispõe de atividades, mobiliários com atrativos voltados para que o visitante que percorre o espaço possa para e refletir conosco, oficinas específicas onde os conceitos de educação ambiental são explorados com uma certa intensidade. Isso tudo também acaba acontecendo aqui no parque. Por entender que EA deve ser transversal, hoje a equipe do educativo do Inhotim não traz essa abordagem específica, entendemos que a mesma atravessa os conteúdos que aqui abordamos. Esse é o nosso desafio, mas ao mesmo tempo é o nosso objetivo enquanto instituição.

**C). Turismo:**

**1). Qual é o objetivo do Jardim para o turismo realizado no Inhotim?**

Bem, falar de JBI é falar de sentidos. Como que a gente captura um jardim? Como que a gente experimenta um jardim? Não é só pela visão, mas sim pela audição do canto dos pássaros, pelo tato de pegar uma fruta e sentir um novo, diferente. O JBI é uma experiência sinestésica.

No universo do Turismo, o que buscamos muitas vezes são novas experiências; experiências sensoriais, visuais e culturais. Posso dizer que a objetivo do jardim é aproveitar essa vocação turística do Inhotim, trazendo os jardins de uma forma que eles vão além da conservação das espécies botânicas, revelando-se como espaços de contemplação, convidando as pessoas a entender a complexidade da teia da vida, as relações diversas que estabelecemos com as plantas e a necessidade urgente se reconecte esses organismos, dos quais somos tão dependentes. Eu diria que o objetivo do Jardim é explorar essas oportunidades que surgem dentro da experiência turística no JBI, para oferecer ao turista a oportunidade de vivenciar e compreender as plantas a importância de protegê-las para a vida em sua totalidade.

Quanto a heterogeneidade do nosso público, muita pessoa vem por conta do acervo artístico, para conhecer as obras de artistas, para respirar um pouco dessa áurea artística do museu. Mesmo quem não vem pelo aspecto dos jardins, acabam curtindo, acabam gostando e encantando-se pelo Jardim

Botânico. Muitas das vezes escutamos “Ah, eu conheço a espécie” ou “Eu já vi essa espécie por foto”, outro diz “quando eu morava na roça essa eu lembro”, “sempre quis conhecer essa flor” ...

Os espécimes botânicos acabam despertando no visitante uma sensação de prazer e bem-estar. Trazendo essa fala para o nosso público local, pensando nos moradores de Brumadinho, percebemos que o acervo Botânico é a porta de entrada para a comunidade; é o que atrai de fato os moradores, a população local para os nossos espaços. Assim, os moradores identificam-se de maneira mais acentuada com o JBI, do que nossas galerias e acervo artístico propriamente dito.

## **2). Na ausência de atividades de Educação Ambiental dirigidas no Jardim, vocês acreditam que o espaço por si só pode ter potencial de sensibilização ambiental? Por que?**

Bem, mencionamos que a experiência do JBI, é uma experiência sinestésica. Partindo do ponto de que uma das principais vias aprendizagem de todas as pessoas é a experiência, diríamos que sim. O Jardim tem um grande potencial de sensibilização, mesmo em situações em que não aja ação pedagógica direcionada. Observar uma planta crescer, perceber as diferenças entre folhas e flores de espécies diferentes, observar os animais que habitam dentro do jardim, desfrutar da sombra e da umidade que uma mata nativa oferece gratuitamente, os lagos, a própria fotografia do Parque pode todos ser pontos de partida para reflexões individuais sobre o que é o meio ambiente, sobre a fauna e a flora, sobre o equilíbrio tênue que existe entre todos os seres.

Mas ao mesmo tempo, acho muito importante que a gente reconheça o quão fundamental é um programa educativo dentro de um jardim botânico. As questões ambientais contemporâneas exigem de nós muito mais do que o reconhecimento da beleza da natureza, ou de que os seres estão conectados entre si. A gente precisa ir um pouco para conseguir lidar com as questões que estão diante de nós. Precisamos examinar nossos valores e mudar nossos comportamentos em relação ao meio que vivemos. Nesse sentido, o JBI por si só, não dá conta de levar as pessoas a esse outro ponto. Os jardins são muitas vezes explorados pela equipe educativa sem necessariamente carregar esse nome [atividade educação ambiental]. Entendemos que nossas visitas mediadas, as rodas de conversa, e outros projetos de atendimento ao público espontâneo, configuram-se como atividades sensibilizadoras, de potencial muito grande.

Mas é fundamental o contato com o educador que seja capaz de te instigar, de te enfrentar e pressionar ou estimular a ter uma nova visão, uma nova consciência sobre o que é ser vivo, o que é ser um ser dentro da Teia da vida. Dessa forma, o Jardim tem uma potência para tirar uma sensibilização de forma espontânea dos visitantes, mas as questões ambientais necessitam de um redirecionamento e conhecimento que é através de um contato dirigido e contínuo que conseguiremos mudar comportamentos.

### **2.a). Se sim, de que maneira o Jardim Botânico pode provocar o turista em prol de uma reflexão ambiental?**

Para além do contato com educador, o Jardins também pode conseguir que várias pessoas reflitam sobre questões ambientais. Pode ser uma placa no meio do caminho, um folheto, um cartaz, podem levar o público a reflexões a partir do ambiente e de uma informação. Eu diria que investir em

estratégias de comunicação, principalmente a sinalização das plantas é uma forma interessante de sensibilização. Não sei se o verbo sensibilizar seria o mais interessante aqui, mas minimamente tencionar o visitante a reflexão espontânea. Recentemente nós tivemos uma experiência no Jardim Sombra e Água Fresca, que é o novo e maior Jardim temático que temos, ainda em processo de construção, mas já foi inaugurado para comunidade de Brumadinho, agora no final de setembro no dia da árvore, inaugurando também a chegada da primavera. Esse jardim também inaugura novos modelos de placas das plantas. Além do nome científico, nome popular das espécies e a família, as placas possuíam informações etnobotânica, da qual destacou-se o feedback positivo dos visitantes a respeito da funcionalidade dessa placa, e do quanto esse conteúdo os aproximam das plantas, tornando o jardim mais interessante e a experiência mais rica. Esse é um exemplo de como a comunicação é uma maneira para o Jardim Botânico utilizar para provocar o turista sem necessariamente aplicar uma atividade de educação ambiental.

**3). Ha dados de visitaçãõ, satisfaçãõ, comportamento, referente ao contato do turista com o espaço do Jardim?**

**4). Em relaçaõ aos aspectos mais gerais do turismo na unidade, existem dados sobre a visitaçãõ (quantidade, sazonalidade, procedência, média de tempo de visita, entre outros)?**

HISTÓRICO DE VISITAÇÃO

ANO	JANEIRO	FEVEREIRO	MARÇO	ABRIL	MAIO	JUNHO	JULHO	AGOSTO	SETEMBRO	OUTUBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO	TOTAL
2006										10.000	10.000	10.000	30.000
2007	1.776	4.619	6.052	8.888	10.334	15.689	12.968	13.362	15.283	12.342	13.699	8.173	123.185
2008	8.258	6.496	8.932	11.318	15.934	12.254	13.724	15.311	8.768	7.746	9.267	3.300	121.308
2009	7.239	11.266	8.222	15.672	15.650	13.960	19.978	14.399	14.746	18.077	16.150	6.658	162.017
2010	15.293	12.713	7.794	14.275	12.867	13.706	24.666	18.651	20.311	20.459	13.531	10.089	184.355
2011	13.746	8.782	12.831	22.899	18.881	26.377	31.932	23.862	28.812	21.280	23.820	11.110	244.332
2012	9.156	19.935	11.482	21.067	19.030	28.926	46.792	25.588	33.962	29.749	25.442	21.946	293.075
2013	24.526	22.928	17.785	20.336	29.270	27.998	53.605	29.261	28.759	30.982	29.920	16.910	332.280
2014	35.226	13.684	25.013	31.503	29.615	27.301	39.692	31.981	37.841	30.785	25.183	28.302	356.126
2015	43.897	18.999	13.722	27.348	24.568	24.541	57.385	23.512	27.365	38.642	25.936	27.300	353.215
2016	28.862	20.464	17.504	19.730	22.898	20.504	53.835	26.138	29.868	26.174	30.394	25.353	321.724
2017	41.504	15.472	18.150	26.475	15.629	28.450	63.340	27.641	32.865	31.121	24.745	20.437	345.829
2018	26.453	8.502	10.128	13.901	13.350	15.301	43.117	24.893	29.595	27.509	25.622	19.309	257.680
2019	33.483	6.739	13.806	12.919	12.916	22.953	49.211	22.914	25.955				200.896
<b>TOTAL MENSAL</b>	<b>289.419</b>	<b>170.599</b>	<b>171.421</b>	<b>246.331</b>	<b>240.942</b>	<b>277.960</b>	<b>510.245</b>	<b>297.513</b>	<b>334.130</b>	<b>304.866</b>	<b>273.709</b>	<b>208.887</b>	<b>3.326.022</b>

Histórico de Atendimento Educativo Inhotim															
Categoria	Atividade	Anos												TOTAL	
		2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017		2018
Usemovs Barzagan Acesso	Inhotim para Todxs	-	-	-	-	-	7.709	21.864	33.347	10.875	9.116	-	13.615	11.625	108.151
	Nosso Inhotim	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	467	-	-	467
Atendimento Interno	Encontro marcado	-	-	-	49	167	606	573	-	285	392	494	498	811	3.875
	Formação Interna	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2.509	2.122	1.149	5.780
	Inhotim sem Aedes	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	519	-	-	519
	Seminário Interno	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	122	95	83	300
Atendimento a Comunidade	Treinamento Introdutório	-	-	-	-	-	-	408	411	239	208	59	73	38	1.436
	Fundo Clima	-	-	-	-	-	-	-	40	-	251	178	-	-	469
Visitas	Pessoas pelo Clima	-	-	-	-	-	-	-	-	460	442	-	-	-	902
	LEPHA - Refazenda	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	304	304
	Panorâmica	-	-	-	-	-	-	4.225	4.808	7.329	6.575	4.543	4.156	3.370	35.006
Mediação no Parque	Programa de visitas	-	-	-	-	-	9.983	25.142	36.154	9.785	16.046	4.984	19.058	15.779	136.931
	Temática	-	-	-	-	-	-	1.020	1.251	1.625	1.323	901	616	512	7.248
À definir	Ativação	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1.009	1.009
	Estação Educativa	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2.143	5.948	4.367	7.418	19.876
Rede Educativa	Programação Educativa	-	-	-	-	-	-	44.917	29.613	35.485	5.022	1.344	1.244	5.144	122.769
	COEPI	-	-	-	-	-	11	4	8	8	7	10	2	2	52
TOTAIIS		0	528	26.702	37.084	62.465	75.574	154.906	169.861	129.783	70.746	47.829	74.664	58.362	908.504

## APENDICE II – Questionário usado nessa pesquisa.



UFOP

Universidade Federal  
de Ouro Preto

### QUESTIONÁRIO DE MONOGRAFIA COM OS TURISTAS DO JBI



- |  |  |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Participante de atividade de mediação   | <input type="checkbox"/> Turista aleatório |
| <input type="checkbox"/> Jardim dos Sentidos                     | <input type="checkbox"/> Receptivo         |
| <input type="checkbox"/> Espaço Tamobril                         |  |
| Já visitou o Inhotim anteriormente? <input type="checkbox"/> Sim | <input type="checkbox"/> Não               |

#### 1. Sexo:

Masculino

Feminino

#### 2. Faixa etária:

até 18 anos

Entre 18 e 23 anos

entre 24 e 30 anos

Entre 31 e 40 anos

entre 41 e 54 anos

Acima de 55 anos

#### 3. Profissão: \_\_\_\_\_

#### 4. Local de origem? \_\_\_\_\_

O Inhotim é o destino final?  Sim  Não. Qual é? \_\_\_\_\_

### QUESTOES

- Para você, visitar áreas naturais é:  incômodo  agradável?
- A degradação ambiental e os desdobramentos sociais que isso gera, são temas no seu cotidiano?  
 Sim  Não.  
De que maneira? \_\_\_\_\_
- Você sabe que existe em Brumadinho atividades de mineração?  Sim  Não
  - De alguma maneira, as recentes notícias sobre a mineração em Brumadinho, influenciaram a sua decisão de visitar o Inhotim?  Sim  Não  
Como? \_\_\_\_\_
- Você acredita que suas atividades cotidianas, fora daqui, tenham alguma relação com a atividade minerária?  Sim  Não  
Como: \_\_\_\_\_
- Você sabia que aqui no Inhotim, existe uma RPPN de proteção de Cerrado e Mata Atlântica?  Sim  Não
  - Ficou sabendo aqui, ou já sabia? \_\_\_\_\_

6. O que te motivou a visitar o Instituto Inhotim? \_\_\_\_\_
7. A sua visita no Inhotim tem duração de quantos dias? (Qual dia é esse?) \_\_\_\_\_  
 1       2       3       4 ou mais
8. Você conseguiu fazer ligações da sua experiência aqui no JBI, com sua realidade cotidiana?  
 Sim  Não  
 De que maneira? \_\_\_\_\_
9. Numa escala de 0 a 10, quanto você daria para as sensações em relação a experiência com o JBI?  
 Contemplação       Artificialidade       Ansiedade       Curiosidade  
 Deslumbramento       Reflexão       Tranquilidade       Isolamento  
 Espiritualidade       Criatividade       Introspecção       Extroversão  
 Integração com o espaço       Integração com os visitantes

**A partir desse momento, gostaria que vocês respondessem as questões dando uma nota para cada pergunta considerando uma escala onde 0 é nada e 10 é muito.**

10. Sobre os elementos placas, informativos existentes no jardim, que nota você daria para a interferência deles em sua experiência? Pode me dar um exemplo?  
 \_\_\_\_\_
11. Você percebe algum tipo de integração entre o Acervo Artístico e o Acervo Botânico? Qual?  
 \_\_\_\_\_
12. Quanto você diria que o paisagismo do JBI facilita a sua percepção sobre a importância das plantas para a manutenção da vida humana? De que maneira?  
 \_\_\_\_\_
13. Quanto você diria que a sua experiência no jardim influenciou o seu aspecto:  
 Racional       Emocional
14. Quanto você diria que estar presente no jardim instigou a utilização dos seus cinco sentidos. Pode me dar um exemplo ?  
 Audição: \_\_\_\_\_  
 Olfato: \_\_\_\_\_  
 Paladar: \_\_\_\_\_  
 Visão \_\_\_\_\_  
 Tato: \_\_\_\_\_
15. De alguma maneira a sua visita está te inspirando a se envolver mais com o mundo das artes, após o seu retorno? Qual modalidade você destacaria? \_\_\_\_\_
16. Essa visita te inspirou a rever seus hábitos em prol do meio ambiente? Você poderia me dar um exemplo? \_\_\_\_\_

## APENDICE III

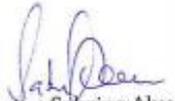
### DECLARAÇÃO

Declaramos para os devidos fins que respondemos através de gravação de áudio por aplicativo de mensagens entrevista referente ao projeto de pesquisa "Uso turístico do Jardim Botânico do Inhotim e suas potencialidades para a Educação Ambiental" de autoria de Isabela Lopes Figueiredo.

As respostas às perguntas elaboradas pela pesquisadora citada foram dadas separadamente pelos entrevistados e posteriormente fundidas e transcritas por opção da mesma, sob orientação da professora Isabela B. Frederico, para uso exclusivo no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Desse modo, fica vedado a divulgação parcial ou integral do conteúdo dessa entrevista para outras finalidades sem a devida autorização do Instituto Inhotim.

Destacamos, ainda, que o projeto mencionado foi aprovado pela Comissão de Ética em Pesquisa do Instituto Inhotim (COEPI) conforme Parecer TC 001-2019, emitido em 13 de junho de 2019.

Brumadinho, 28 de novembro de 2019.

  
Sabrina Alves do Carmo  
Coordenadora do Jardim Botânico  
Instituto Inhotim

  
Vinícius Porfírio Parreiras  
Supervisor de Educação  
Instituto Inhotim

Rua B, 20, Inhotim | Brumadinho, MG - Brasil | 35460-000 | T +55 31 3571.0700  
Rua Antônio de Albuquerque, 115, Funclatarães | Belo Horizonte, MG - Brasil | 30112-010 | T +55 31 3101.7000

inhotim.org.br

INHOTIM

#### APENDICE IV – Tabulação dos dados obtidos.

( 13 ) Participante de atividade de mediação	( 26 ) Turista aleatório	
( 10 ) Jardim dos Sentidos	( 17 ) Jardim Pictórico	( 12 ) Espaço Tamboril
Já visitou o Inhotim anteriormente? ( 22 ) Sim	( 17 ) Não	

#### 1. Sexo:

( 18 ) Masculino

( 21 ) Feminino

#### 2. Faixa etária:

( 2 ) até 18 anos

( 2 ) Entre 18 e 23 anos

( 14 ) entre 24 e 30 anos

( 14 ) Entre 31 e 40 anos

( 3 ) entre 41 e 54 anos

( 4 ) Acima de 55 anos

#### 3. Profissão: \_\_\_\_\_

#### 4. Local de origem? \_\_\_\_\_

O Inhotim é o destino final? ( 23 ) Sim ( 16 ) Não. Qual é? \_\_\_\_\_

### QUESTOES

1. Para você, visitar áreas naturais é: ( ) incômodo ( 100% ) agradável?

100% da amostra declarou ser agradável visitar áreas naturais.

2. A degradação ambiental e os desdobramentos sociais que isso gera, são temas no seu cotidiano?

( 30 ) Sim ( 9 ) Não.

De que maneira? \_\_\_\_\_

##	GRUPO A
1	Sim - nas dinâmicas da escola sempre tem esse tema.
2	Sim - A poluição do ar em São Paulo ataca minha rinite há dois anos desde que me mudei para lá.
3	Sim - hoje em dia isso é um problema geral, alguém tem que descobrir como reverter isso de vez.
4	Sim essas queimadas, e a ausência do governo nessas questões.
5	Não
6	Sim – Vi no noticiário, cada dia as coisas ficam piores

7	Não
8	Sim – Recentemente troquei as sacolas retornáveis para não usar as de plástico.
9	Sim – de um lado tem as secas, de outro tem as geleiras derretendo
10	Não
11	Sim – as tartarugas e os canudos de plástico.
12	Sim - Me interessei pelo assunto mas deixei de procurar, só notícia ruim.
13	Sim – a poluição do ar, o desmatamento, a poluição dos rios.
14	Sim- o desmatamento da Amazônia.
15	Sim - Hoje em dia tem muito lixo na praia, o mar traz de volta, fica difícil frequentar.
16	Não- Até hoje está longe da minha realidade.
17	Não
18	Sim – Esta em todo lugar, no noticiário, na internet...
19	Sim- Troquei o copo de plástico descartável por um emborrachado, carrego dentro da bolsa
20	Sim – o desmatamento das florestas pra fazer pasto.
21	Sim - eu economizo tempo no banho, compro orgânicos de produtores locais sempre que possível
22	Sim - dá pra ver que as pessoas estão se esforçando mais pra cuidar da natureza nos dias de hoje.
23	Sim – Na minha idade consigo perceber o clima menos estável que há 15, 20 anos atrás... as estações eram bem definidas. Eu consigo perceber essa degradação nos dias de hoje.
24	Sim- o aquecimento global, os temporais, a mudança do clima
25	Sim - essas queimadas, e a ausência do governo nessas questões.
26	Sim - Nós reciclamos nosso lixo.

<b>##</b>	<b>GRUPO B</b>
1	Não
2	Sim – Vivemos procurando um equilíbrio nesses tempos.
3	Não

4	Não
5	Sim – Eu não sei muito a respeito, mas tem notícias desse tipo com muita facilidade.
6	Sim - Converso com o meu marido quando passa notícias na tv.
7	Não
8	Sim – Por todo lado a gente recebe as notícias do que está acontecendo, na internet, no Instagram.
9	Sim - Gastando menos energia, investindo em energia limpa.
10	Sim- eu tento cuidar do meu consumo, compro só o que preciso, reutilizo o que da pra reutilizar.
11	Sim - Acabamos de ver essa tragédia ambiental aqui.
12	Sim - Sou bióloga então me deparo com isso a todo momento.
13	Sim – O problema é complexo, mas recentemente adquiri uma composteira, o lixo não some depois que você descarta.

3. Você sabe que existe em Brumadinho atividades de mineração? ( 39 ) Sim ( ) Não

3.1 De alguma maneira, as recentes notícias sobre a mineração em Brumadinho, influenciaram a sua decisão de visitar o Inhotim? (3) Sim (36) Não

Como? \_\_\_\_\_

##	
16	Sim - Viemos pra ficar em Brumadinho e ajudar a cidade e as pessoas daqui.
3	Não - Pesquisamos na internet e ficamos curiosos em visitar.
9	Sim - Influenciou, quase desisti por causa das ameaças de deslizamento de outras barragens na região.
8	Sim – “Quis vir logo porque disseram que poderia fechar novamente”.
10	Não – “Influenciou não até porque se tivesse influenciado eu não estaria aqui”.

4. Você acredita que suas atividades cotidianas, fora daqui, tenham alguma relação com a atividade minerária? ( 17 ) Sim ( 22 ) Não Como: \_\_\_\_\_

##	GRUPO A
12	Sim – é da mineração que vem todo o ferro do mundo.
26	Sim, Sim a mineração existe pra atender as pessoas
13	Sim- O petróleo, combustível dos carros...
6	Sim, a mineração é fonte de riqueza para o estado
20	Sim, a natureza e a origem de tudo, o governo desse país não valoriza o que tem
6	Sim - Aqui em Minas a mineração é forte.
7	Sim - O ciclo começa tirando da natureza.
19	Não- Tem dois anos que eu trabalhei na Vale.
10	Sim, o homem tem que aprender a controlar melhor os recursos em seu próprio favor.
24	Sim todo mundo aqui na região tem relação com a mineração
13	Sim, acredito que sim para o Brasil é uma importante fonte de exportação
2	Sim, cada um tem que se responsável pelo que consome porque tudo vem da natureza.

##	GRUPO B
36	Sim - A relação com o meio ambiente só vai mudar quando o sistema capitalista também mudar.
32	Sim, Sim a mineração existe pra atender as pessoas
28	Sim, o meio ambiente é qualidade de vida e o que acontece do outro lado do mundo interfere aqui também.
31	Sim, mas indiretamente. Muita poeira, saúde respiratória, e acaba com o meio ambiente. Para Brumadinho é complicado porque a cidade não tem estrutura, acaba que é diretamente ne.
30	Sim, um dia todo ferro que existe esteve debaixo do chão e foi feito na mineradora

5. Você sabia que aqui no Inhotim, existe uma RPPN de proteção de Cerrado e Mata Atlântica?

( 6 ) Sim            ( 32 ) Não

5.1 Ficou sabendo aqui, ou já sabia? \_\_\_\_\_

##	GRUPO A
----	---------

25	Não sabia. Ficou sabendo aqui visitando o Viveiro Educador
26	Não sabia. Ficou sabendo aqui visitando o Viveiro Educador.
22	Não sabia. Ficou sabendo aqui visitando o Viveiro Educador.
8	Já sabia. Ficou sabendo aqui em vistas anteriores.
11	Já sabia. Ficou sabendo aqui em vistas anteriores.

<b>##</b>	<b>GRUPO B</b>
37	Já sabia. Ficou sabendo aqui em visitas anteriores.
38	Já sabia. Ficou sabendo aqui em visitas anteriores.
35	Já sabia. Ficou sabendo aqui em visitas anteriores.
36	Não sabia. Ficou sabendo com a Visita Especial com o Curador Botânico.
32	Já sabia. Ficou sabendo aqui. “Trabalhei aqui entre 2011 2012. ”

6. O que te motivou a visitar o Instituto Inhotim?

<b>##</b>	<b>GRUPO A</b>
1	Conhecer as obras.
2	Conhecer o museu.
3	Indicação de amigos e pesquisei na internet e decidi vir
4	Ver as obras
5	Indicações de amigos
6	Conhecer o Museu
7	Caminhar, ouvir o silencio
8	Fugir da loucura que é BH no meio da semana
9	Aqui é muito encantador para vir so uma vez na vida
10	Dia de folga, esquecer trabalho

11	Só de estar aqui novamente já valeu a pena
12	Ter contato com o mundo da arte
13	Descansar e aproveitar o tempo com a família
14	Aproveitar o recesso
15	Conhecer a galeria do artista Tunga (True Rouge)
16	Conhecer as obras
17	Ver as obras
18	Descansar, curtir o feriado
19	Passear, relaxar
20	Ver as obras
21	Ter um momento agradável
22	Vim há muito tempo, queria ver as obras novas, visitar o museu
23	A reabertura do Inhotim.
24	Tem algumas obras novas que ainda não vi
25	Moro em BH, venho sempre que dá, para relaxar
26	Eu gosto de estar aqui.

<b>##</b>	<b>GRUPO B</b>
1	Minha irmã me indicou o passeio ai viemos juntas.
2	Trazer minha irmã para conhecer. Curtir esta experiência única
3	Aspecto botânico, (orquidário)
4	Ver as obras
5	Passeio em família, trazer as crianças para as atividades
6	Vim trazer as crianças para as atividades da semana das crianças
7	Aproveitar a folga do recesso
8	Os filhos pediram pra vir então aproveitamos as atividades dessa semana.

<b>9</b>	Já conheço o Instituto, faço parte do Programa Amigos do Inhotim. Venho bastante desde 2015. Meu interesse maior hoje é o acervo botânico. (Vista Juliano)
<b>10</b>	Visita Especial com o Curador Botânico (primeira vez nessa atividade)
<b>11</b>	Visita Especial com o Curador Botânico
<b>12</b>	Visita Especial com o Curador Botânico
<b>13</b>	Visita Especial com o Curador Botânico

7. A sua visita no Inhotim tem duração de quantos dias? (Qual dia é esse?) Primeiro dia de todos.  
 1     2     3     4 ou mais

Aqueles que realizaram a visita em dois dias vieram motivados pela visita com o curador botânico e já visitaram em outras vezes o Instituto.

8. Você conseguiu fazer ligações da sua experiência aqui no JBI, com sua realidade cotidiana?  
 Sim     Não  
De que maneira? \_\_\_\_\_

<b>##</b>	<b>GRUPO A</b>
<b>23</b>	Sim, a horta na casa da minha mãe, da minha avó... Jardim dos sentidos
<b>3</b>	Não tivemos tempo pra detalhes.
<b>10</b>	Não, não conheço nenhum lugar assim.
<b>22</b>	“Minha avó fazia esse chá da folha de capim cidreira e costurava a tarde inteira. Lembro do cheiro que ficava no quarto de costura todo dia de tardinha”. (referindo-se ao jardim dos sentidos)
<b>15</b>	Não, “só consigo pensar no quanto eu queria que esse fosse o mundo real”.
<b>14</b>	Não muito, estou sempre trabalhando então não sobra muito tempo pra passear.
<b>19</b>	Sim – Todo dia tem turistas na cidade procurando [o Instituto]
<b>4</b>	Sim- me lembrou as aulas de yoga que eu frequento em Boituva, fiz uma pratica rapidinho, sensação de relaxamento...
<b>20</b>	Sim cotidiano não, mas me lembrou as férias na fazenda. A natureza, os passarinhos.

11	Sim reconheci algumas plantas como antúrio, copo-de-leite, costela-de-Adão.
25	Não. Eu diria que não porque o JB contrasta bem com o externo. De BH até aqui é uma viagem pelo caos urbano, a pobreza, as marcas da mineração... e aqui como se fosse oásis.
8	Sim – Parece os parques de fora, ia bastante pra aproveitar o tempo.
2	Não – Eu moro em apartamento, em campinas.
26	Sim- tem plantas que eu já vi costela-de-adão, as orquídeas...

##	GRUPO B
28.	Sim - “(...) o mesmo cheiro do quarto na lua de mel, as flores deixavam um cheiro em todo o quarto. Voltei no tempo, 12 anos atrás”. Lembrar o nome da flor. (Vista Panorâmica)
29	Sim – Cultivo orquídeas lembrei delas.
32.	Sim - Eu venho toda semana praticamente, as crianças pedem para vir, participar das atividades. É um costume.
36.	Sim- Chupei jabuticabeiras no pé! Não fazia isso há anos.(Vista Com o Curador Botânico)
38.	Sim. Tenho muitas plantas daqui, sempre que venho levo uma muda pra casa. (Vista Com o Curador Botânico)

9. Numa escala de 0 a 10, quanto você daria para as sensações em relação a experiência com o JBI?

SENSAÇÕES	GRUPO A	GRUPO B
Tranquilidade	13:10; 10:9 e 3:8	8:10; 4:9 e 1:8
Deslumbramento	7:10; 6:9; 7:8; 2:7 e 4:8	9:10; 2:9 e 2:8
Contemplação	9:10; 5:9; 5:8 e 7:7	6:10; 5:9 e 2:8
Reflexão	2:10; 4:9; 3:8; 5:7; 6:6 e 6:5	5:9; 2:8; 6:7
Curiosidade	5:10; 6:9; 5:8; 2:7 e 8:5	4:10; 5:9 e 4:8
Criatividade	4:8; 10:7; 3:6; 2:4; 3:2 e 4:0	3:10; 3:9; 3:7; 3:6 e 1:4
Introspecção	6:9; 5:8; 7:7; 2:6; 1:5 e 5:4	7:7; 2:6; e 4:2
Extroversão	1:8; 5:7; 1:6; 5:5; 6:4; 6:3 e 2:2	5:7; 1:6; 3:5; 2:4 e 2:3
Integração com o espaço	2:9; 3:7; 7:6; 5:5; 3:4; 5:3 e 1:1	4:8; 3:7; 3:6 e 3 :5
Espiritualidade	26:0	13:0
Integração com os visitantes	2:9; 4:7; 1:6; 9:5 e 10:4	3:9; 2:8; 3:7 e 5:5
Artificialidade	26:0	13:0
Isolamento	26:0	13:0

A partir desse momento, gostaria que vocês respondessem as questões dando uma nota para cada pergunta considerando uma escala onde 0 é nada e 10 é muito.

10. Sobre os elementos placas, informativos existentes no jardim, que nota você daria para a interferência deles em sua experiência? Pode me dar um exemplo? \_\_\_\_\_

##	NOTA	GRUPO A
1	5	Poderia ser melhor sinalizado.
2	6	Faltou sinalização. As distancias entre as galerias facilitaram com que a gente se perdesse alguma vezes.
3	5	Não vi muitas placas.
4	9	Bom porque dá um norte para quem está visitando.
5	10	As placas com o mapa de origem das plantas, interessante saber da história por tras.
6	2	Eu fiquei perdida, não encontrei placas perto pra me dar uma informação.
7	7	Poderia ter mais placas.
8	5	Acho que poderia ter mais placas para ajudar na noção de tempo para andar pelo jardim.
9	7	Se eu não conhecesse aqui ia ficar perdido.
10	7	Facilitou o entendimento.
11	8	É a terceira vez que visito o Inhotim e ainda me perco, não que seja ruim, mas muitas pessoas vem de longe, e perdem tempo com isso.
12	6	...percebemos isso com as placas, que o nome de algumas plantas tem a ver com o formato dela. Ficamos procurando essas semelhanças nas que vimos no caminho.
13	9	Bem sinalizado.
14	8	Na verdade não parei pra ler, mas tem bastante plaquinhas.
15	10	Achei bem sinalizado as galerias as obras
16	7	O caminho que a gente fez foi bem sinalizado, mas a minha filha seguiu mais adiante e voltou pq não encontrou nenhuma sinalização. Depende do lugar que a pessoa estiver.
17	6	Achei o mapa confuso e pouca informação no meio do caminho.
18	5	Influenciou um pouco, usei o mapa.

19	4	Não prestei atenção, mas porque quis ver mais as galerias.
20	7	Adorei saber de onde cada planta veio.
21	9	... curioso que eles colocaram no mapa os destaques artísticos e os destaques botânicos também.
22	7	A área é muito grande. Eu gostaria de ter visto mais placas de mais plantas, saber de onde aquela planta veio. Eu teria aproveitado mais o jardim, assim como as galerias”.
23	8	Bem sinalizado mas foi mais fácil perguntar o pessoal do transporte [transporte interno]
24	6	Muitas árvores não tinham placas
25	7	A informação das obras dentro das galerias é mais completa que as obras ao ar livre.
26	7	Tem pouca informação de uma galeria para outra, mas foi bom porque o caminho é bonito.

##	NOTA	GRUPO B
27	10	Como o guia falou o jardim fica mais chamativo com as placas.
28	8	A informação das placas nem tanto, o Claudio [mediador] falou bem mais.
29	9	A ideia de contar a história das plantas me faz reparar mais no jardim.
30	0	-
31	10	Bem sinalizado, organizado.
32	10	Faz tempo que não olho placas porque já conheço o Inhotim. Mas eles fazem manutenção com frequência.
33	8	Fiquei curiosa depois que o guia falou sobre o que é etnobotânica e as placas.
34	10	Eu prestei atenção na planta quando olhava para a plaquinha, o lugar de onde aquela planta veio, o nome e o formato
35	9	Poderiam disponibilizar informações de como os jardineiros cuidam de todas as plantas, como sabem do que elas precisam. Esse tipo de informação é interessante para o público se envolver com a dinâmica do jardim.
36	9	Também acho interessante saber como cuidar de todas as plantas se cada uma veio de um lugar com características diferentes.

<b>37</b>	8	Na minha opinião a melhor forma de informar falar do acervo botânico e assim, igual a gente fez agora, conversando.
<b>38</b>	10	Eu adorei que eles vão estender as informações do acervo botânico, um baita potencial a ser explorado no jardim.
<b>39</b>	10	É bom estar de volta porque sempre tem coisas acontecendo. A sensação é de muito aprendizado.

11. Você percebe algum tipo de integração entre o Acervo Artístico e o Acervo Botânico? Qual?

<b>##</b>	<b>NOTA</b>	<b>GRUPO A</b>
<b>1</b>	10	Sim - Os prédios com as plantas soa futurístico.
<b>2</b>	9	Sim- Parece encaixado
<b>3</b>	10	Sim O prédio da Adriana Varejão aparenta brotar da terra.
<b>4</b>	10	Sim a paisagem se completa
<b>5</b>	7	Sim Parece que estou num filme ou numa pintura.
<b>6</b>	10	Não sei dar um exemplo, mas é a sensação é de perfeição.
<b>7</b>	10	Sim a galeria do som da terra.
<b>8</b>	10	Sim - Os prédios camuflam nas folhagens, o trabalho de paisagismo aqui faz parecer simples.
<b>9</b>	7	Não, não entendo de arte. Pra mim foi o jardim com algumas artes.
<b>10</b>	0	-
<b>11</b>	10	Sim esse arranjo é cheio de beleza e inovação na medida certa.
<b>12</b>	10	Sim – um trabalho minucioso de engenharia, arquitetura...
<b>13</b>	10	Sim – Tudo está milimetricamente no lugar, funcional.
<b>14</b>	10	Sim os bancos de troncos de arvore são obras de arte.
<b>15</b>	10	Sim tem bastante espaço para percorrer entre as galerias. Deu para andar tranquilo, olhar as obras ao ar livre, entrar nas galerias..
<b>16</b>	0	-

17	0	Não pois percebi que eles não utilizaram matéria prima daqui. Muita coisa foi trazida pra cá.
18	10	Muito harmônico.
19	0	-
20	10	A obra que tem o som da Terra.
21	10	Acho que é essa combinação improvável que todo mundo me falou pra visitar daqui.
22	10	Sim. Eu vi que fizeram os arranjos da portaria e do restaurante com flores daqui. Eu perguntei e são eles que fazem.
23	0	-
24	10	Sim o jardim é uma obra de arte.
25	10	Sim A obra da árvore suspensa de bronze simboliza a importância que o Inhotim dá para o meio ambiente. (Giuseppe Penone)
26	10	As obras com apelo para a natureza. O banco com as plantas alucinógenas e os passarinhos o exemplo.

##	NOTA	GRUPO B
27	10	Sim – As plantas dão a sensação de harmonia.
28	10	Sim- As obras com o tema da natureza como a que o Claudio [mediador] explicou [Inmensa]
29	9	Sim - Até o material das obras remete foi pensado pra representar a terra da mineração aqui na região (Referindo-se a obra Inmensa, reprodução de comentário feito durante mediação)
30	10	Sim – Maior paz e tranquilidade e harmonia.
31	10	Sim A galeria da Adriana Varejão representa a natureza.
32	10	Sim - As obras ao ar livre combinam com o jardim.
33	10	Sim- As obras combinam com as plantas ao redor, o lugar que cada obra foi colocada foi programado, a cor dessa obra. Não parece que as galerias tem o tamanho que tem porque as arvores disfarçam com ao redor...

<b>34</b>	10	Sim As plantas combina com cada uma das galerias, é intencional né.
<b>35</b>	-	- *não foi feita a pergunta para esse participante.
<b>36</b>	10	Sim - Da vontade de morar numa das galerias, e ficar olhando o jardim.
<b>37</b>	10	Tem algo de selvagem na arte moderna que não reflete na não-selvageria do jardim. Ao mesmo tempo que me sinto segura para caminhar pelas trilhas, as galerias e obras vão surgindo e me deixa pasmem, boca aberta o caminho todo.
<b>38</b>	10	Sim os jardins e as galerias transitam junto com cada espaço do Instituto.
<b>39</b>	10	Sim. As galerias são prédios enormes, mas mal da para perceber. As arvores e os prédios, as flores, o lago tudo integra perfeitamente na paisagem.

12. Quanto você diria que o paisagismo do JBI facilita a sua percepção sobre a importância das plantas para a manutenção da vida humana? De que maneira?

<b>##</b>	<b>NOTA</b>	<b>GRUPO A</b>
1	6	Gostaria de saber mais sobre isso.
2	8	É prazeroso estar aqui, isso que me dá vontade de voltar, ter umas plantas no apartamento...
3	10	Acho que mostra para a gente como a natureza é perfeita e pode ser nossa casa também.
4	10	Com plantas de tantos lugares diferentes num lugar só significa que precisamos cuidar de todos os ecossistemas no planeta para que o ciclo da vida de mantenha
5	9	A gente sabe que sem as arvores e florestas não tem ar fresco. Mas viver na correria da cidade faz com que a gente esqueça disso. O ar daqui é diferente. Da para perceber a importância das plantas para a vida.
6	0	-
7	10	Sem as plantas não há vida.
8	10	Instiga o desejo pelos espécimes primeiramente, pelas cores, formatos. Abre caminhos para que as pessoas se interessem por um estilo de vida mais natural.
9	8	Venho por lazer, distrair a cabeça.
10	10	As florestas são o pulmão do mundo.

11		-
12	0	Se tivesse mais informação sobre as plantas talvez eu tivesse prestado mais atenção.
13	7	“(…) eu não diria para a vida dos seres humanos, mas aqui tem essa brisa de ar puro, esse frescor das sombras das árvores (…)”.
14	0	-
15	10	O paisagismo aproxima as pessoas da natureza através beleza.
16	0	A pessoa já vem para cá sabendo da importância das árvores para o oxigênio, para manter o habitat dos animais.
17	0	Belíssimo o jardim, mas não fui por esse lado não.
18	0	-
19	0	-
20	0	-
21	9	É importante pra motivar viver mais ao ar livre.
22	8	É importante ver coisas bonitas pra alegrar a vida.
23	0	-
24	9	Aqui a gente sente como as plantas deixam os ambientes mais leves.
25	0	-
26	5	-

##	NOTA	GRUPO B
27	8	Eu estava perdida no início da atividade, mas o guia foi mediando o caminho ali na hora que fiquei animada. Me senti mais próxima da natureza e quis saber mais, ser mais responsável com ela [a natureza].
28	10	Aqui eu lembro como é bom ficar perto da natureza, acho que isso é uma maneira de conscientizar as pessoas sobre isso. Eu.
29	9	Fiquei pensando como o ser humano destrói a natureza que um dia já foi assim.

30	6	É variedade vida de passarinhos, bichos, broto. O ser humano consegue viver no asfalto, no concreto mas enquanto a floresta está fazendo a limpeza do ar
31	5	Antes do deslizamento tinha mais eventos como este, informação disponível.
32	7	São tantas espécies de tantos lugares diferentes que é triste pensar que um dia muitas outras foram extintas.
33	10	Facilita sim porque aqui a gente pensa na questão da água, do desmatamento, da mineração aqui na região que o guia comentou
34	0	-
35	10	Para nós humanos e para a vida no geral. Os pássaros e os bichos endêmicos que encontram a RPPN Inhotim para reprodução e alimento por que no entrono e escasso diz sobre a importância das plantas para existência da vida num todo.
36	5	É preciso mais que um jardim para educar as pessoas.
37	10	“... eu estava tranquila, contemplando a paisagem. Quando me virei para aquelas montanhas áridas.... Senti o chão sair dos meus pés! Todo o resto da visita teve outro significado para mim.” [sobre o contraste entre as paisagens do Inhotim e do entorno durante a visita ]
38	9	Acho que resgatando o prazer de estar em um ambiente natural, sem medo.
39	5	O paisagismo somente não consegue chegar a essa clareza. É preciso tempo e investimento para que a sociedade transforme os hábitos.

13. Quanto você diria que a sua experiência no jardim influenciou o seu aspecto:

( ) Racional                      ( ) Emocional

**# GRUPO A    RACIONAL    EMOCIONAL    #GRUPO B    RACIONAL    EMOCIONAL**

<b>1</b>	5	7	<b>27</b>	5	5
<b>2</b>	6	8	<b>28</b>	7	8
<b>3</b>	8	9	<b>29</b>	10	10
<b>4</b>	7	9	<b>30</b>	5	7
<b>5</b>	5	5	<b>31</b>	6	9
<b>6</b>	8	7	<b>32</b>	9	9
<b>7</b>	6	6	<b>33</b>	7	8
<b>8</b>	4	5	<b>34</b>	3	5
<b>9</b>	7	8	<b>35</b>	7	7

10	6	7	36	6	9
11	5	5	37	8	7
12	2	5	38	8	7
13	5	6	39	10	10
14	3	3			
15	8	8			
16	4	6			
17	5	5			
18	5	7			
19	6	7			
20	0	3			
21	8	7			
22	6	4			
23	5	7			
24	5	5			
25	3	5			
26	5	7			

14. Quanto você diria que estar presente no jardim instigou a utilização dos seus cinco sentidos. Pode me dar um exemplo?

AUDIÇÃO			
GRUPO A (26)		GRUPO B (13)	
17 :10; 6 : 9; 3 : 8.	Passarinhos (22); Silencio (2); Canto das cigarras (1); Som do vento (1)	11 :10; 2 : 9.	Passarinhos (9); riacho (1); sons da natureza (1); Folhas secas (1); Silencio (1),

OLFATO			
GRUPO A (26)		GRUPO B (13)	
19 :0; 4:8; 2 :6	Ar fresco (3); do mato (1); Eucalipto (2)	6 :0; 4 :5; 2 :3; 1 :2;	Flores (2); Terra molhada (1); Frutas (3); de natureza (1).

PALADAR			
GRUPO A (26)		GRUPO B (13)	
22 :0;	“Capuchinha” jardim dos sentidos (2); “Erva doce” jardim dos sentidos (1); “Jabuticaba” (1)	3 :7;	“Frutas” (3); “Uvaia”, Visita Curador B (1); “Palmito da índia” Visita Curador B (1); “Jabuticaba” Vista curador B (1); “Banana rosa” curador botânico (2); “capuchinha” curador botânico (1)
2 :3;		4 :5;	
1 :2;		2 :3;	
1 :1.		4 :0.	

VISÃO			
GRUPO A (26)		GRUPO B (13)	
26 :10	“Variedade de plantas” (1); “Diversidade de plantas” (1); “Quantidade de espécimes diferentes” (1); “Alameda das Palmeiras – entrada” (1); “ Formas das arvores” (1); “As Cores” (2); “orquideas” (1), “A luz natural” (1); “Animais no habitat” (1); “Beija-flor” (1); “Combinações dos espécimes” (1); “Lagos“ (2); “Patos” (2); “Abundância de Verde” (1); “A grandiosidade da natureza” (1); “Altura das arvores” (1); “Limpeza do ambiente” (1); Paisagem (1); “Organização do jardim” (1); “A combinação das plantas“ (1); “Floresta ao redor” (1); “As montanhas” (1); “Dimensão das galerias” (1)	13 :10	“Ninho de passarinho” (2), “Variedade plantas” (1) “Beija-flor” (1) “A cor lagos” (1) “Esquilo“ (1) “Número espécies” (1) “Paisagem” (1) “Variedade costela adão” (1) “Diferença palmeiras” (1) “ Casca cigarras” (1) “ Caminho imprevisível” (1)

TATO			
GRUPO A (26)		GRUPO B (13)	
22:0;	“Sentamos na grama” (1); “Descansei na grama” (1);	6:5;	“Peguei a cabaça no pé, pesado” (1); “Flores” (1); “Folhas” (1); “Casca de cigarras” (2);
2:5;		2:7;	
2:3.		5:0.	

	“Peguei no peixinho da horta” jardim dos sentidos (1); “Clima agradável” (1).		“Inhame roxo” (1); “Peguei a jabuticaba” (1); “Peguei as sementes” - curador botânico disponibilizou (1)
--	--	--	--

15. De alguma maneira a sua visita está te inspirando a se envolver mais com o mundo das artes, após o seu retorno? Qual modalidade você destacaria? \_\_\_\_\_

Sim (4) Não (35)

##	GRUPO A
27 B	“Sim, saio daqui mais curiosa do que quando entrei” - Não destacou modalidades.
2 A	“Sim, pesquisando mais sobre a arte contemporânea.” - Não destacou modalidades.
5 A	“só gosto das [obras] que são interativas”.
39 B	Fotografar é o meu mais novo hobbie.
22 A	“Eu pintava na juventude (...) comecei com enxovais para ajudar minha mãe, e depois comecei a pintar quadros, por prazer. Me deu vontade de pintar novamente”.
15 A	“(…) eu fiquei curiosa para saber mais da vida dele [artista] e do que ele pensou pra fazer a obra daquele jeito. Cada artista faz diferente (...)”

16. Essa visita te inspirou a rever seus hábitos em prol do meio ambiente? Você poderia me dar um exemplo?

\_\_\_\_\_

Sim ( 10 )      Não ( 29 )

7 A	Sim. Tudo é tão limpo! Não tem lixo no chão!
5 A	Sim - Me inspirou a fazer algo pela natureza, separar o lixo.
11 A	Sim - Comprei uma plantinha para levar pra casa.
21 A	Sim. Buscar estar em ambientes abertos e agradáveis.
14 A	“Tentamos ver o máximo de galerias e andamos muito! Não vimos um lixo jogado no chão no caminho todo. Se cada um faz a sua parte não é?”
27 B	Sim – Buscando mais informações sobre essas questões
38 B	O principal é estar atento ao que ao que consumimos no dia a dia ne (uma das pautas da visita com o curador botânico)

36 B	Sim - Quero vir mais vezes pra Brumadinho. Com certeza tem ainda gente precisando de apoio (tema abordado na visita panorâmica sobre as consequências psicológicas e financeiras para a comunidade depois do deslizamento da barragem).
31 B	Continuar buscando justiça pra limparem a bagunça que fizeram no meio ambiente (pauta abordada durante visita mediada)
33 B	Sim – Gostei da atividade de hoje e vamos continuar com as crianças em casa, trazendo o tema, cultivando o gosto pelas plantas além do celular (Volta ao mundo)